

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP
Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara

JULIANO MOMENTI BUSNARDO

O DISCURSO DO NEGACIONISMO CLIMÁTICO:
embate contra o consenso científico

Araraquara
2025



JULIANO MOMENTI BUSNARDO

O DISCURSO DO NEGACIONISMO CLIMÁTICO:

embate contra o consenso científico

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, para obtenção do título de mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Área de Concentração: Semiótica,
Discurso e Dialogismo

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marina Célia
Mendonça

Araraquara

2025

B979d Busnardo, Juliano Momenti
O discurso do negacionismo climático : embate contra o
consenso científico / Juliano Momenti Busnardo. -- Araraquara,
2025
101 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Marina Célia Mendonça

1. Análise do discurso. 2. Aquecimento global. 3.
Negacionismo climático. 4. Podcast. I. Título.

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

Esta pesquisa busca expor e analisar o discurso do negacionismo climático em um dos contextos mais importantes e mais atualizados que se tem no Brasil, articulando a Análise Dialógica do Discurso como ferramenta de análise. Dessa forma, busca-se desvelar os aspectos ideológicos desse discurso, enfrentando o negacionismo científico na sociedade e nas redes, servindo de apoio a um diagnóstico mais preciso da realidade brasileira em torno da crise climática.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

This research seeks to expose and analyze the discourse of climate change denial in one of the most important and contemporary contexts in Brazil, using Dialogical Discourse Analysis as an analytical tool. In this way, it aims to unveil the ideological aspects of this discourse, confronting scientific denial in society and on social media, thus supporting a more precise diagnosis of the Brazilian reality surrounding the climate issue.

JULIANO MOMENTI BUSNARDO

O DISCURSO DO NEGACIONISMO CLIMÁTICO:

embate contra o consenso científico

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, para obtenção do título de mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Área de Concentração: Semiótica, Discurso e Dialogismo

Data da defesa: 27/08/2025

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Marina Célia Mendonça
UNESP - Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara

Prof^a. Dr^a. Camila Cristina De Oliveira Alves
University of the Witwatersrand

Prof^a. Dr^a. Renata Maria Facuri Coelho Marchezan
UNESP - Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, professora e educadora, e que sempre foi um exemplo, me apoiando excepcionalmente durante a vida toda.

À minha família, por todo amor, inclusão e estrutura que garantiram o desenvolvimento pessoal necessário para se alcançar a vida adulta e o ensino superior.

À minha namorada, por me apoiar incondicionalmente, me fazendo nunca desistir e sempre acreditar em mim mesmo frente a qualquer desafio.

À minha orientadora, que esteve ao meu lado desde a graduação, durante todos meus estudos, sempre auxiliando nos momentos de dúvida e apreensão.

Aos professores e às professoras da pós-graduação e aos colegas pós-graduandos da Unesp/Araraquara, que compartilharam seus conhecimentos, suas experiências e seus conselhos, numa relação construtiva, de igualdade e companheirismo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o discurso do negacionismo climático no Brasil no começo da década de 2020, tendo como base um de seus principais enunciadores, Ricardo Felício. O *corpus* se trata de um episódio do *podcast* Conversa Paralela, publicado no ano de 2022 pelo canal da produtora Brasil Paralelo no Youtube, que convida Ricardo Felício e Alexandre Costa para tratar do tema “Aquecimento Global é uma Farsa?”. O discurso negacionista do clima se opõe ao discurso consensual da ciência que defende a ideia do Aquecimento Global Antropogênico, criando polêmicas na mídia e influenciando a opinião pública a respeito do tema. A base teórica que orienta esta pesquisa, em Análise Dialógica do Discurso, são escritos de Bakhtin, o Círculo e seus comentadores – Bakhtin (2011), Volóchinov (2013, 2017), e Brait (2005, 2006, 2013). O interesse desta pesquisa recai sobre as concepções de diálogo, gêneros do discurso, ideologia, esfera de atividade, enunciado, interação social, tema e significação. A análise demonstra como o discurso negacionista do aquecimento global protagonizado por Ricardo Felício se atualiza, com base nas pesquisas feitas anteriormente, adquirindo novas características e aproximações ideológicas mais marcadas, passando a admitir ser instrumentalizado pelas vozes da extrema-direita no Brasil. Este objeto de estudo é amparado pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU número 13, “Ação contra a mudança global do clima”, visto que o negacionismo funciona de modo a disputar a opinião pública sobre o tema, criar polêmica e estagnar a população frente às mudanças necessárias para enfrentar o aquecimento global.

Palavras-chave: análise do discurso; aquecimento global; negacionismo climático; *podcast*.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the discourse of climate change denial in Brazil in the early 2020s, based on one of its main speakers, Ricardo Felício. The corpus consists of an episode of the podcast *Conversa Paralela*, published in 2022 on the YouTube channel of the production company *Brasil Paralelo*, which invites Ricardo Felício and Alexandre Costa to discuss the topic "Is Global Warming a Hoax?". Climate change denial discourse opposes the consensual scientific discourse that defends the idea of anthropogenic global warming, creating controversy in the media and influencing public opinion on the topic. The theoretical basis guiding this research, in Dialogical Discourse Analysis, is the writings of Bakhtin, Bakhtin's circle, and its commentators in Brazil — Bakhtin (2011), Voloshinov (2013, 2017), and Brait (2005, 2006, 2013). This research focuses on the concepts of dialogue, discourse genres, ideology, sphere of activity, enunciation, social interaction, and "theme and signification". The analysis demonstrates how Ricardo Felício's global warming denial discourse is updated, based on previous research, acquiring new characteristics and more pronounced ideological approaches, and now admitting to being instrumentalized by voices from the far right in Brazil. This subject of study is supported by UN Sustainable Development Goal (SDG) number 13, "Climate Action", given that denialism functions to sway public opinion on the issue, create controversy, and stagnate the population in the face of the changes needed to address global warming.

Keywords: dialogic discourse analysis; global warming; climate change denial; podcast.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Participação de Ricardo Felício no Programa do Jô	15
Figura 2 – Ricardo Felício e Leda Nagle	18
Figura 3 – Banner do filme “1964: O Brasil entre armas e livros”	27
Figura 4 – Banner do filme “Cortina de Fumaça”	28
Figura 5 – Lara Brenner e Arthur Morisson	30
Figura 6 – Entrevista com Ricardo Felício e Alexandre Costa	32
Figura 7 – Descrição do vídeo no Youtube	32

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	RICARDO FELÍCIO E O NEGACIONISMO CLIMÁTICO	15
3	O PODCAST CONVERSA PARALELA: “AQUECIMENTO GLOBAL É UMA FARSA?” – UMA ANÁLISE DIALÓGICA	19
3.1	ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO: PONTOS DE PARTIDA DA PESQUISA	21
3.1.1	Diálogo, enunciado concreto multimodal e gênero do discurso	22
3.1.2	Signo Ideológico, Significação/Tema e Campo de atividade	24
3.2	CONTEXTUALIZAÇÃO DA BRASIL PARALELO	26
3.3	O PODCAST CONVERSA PARALELA	30
3.4	O DISCURSO DE RICARDO FELÍCIO SOBRE O AQUECIMENTO GLOBAL.	33
3.5	A INTERAÇÃO COM OS INTERLOCUTORES	42
4	CONCLUSÃO	51
	REFERÊNCIAS	53
	APÊNDICE A - A TRANSCRIÇÃO DO PODCAST	55

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho se insere na investigação das polêmicas que atravessam a discussão sobre as mudanças climáticas e o aquecimento global, colocando em foco um discurso que é contrário ao consenso científico estabelecido pela ciência e por órgãos intergovernamentais e que vem conquistando cada vez mais espaço no debate público, especialmente dentro do campo político da extrema-direita do Brasil.

A análise é feita a partir de um episódio de podcast de nome “Aquecimento Global é uma farsa?”, no podcast *Conversa Paralela*, do ano de 2022, em que os participantes se demonstram contrários ao discurso da ciência sobre as mudanças climáticas, buscando compreender as complexidades e os desdobramentos históricos e ideológicos deste discurso no Brasil.

Essa entrevista foi escolhida por apresentar o que é entendido nesta análise como a consolidação de mudanças em determinados aspectos do discurso do negacionismo climático até então, responsável por evidenciar a confluência de dois discursos: o negacionismo científico, comum às ideologias de extrema-direita contemporâneas, de aspecto mais geral, que negam a autoridade científica, muitas vezes em tom conspiratório (como exemplo, tem-se o movimento antivacina que se intensificou no Brasil durante a pandemia do COVID-19); e o discurso do negacionismo climático, de forma mais específica quando protagonizado por Ricardo Felício, que busca refutar a cientificidade do consenso científico atual enquanto toma a cientificidade para si, em vez de simplesmente negar as autoridades científicas como fazem os outros participantes do podcast.

Além disso, de acordo com Barros et. al.(2024), que, a partir da área da Comunicação, analisaram os dez principais vídeos sobre o tema de negacionismo climático no *Youtube*, o episódio de *podcast* escolhido se trata do vídeo com maior número de acessos e de comentários.

Na entrevista, as vozes presentes são as de dois anfitriões, característicos do programa, e dois convidados: Ricardo Felício, que faz o papel de especialista na área, enquanto o outro, Alexandre Costa, se propõe a complementar a conversa com a parte que trata dos aspectos mais políticos e ideológicos do tema.

Pretende-se então compreender como o discurso do negacionismo climático está se aproximando, abertamente ou até declaradamente, de um discurso alinhado ao campo político da extrema-direita no Brasil.

Este trabalho se ampara na pesquisa de iniciação científica anterior, realizada com bolsa do CNPq, em que foi analisada uma entrevista com o mesmo participante (o ex-professor da USP, Ricardo Felício) de 2012 no Programa do Jô da rede Globo de televisão, fazendo uso das conclusões obtidas nesta pesquisa como base para aprofundar o estudo deste tema, bem como entender a continuidade cronológica e a evolução deste discurso no Brasil. Nessa entrevista, enquanto evento gerador da discussão e da polêmica na mídia em nível nacional neste período histórico, puderam ser analisados o tom valorativo desse discurso, bem como a construção da imagem de si, Ricardo Felício, e de seu outro, a ciência supostamente “comprada”, “enviesada” e “ideológica”. Além disso, pôde ser entendida a proximidade desse discurso com o pseudocientífico, visto nas afirmações provocativas como “o efeito estufa é uma física que não existe”, “a camada de ozônio não existe”. Sendo assim, o trabalho anterior ampara a pesquisa atual, de modo a compreender os desdobramentos dessa polêmica nos cenários posteriores a esse primeiro momento da entrevista de 2012, visto que o entrevistado ainda é um dos principais expoentes na difusão desse discurso no Brasil. Os resultados dessa pesquisa foram publicados em periódico científico (Busnardo; Mendonça, 2024).

Dentre as conclusões da iniciação científica, se revelou importante o conceito de “controvérsias científicas fabricadas”, denotando que, dado os meios epistemológicos da ciência, de se confirmar e tomar como consenso os impactos da atividade humana no clima, frente à popularidade emergente do negacionismo, como pôde ser visto na polêmica do caso estudado na pesquisa, a entrevista na televisão aberta, de abrangência nacional, a aparição de um cientista afirmando que o impacto humano no clima é quase nulo, que não há necessidade de se importar com o que a ciência “ideológica” e “vendida” diz e que as pessoas estão sendo enganadas por esse discurso “mal-intencionado” da ciência, esse movimento não pode ser entendido como a busca de um embate científico legítimo, e sim, como um embate ideológico, que envolve interesses além dos científicos, ou seja, políticos e econômicos. Essa assunção é discutida em Junges e Massoni (2018):

Entendo quais elementos formariam uma controvérsia legítima dentro da ciência e, além dos fatores epistemológicos, também apresentados adiante, como o negacionismo do aquecimento global parte de um movimento ideológico externo à ciência e se foca na busca, não de verdade científica, mas sim de popularidade e de manipulação da opinião pública. (Junges; Massoni, 2018)

Como ponto de partida para o entendimento desse tema, é importante observar o *status* científico das proposições e constatações estabelecidas dentro da comunidade científica e entender que, no momento atual, a teoria do aquecimento global antropogênico se encontra como consenso científico. A dinâmica entre consenso e controvérsia na ciência é parte fundamental do processo de apuração e consolidação de uma ideia científica, tendo em mente que essas ideias precisam ser divulgadas e discutidas de modo a atingirem uma parte ampla desta comunidade. Este é um processo epistemológico estabelecido pela ciência ao longo de seu desenvolvimento e, de acordo com Helen Longino (1990), pode ser entendido como “crítico transformativo”, que enfatiza que o valor científico de cada nova proposição ou ideia só ganha sua relevância científica quando é difundida para toda a comunidade científica, ou seja, quando deixa de ser uma conquista individual e passa ocupar o espaço acadêmico, integrando diversos pontos de vista que transformam os dados experimentais e as hipóteses em conhecimento científico, sendo este “um aspecto central para formação de um consenso científico legítimo” (Longino, 1990).

Indo além, é necessário compreender que o consenso científico faz questão de se sobrepor a outras hipóteses e ideias que, após o diálogo crítico amplo de determinada comunidade científica, não apresentam o impacto necessário para contestar as teorias consensuais, ainda que o desacordo e a resistência possam ser benéficos na promoção do sucesso epistêmico a longo prazo. (Solomon, 2001).

Outro aspecto importante, de acordo com McMullin (1987), é que as controvérsias científicas são eventos históricos, isto é, além de todas as características epistemológicas, para analisar se uma polêmica constitui uma controvérsia científica legítima se faz necessária uma análise histórica, uma tarefa delicada em se analisar os fatores epistêmicos juntamente aos não-epistêmicos.

Tendo como marco inicial a fundação do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, o IPCC, em 1988, as discussões científicas internacionais contemporâneas a respeito do tema caminharam para conclusões de que:

As atividades humanas estão modificando a concentração dos constituintes da atmosfera que absorvem ou espalham energia radiante. [...] A maior parte do aquecimento observado nos últimos 50 anos é provavelmente devido ao aumento nas concentrações de gases-estufa. (McCarthy, 2001).

No entanto, para além de ambientes acadêmicos e conferências do clima para especialistas e governantes, se estima que, conforme Naomi Oreskes (2007) cita algumas revistas de divulgação científica, “2004 foi o ano em que o aquecimento global ‘ganhou respeito”.

Analisando a literatura científica, de acordo com Cook et al. (2013), 97% dos artigos científicos publicados de 1991 até 2011 assumem o aquecimento global antropogênico como consenso científico. Sendo assim, a literatura científica de revisão paritária, no período de duas décadas, apresenta menos de 1% dos artigos em que se nega ou questiona o consenso sobre o aquecimento global antropogênico. Outro estudo de Cook et al. (2016) relaciona a adesão ao consenso científico frente à relevância acadêmica de artigos que tratam deste tema, cuja conclusão é de que os artigos que confirmam o consenso estão em sua maior parte em revistas mais bem avaliadas, enquanto os que o questionam ou o negam raramente chegam a tais revistas. Sendo assim, neste período de pouco mais de duas décadas, entende-se que a discordância a respeito do tema dentro da esfera científica é mínima, considerando a pouca relevância de artigos que contestam esse consenso, quantitativa e qualitativamente.

A problemática se revela quando o tema extrapola a esfera de atividade científica, aparecendo nas esferas jornalística e política, e passa a se constituir no senso comum. O aquecimento global, que é um tema científico que rapidamente chegou a materiais didáticos nas escolas de todo o Brasil (talvez por influência da competência da BNCC EF08CI16 (BRASIL, 2018)), devido a uma minoria de vozes que causou polêmica ao enunciar discursos como “o aquecimento global é uma farsa”, passou, então, a ser descredibilizado e a ser tratado como se houvesse uma disputa dentro da comunidade científica.

Fora da esfera científica, o discurso e os valores científicos passam a ter seus sentidos distorcidos e manipulados, pois com as influências da esfera política e jornalística, passa a ser possível a apropriação e a ressignificação do discurso da ciência, sendo incorporado a discursos ideológicos de determinados alinhamentos políticos, e sendo tratados com sensacionalismo e polêmica por veículos midiáticos.

O fenômeno que se observa no discurso de Ricardo Felício é o que pode ser entendido, por hipótese, como a "reivindicação discursiva de cientificidade" fora da esfera científica, isto é, um recurso discursivo que busca clamar para si a

cientificidade, que é um dos valores da esfera científica. Este fenômeno vem se tornando muito comum em diversos temas e funciona como uma ferramenta de legitimação de um discurso e de quem o fala, de modo que não haja contestação, baseando-se em uma dinâmica de que quem fala é um especialista e quem ouve é um leigo.

Atrelado a isso, é possível perceber que existe, dentro de grupos da nova direita brasileira, o surgimento e a idolatria de determinadas figuras, tratadas como “especialistas”, “gurus” ou “coachs”, que defendem um tipo de conhecimento que não circula no senso comum ou nas instituições públicas, e que muitas vezes representam uma área ou uma visão de mundo que foi, supostamente, colocada de lado e desprivilegiada por essas instituições de maneira injusta.

Veículos de informação como a produtora do podcast analisado, a Brasil Paralelo, fazem uso desses discursos com a ideia da produção de uma “nova verdade”. Por isso, os elementos do discurso do negacionismo climático de Ricardo Felício são bem recebidos neste ambiente e se torna evidente a aproximação ideológica entre esses discursos.

O negacionismo climático, bem como sua recente aproximação ideológica à extrema-direita, ainda é pouco descrito e debatido pelo viés da análise dialógica do discurso, o que pode ser um olhar fundamental para se compreender o negacionismo e sua expansão em diversos ambientes discursivos – nesse aspecto se justifica esta pesquisa.

Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa é entender o discurso negacionista sobre o aquecimento global no Brasil, protagonizado por Ricardo Felício em uma participação no *podcast* “Conversa Paralela” em 2022. Os objetivos específicos da pesquisa são: 1) compreender o diálogo de Ricardo Felício com o consenso científico relacionado ao aquecimento global; 2) identificar alterações do discurso negacionista de Ricardo Felício; 3) compreender como o discurso negacionista a respeito do aquecimento global se coloca em relação com outras esferas de atividade (política, jornalística e religiosa) e os valores ideológicos presentes nesses discursos no período em questão.

Em consonância com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), deferidos pela ONU, esta pesquisa se relaciona diretamente com o objetivo número 13, que se trata da “Ação contra a mudança global do clima”. Mais especificamente, o ponto 13.3, que prevê “melhorar a educação, aumentar a conscientização e a

capacidade humana e institucional sobre mitigação, adaptação, redução de impacto e alerta precoce da mudança do clima”, é completamente amparado nessa pesquisa, uma vez que debater o negacionismo e entender suas características discursivas é uma maneira eficaz de neutralizar a sensação de dúvida e de confusão que acaba sendo transmitida pelos negacionistas e que acabam manipulando a opinião pública a respeito das mudanças climáticas, estagnando a população frente às mudanças necessárias para combater as causas e os efeitos do aquecimento global. Nesse aspecto reside a relevância social deste trabalho.

Este trabalho, que se insere na Análise Dialógica do Discurso, pretende analisar os elementos discursivos e ideológicos materializados nos enunciados, dando conta da complexidade do sentido desses enunciados quando são atualizados em novo *tema* (Volóchinov, 2017), além da preocupação em considerar as características da esfera da comunicação científica e o deslocamento desses discursos para as esferas jornalística e política - a articulação entre os diversos campos do saber, enfim, se impõe como exigência pela característica do próprio tema, que é multidisciplinar. Dessa forma, esta dissertação se utiliza da metodologia do cotejo de enunciados (Bakhtin, 2000), de forma a compreender como, nas relações dialógicas entre diferentes esferas de atividade da comunicação, se produz uma *totalidade de sentido singular* para os enunciados em análise. Esse procedimento metodológico, em especial o movimento de colocar em relação esferas de atividade diferentes no processo de cotejamento, tem sido desenvolvido no interior do *Slovo-Grupo de Estudos do Discurso*, de que o autor desta dissertação e sua orientadora fazem parte.

Levando esses aspectos em conta, o texto deste trabalho se organiza da seguinte forma:

O capítulo 2 trata de retomar características do discurso negacionista de Ricardo analisadas anteriormente a este trabalho, com objetivo de demonstrar o percurso de pesquisa, bem como fornecer um ponto de partida para estabelecer a dimensão histórica do objeto do negacionismo climático no Brasil.

O capítulo 3 contempla a análise do objeto proposto nesta pesquisa, dividida em: (3.1) um primeiro subcapítulo que trata das questões teóricas e metodológicas para contemplar o objeto; (3.2) um segundo subcapítulo que trata de contextualizar quem é a produtora por trás do *podcast* analisado, fornecendo um pano fundo para se construir novas as relações ideológicas com o tema negacionismo climático; (3.3)

um terceiro subcapítulo que trata de expor a maioria das características formais do *podcast* “Conversa Paralela”, bem como do episódio selecionado como *corpus* da pesquisa; (3.4) um quarto subcapítulo que aborda o discurso de Ricardo Felício, de maneira quase que isolada, dentro o contexto em questão; (3.5) e um quinto subcapítulo que relaciona o discurso de Felício ao de seus interlocutores presentes, colocando sob análise suas possíveis relações, diferenças, mudanças e interferências entre esses discursos.

Por fim, no capítulo 4 é construída uma conclusão a partir dos resultados encontrados na análise.

2 RICARDO FELÍCIO E O NEGACIONISMO CLIMÁTICO

Ricardo Felício é um ex-professor da USP que ficou famoso por se mostrar contrário ao discurso do aquecimento global. Já em 2012, na entrevista analisada em pesquisa anterior, ficou conhecido por ter ido no Programa do Jô e ter “desmentido a história” do aquecimento global em rede nacional.

Figura 1 – Participação de Ricardo Felício no Programa do Jô



Fonte: Rede Globo (2012)

Nesta entrevista, que tem como o marco inicial de sua relevância nacional como divulgador de negacionismo climático, Ricardo apresentava as características de ser um cientista honesto e bem capacitado, indo na contramão de uma maioria de cientistas que supostamente estariam comprados e propagavam uma ciência falsa por interesses políticos e econômicos.

Neste primeiro momento, Ricardo dialoga com a teoria do aquecimento global na dinâmica de uma refutação científica, uma de suas características mais marcantes, que permanece até os dias atuais, como é possível ver na sua resposta ao Jô:

A pergunta “o que você acha das teorias de que o aquecimento global está derretendo o gelo?” é respondida com “não é uma teoria, é só uma hipótese, pois carece de provas científicas. Isso que é o pior, não há provas científicas do aquecimento global”. Sendo assim, já é instaurado um clima de embate frente a esse senso comum do entrevistador, apreendido do contato com o discurso da ciência que suporta a teoria do aquecimento global antropogênico, difundida através de divulgação científica em diversas mídias. (Busnardo; Mendonça, 2024. p.68)

Ricardo adota, antes de tudo, a posição de enfrentar o discurso da ciência por meio da refutação científica, sem apelar, em um primeiro momento, para outras esferas de atividade. Ao se colocar em um embate frente à ciência, ainda enquanto um cientista, buscando os valores deste campo para si, Felício demonstra se garantir dentro da habilidade técnica e argumentativa para falsear a ciência do aquecimento global, instaurando as reações dentro do aspecto da polêmica que esse debate era muito conhecido por ter nesta época.

Além de causar o choque, na quebra de expectativa do público frente a um tema já estabelecido como parte do senso comum, Ricardo também afirmava que o discurso “alarmista” causava comoção pública para ganhos próprios baseados numa mentira, e que a verdade era que o mundo era muito mais tranquilo. Como se pode ver no trecho a seguir, o discurso de Ricardo busca minimizar a problematização, usando seu argumento de autoridade para passar uma ideia de debate encerrado:

Portanto, nesta linha de raciocínio, se revela uma primeira marca forte deste discurso, a intenção de passar ao espectador a ideia e o sentimento de que não há por que se preocupar. É constituído que, se quem entende dos fenômenos naturais são os cientistas “de verdade” e estes cientistas afirmarem que “não há alteração do clima”, “o nível do mar não vai subir”, “se desmatar a Amazônia inteira, em 20 anos ela já está crescendo de novo” (enunciados do entrevistado), não existe necessidade ou legitimidade de uma refutação desses fatos. O conceito de autoridade científica é manipulado para blindar o entrevistado frente às dúvidas e contestações que seriam polêmicas ou que simplesmente abalariam a “posição sólida” que o entrevistado está colocando para si, com o tom enfático que dá às suas respostas. (Busnardo; Mendonça, 2024. p.70)

Um aspecto que esta primeira pesquisa investigou, foi a questão de se o discurso de Ricardo Felício poderia ser considerado um “discurso pseudocientífico”. Esta hipótese se fez presente pois, apesar de Ricardo prezar pela refutação científica da teoria do aquecimento global, Ricardo fazia colocações demasiadamente exageradas. Felício, ao se utilizar de enunciados que excedem vulgarmente o esperado de um cientista parcimonioso, como “se desmatar a

Amazônia inteira, em 20 anos está tudo nascendo denovo”, provoca incredulidade e animosidade no público, como abordado no fragmento a seguir:

Isso leva aos pontos mais chamativos da entrevista, que faz com que se tenha mais aparente a questão da pseudociência nesta entrevista. Ricardo Felício afirma, inflamando a discussão muitas vezes, que “O efeito estufa é a maior falácia científica da história, (...) é uma física que não existe”, que “A camada de ozônio é uma coisa que não existe”, que “se desmatar a Amazônia inteira, em 20 anos está tudo nascendo de novo”. Nestes pontos da entrevista, é perceptível uma animosidade maior, tanto do entrevistador quanto da plateia, que manifesta espanto enquanto o entrevistador tenta amenizar com um tom mais leve, cômico. Essa disposição mais afrontosa desse discurso, frente a temas elementares da ciência, criando embates com a ciência contemporânea de uma maneira a não permitir contra-argumentação, parece chamar muito atenção dos ouvintes presentes. Nessas e em outras respostas, Ricardo Felício responde com riso e deboche, além de se mostrar em um lugar de certeza e de verdade, enquanto muitas vezes o entrevistador e a plateia se mostram incrédulos com tais afirmações.(Busnardo; Mendonça, 2024. p.71)

Com base nos enunciados abordados no fragmento anterior, se investigou a hipótese de se tratar de um discurso pseudocientífico, relacionando este discurso aos conceitos de pseudociência trazidos por Karl Popper, Thomas Kuhn e Imre Lakatos. No entanto, a conclusão da pesquisa, apontou, que por mais que fosse possível essa leitura, a hipótese mais descritiva foi a que entendia o fenômeno do negacionismo climático nas mídias como uma “controvérsia científica fabricada”. Este conceito foi abordado na introdução.

Após a entrevista no Programa do Jô, Ricardo Felício se destacou como um dos principais divulgadores do negacionismo climático no Brasil. Ricardo passa a ser comentado pela comunidade científica do Brasil como um todo, e em resposta a isso, reafirma sua posição de negacionista, rebatendo críticas e ganhando mais voz no tema do negacionismo climático. Em 2017, se filiou ao PSL, então partido de Bolsonaro, e concorreu a deputado federal. Sem sucesso nas eleições e com sua carreira dentro da universidade ameaçada, devido às repercussões de seu discurso negacionista na grande mídia, passa a se dedicar às redes sociais.

Em 2019, participa de uma entrevista com Leda Nagle, onde mostra um Ricardo Felício que já tinha enfrentado as questões eleitorais, admitindo um pouco do viés político em seu discurso. Ele passa a antagonizar a universidade, em especial a universidade pública do país, uma vez que passa a considerar a impossibilidade de seguir sua carreira dentro da academia. Ricardo conta ter ficado

sem salário por ter feito afirmações controversas e pelo contexto de sua entrada para a política.

Figura 2 – Ricardo Felício e Leda Nagle



Fonte: Captura de tela de Nagle(2019).

Das breves conclusões desse evento, mostrou como Ricardo passou a usar o campo da direita para construir seu próprio público.

Apesar da entrevistadora, fazer algumas provocações e contraposições, todo o contexto que possibilitou e realizou a entrevista é de um ato de apoio mútuo ao governo de direita da época, visto que tanto o entrevistado quanto a entrevistadora já haviam demonstrado apoio publicamente. Esse contexto em que o discurso negacionista vai passar a transitar, se tratando de espaços digitais entendidos como de maior aceitação e de pouco conflito, demonstra o entendimento de usar as dinâmicas das redes sociais ao seu favor, que passarão a criar as “bolhas” sociais, em que há menos contraposição de ideias, permitindo a circulação de discursos cada vez mais radicalizantes e que fomentam o ódio nos ambientes digitais e, subsequentemente, fora dele. (Busnardo; Mendonça, 2023)

Ricardo Felício, neste novo contexto, passa a se moldar às dinâmicas das redes sociais, construindo um público de seguidores que se identificam com a visão, sem medo de admitir e revelar um alinhamento político. Não é possível afirmar que Ricardo tenha abandonado a figura de cientista, ou especialista na área, no entanto, já é possível identificar essa relação do seu discurso com outras esferas de atividade.

É a partir desse contexto que constrói-se aqui a análise de Ricardo Felício no década de 2020, se aproximando mais ainda do campo da extrema-direita, inserido na lógica de redes sociais e adotando mais atualizações em seu discurso do negacionismo climático.

3 O PODCAST CONVERSA PARALELA: “AQUECIMENTO GLOBAL É UMA FARSA?” – UMA ANÁLISE DIALÓGICA

Para que a análise do *podcast* pudesse ser realizada, mostrou-se imprescindível fazer a transcrição do conteúdo do vídeo, uma vez que, além de auxiliar no processo da análise, tornando mais fácil a visualização e o cotejo da mídia audiovisual, trazer a transcrição na forma completa e autônoma, permite a visão de uma totalidade e de uma continuidade que o texto cotejado não conseguiria prover, resguardando a utilidade deste objeto de estudo possa ter enquanto evento histórico, permitindo novos olhares de outras áreas ou em outros tempos históricos. Essa transcrição se encontra no Apêndice A deste trabalho.

Durante a elaboração, houve a necessidade de se delimitar os objetivos que essa transcrição teria que atender, pois dada a extensão de quase duas horas de programa, não seria possível incluir todos os elementos que compõem o discurso. Um exemplo disso são as muitas características de entonação e prosódia, que são significativas para compreensão do fenômeno do negacionismo de Ricardo, mas para abranger o discurso do *podcast* como um todo, houve uma preza por omitir algumas características da oralidade, para colocar em foco mais elementos linguísticos utilizados neste evento e dar conta da continuidade do discurso por toda a duração do *podcast*.

Em muitos momentos da transcrição, optou-se por transformar as informalidades do discurso oral em uma forma que fosse fizesse mais sentido dentro do discurso escrito, buscando deixar o argumento mais organizado para a leitura e interpretação na análise. Um exemplo disso é a ocultação de repetição de palavras, sendo no contexto de uma auto correção imediata, ou quando não se teve o desejo de enfatizar uma palavra ou frase.

Para leitura da transcrição, recomenda-se o conhecimento de algumas regras utilizadas:

1. As minutagens apenas aparecem onde se designa o início de uma fala, mesmo que a fala seja longa ou seja interrompida por alguma inserção.
2. Em determinados enunciados (interrupções, comentários ou risos) de outros locutores, que **não** fazem com que o falante principal daquele parágrafo mude de assunto ou passe a palavra, esta fala não será registrada como uma nova fala, e sim como uma inserção no parágrafo, feita entre parênteses.
3. Sempre que se menciona a troca de locutor, utiliza-se as iniciais da pessoa entre barras. Exemplos: “/RF/”, para Ricardo Felício; “/AC/”, para Alexandre Costa; “/AM/”, para Arthur Morisson; e “/LB/”, para Lara Brenner; /todos/ é utilizado para registrar um ação conjunta à mesa, comumente usado para a inserção de um riso de todos à mesa.
4. Quando acontece a inserção de um locutor na fala de outro, se presume que quando a inserção termina (marcada pelo fim do parênteses), o locutor original retoma a fala, sem necessidade de marcar novamente.

Exemplo da transcrição:

00:35:01 /AM/: **Mas e o tal do buraco que eles falam?** Porque... (/LB/: “Da camada de ozônio”). É! Porque você tá falando do ozônio. Beleza! Eles falam como se fosse realmente uma camada de uma cebola assim, como se fosse uma redoma mesmo. (/RF/: “É, eu chamo de preservativo planetário, né?”). É! (/AM/ e /LB/: Risos.) (/RF/: “Um absurdo!”). E aí é como se, sei lá, tivesse um buraco no meio dessa redoma ali. E aí você não pode consumir carne, sabe? Não pode andar de carro, sabe? (/AC/: “Tem que usar pronome neutro”). (**/todos/: Risos**). Todas essas coisas para ir fechando, (/LB/: “Desodorante!”), para ir fechando o buraco. (/LB/: “Desodorante de, como é que chama?”). **De onde é que veio o buraco aí?** (/RF/: “Tem nada de buraco, né?”). (/LB/: “Aerosol”).

00:35:39 /RF/: Isso é uma história bem interessante, até escrevi um livro chamado geopolítica do ozônio que na verdade eles descobriram que existia a anomalia do ozônio no Ártico, né?(...)

Seguindo a regra 1, a próxima minutagem é marcada apenas quando Ricardo Felício retoma a palavra e começa a elaborar sua resposta, mesmo com todas as inserções anteriores que não interromperam a construção da pergunta de Arthur Morisson. Exemplo, em negrito na citação: “00:35:39 /RF/:”

Nesse sentido, é possível perceber que todas as inserções, seguindo a regra 2, não acarretam o início de um novo parágrafo, uma vez que, mesmo que com diferentes locutores acrescentando e comentando, Arthur segue o mesmo raciocínio do começo do parágrafo até o fim da pergunta. Caso isso não fosse feito, prejudicaria a compreensão do sentido das perguntas pautadas no *podcast*, deixando a transcrição desorganizada. Exemplo, em negrito na citação acima: “Mas e o tal do buraco que eles falam?” e “De onde é que veio o buraco aí?” se referem ao mesmo raciocínio, apenas sendo complementado pelas intervenções dos interlocutores.

Com a regra 3, temos no fragmento acima pelo menos um exemplo da participação de cada falante, incluindo o riso coletivo frente a uma piada. Exemplo, em negrito na citação acima: “(/todos/: Risos)”

Com a regra 4, é possível perceber que toda fala que não está entre parênteses se refere, inequivocamente, ao falante que inicia o parágrafo, com a marcação da minutagem.

3.1 ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO: PONTOS DE PARTIDA DA PESQUISA

A base teórica que orienta esta pesquisa, em Análise Dialógica do Discurso, são escritos de Bakhtin, o Círculo e seus comentadores – Bakhtin (2011), Volóchinov (2013, 2017), e Brait (2005, 2006, 2013). O interesse desta pesquisa recai sobre as concepções de diálogo, gêneros do discurso, ideologia, esfera de atividade, enunciado, interação social, tema e significação.

Para compreender o objeto designado, a teoria bakhtiniana e os estudos de análise dialógica no Brasil apresentam conceitos importantíssimos, que serão aplicados nesta pesquisa como se descreve a seguir em dois pontos de partida para esta análise.

Primeiro, precisa-se compreender o objeto na sua dimensão de evento social, que movimenta o debate a respeito do negacionismo climático, atualizando a cadeia de discursos, onde os falantes estão se (re)inserindo na discussão deste tema e, por se tratar de um evento midiático com participantes presentes mais público ouvinte, este evento passará, então, a fundamentar o que se diz e se pensa neste tema no

Brasil. Nesse sentido, se faz necessário compreender a noção de diálogo que fundamenta essa interação de interlocutores e público e a importância dos aspectos do enunciado concreto multimodal e do gênero de discurso *podcast* para a realização deste intento. Cabe destacar a questão de gêneros do discurso para compreender a totalidade do enunciado tendo em vista o avanço e a popularização destes discursos. Neste aspecto, é fundamental compreender como se dá o gênero do discurso que se tornou muito popular no Brasil, o *podcast*, e entender como isso, na relação com ideologias, refrata a realidade social – pode-se dizer que este ambiente potencializa determinados discursos, formas de ser e de dizer.

Em segundo, é necessário se fazer clara a dimensão ideológica e situar nesta análise quais são os discursos aos quais os participantes dialogam, trazendo aqui como estes discursos funcionam atual e historicamente, elucidando seus valores sociais e como estes enunciadores colocam e retiram de cena cada aspecto ideológico, baseando-se, aqui, no que se entende por signo ideológico.

3.1.1 Diálogo, enunciado concreto multimodal e gênero do discurso

Quando se fala em análise dialógica do discurso, faz-se necessário entender as noções de diálogo trazidas das obras do Círculo e trabalhadas por pesquisadores no Brasil hoje. A ideia de que o diálogo fundamenta a linguagem é algo que permeia todo estudo de Bakhtin.

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (Bakhtin apud Marchezan, 2006)

Nesta citação, é possível vislumbrar a questão principal na análise dialógica do discurso, que se trata da capacidade de compreender que todo discurso se coloca como resposta a um outro conjunto de discursos, se estabelecendo em uma cadeia dialógica. O diálogo, assim, é constitutivo das atividades de linguagem, sendo que cada enunciado é entendido como um elo da cadeia comunicativa (BAKHTIN, 2011) e se manifesta como resposta a um discurso - é concebido como uma ressonância de outros, uma atividade responsiva ativa.

A partir deste ato dialógico, em que se faz inseparável a vida e a linguagem porque se o diálogo se dá entre sujeitos sociais, é que se depreende todos os conceitos analíticos que compõem o que se entende por Análise Dialógica do Discurso hoje no Brasil, e que embasam esta pesquisa.

Portanto, um discurso, ao se colocar em diálogo com uma cadeia de discursos, respondendo a um meio discursivo, fará as escolhas linguísticas que podem ser compreendidas, assim como descritas ao longo desta análise, escolhas que se materializam em signos ideológicos específicos (escolhas lexicais, gestos, cores etc), e significam na relação com enunciados de uma esfera de atividade específica (científica, jornalística, política etc) e com gêneros do discurso, como é caso do podcast, nesta pesquisa.

Nessa perspectiva, entende-se que o enunciado é constituído dialogicamente na interação social, em um horizonte apreciativo e ideológico específico (Volóchinov, 2013, 2017).

O enunciado, portanto, é um “todo de sentido” que possui formas de constituição e circulação específicas, considerando o gênero de discurso e a esfera de atividade em que se materializa (Mendonça, 2022) – assim, a análise dialógica enfatiza a produção de sentido dos enunciados em determinados gêneros do discurso e suas relações na esfera de atividade em que se produzem. Conforme Bakhtin (2011), cada esfera de atividade de uso da linguagem se constitui de *tipos relativamente estáveis de enunciados*, que o autor denomina de *gêneros do discurso*.

Também é necessário considerar os estudos sobre a natureza “sincrética” do enunciado, contando que o *corpus* é composto de um podcast com vídeo publicado no site *Youtube*, portanto de vídeos e imagens desses enunciados. Dessa forma, esta análise, necessariamente, não poderá se restringir às formas verbais dos enunciados. Especialmente no Brasil, há um conjunto extenso de trabalhos em Análise Dialógica de Discurso que se dedica ao estudo de enunciados que se compõem de múltiplas materialidades. Como proposto e citado por Brait (2013), as obras do Círculo consideram que a produção de sentido do enunciado se dá não somente relacionada ao verbal, mas também ao visual e ao verbo-visual. Outros autores, como Mendonça (2022), têm se dedicado a essa discussão, tomando as diferentes linguagens como parte da totalidade de sentido do enunciado. Portanto,

quando articulados em um único enunciado, o verbal e o visual não podem ser entendidos individualmente.

3.1.2 Signo Ideológico, Significação/Tema e Campo de atividade

As condições histórico-ideológicas, na perspectiva de Bakhtin e o Círculo, definem possibilidades de dizer/interpretar aos enunciadores, sendo que essas possibilidades são, na perspectiva bakhtiniana, espaços de contínua (re)construção. Assim, a concepção de linguagem adotada pelos autores do Círculo prevê, ao mesmo tempo, uma estabilidade histórica e uma ressignificação quando se dá a atualização em um novo contexto. Essa dinâmica entre estabilidade e movimento, Volóchinov (2017) chama de *significação* e *tema*, respectivamente. O autor assim define a noção de *tema* do enunciado:

O tema do enunciado é definido não apenas pelas formas linguísticas que o constituem – palavras, formas morfológicas e sintáticas, sons, entonação —, mas também pelos aspectos extraverbais da situação. Sem os aspectos situacionais, o enunciado torna-se incompreensível, assim como aconteceria se ele estivesse desprovido de suas palavras mais importantes. O tema do enunciado é tão concreto quanto o momento histórico a qual ele pertence. O enunciado só possui um tema ao ser considerado um fenômeno histórico em toda a sua plenitude concreta. (Volóchinov, 2017)

Já aquilo que o autor chama de *significação* da palavra remete ao seu sentido dicionarizado, fora de um contexto preciso de enunciação – ela, portanto, não existe no acontecimento do enunciado, o qual ganha um novo *tema* a cada atualização. Veja-se como se refere o autor a esse processo:

O mais correto seria formular a relação entre o tema e a significação do seguinte modo. O tema é o *limite superior, real, do significar linguístico*; em essência, apenas o tema designa algo determinado. A significação é o limite inferior do significado linguístico. Na realidade, a significação nada significa, mas possui apenas uma potência, uma possibilidade de significação dentro de um tema concreto. O estudo da significação de um elemento linguístico, de acordo com a definição dada por nós, pode-se desenvolver em duas direções: em direção ao limite superior, ao tema — porém, nesse caso teremos o estudo da significação contextual da palavra nas condições de um enunciado concreto; ou ele pode tender ao limite inferior, ao limite da significação. Neste caso, será o estudo da significação da palavra no sistema da língua, ou, em outros termos, da palavra dicionarizada. (Volóchinov, 2017)

Quando se analisa um discurso que tem presença e impacto social, algumas categorias se fazem presentes por recorrentes vezes, que em contraposto a unicidade de um evento específico ou de um enunciado concreto criam uma dinâmica entre uma estabilidade histórica e uma nova atualização do discurso.

Quanto às categorias que podem dar conta do caráter da estabilidade histórica, temos os campos ou esferas de atividade. Campos (ou esferas), na obra do Círculo, são espaços sócio-histórico e ideologicamente concebidos. Conforme Volóchinov:

No interior do próprio campo de signos, isto é, no interior da esfera ideológica, há profundas diferenças, pois fazem parte dela a imagem artística, o símbolo religioso, a fórmula científica, a norma jurídica e assim por diante. Cada campo de criação ideológica possui seu próprio modo de se orientar na realidade, e a refrata a seu modo. Cada campo possui sua função específica na unidade da vida social. Entretanto, o caráter sócio é um traço comum a todos os fenômenos ideológicos. (Volóchinov, 2017, p. 94).

O autor ainda discute o caráter ideológico do signo, sendo a palavra entendida como espaço de materialização do conflito ideológico, para o qual confluem debates, confrontos de valores, em que se digladiam valores que constituem a realidade social e histórica.

Tomando por base esses pressupostos teóricos é que se analisa a seguir o enunciado selecionado para compor o *corpus* desta pesquisa, um Podcast da Brasil Paralelo, como é explicitado a seguir. Trata-se de enunciado sincrético, com linguagem audiovisual, divulgado em contexto digital para um público-alvo específico: brasileiros simpatizantes da vertente política da direita radical. Esse enunciado, nesse sentido, é analisado em sua totalidade de sentido, tendo em vista, além do gênero de discurso (podcast) e as linguagens em que se materializa, também a configuração dialógica/interativa em que se dá a dinâmica da relação entre entrevistadores e entrevistados, entre o podcast e seu destinatário direto e presumido, entre os discursos da esfera científica, da política e da religiosa.

Nos aspectos metodológicos da análise dialógica desenvolvida, destaca-se, no correlacionamento entre enunciados de diferentes contextos, a atualização que o podcast dá a noções desenvolvidas no interior da esfera científica, ou seja, o novo *tema* que se lhes atribui em novo contexto, marcado por valores ideológicos que colocam em destaque atitudes negacionistas e de teorias conspiratórias.

3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA BRASIL PARALELO

O podcast a ser analisado é produzido pela produtora Paralelo Brasil e circula no canal de Youtube de mesmo nome. Esta empresa foi fundada no ano de 2016 e cresceu muito rápido. Segundo a reportagem da revista *Veja* (2022), intitulada “Brasil Paralelo surfa na polarização e tem crescimento exponencial”, até julho de 2022 o *site* de *streaming* possuía 328,7 mil assinaturas e, em seu canal no Youtube, 2,7 milhões de inscritos. Além disso, essa produtora adotou uma postura agressiva no impulsionamento de suas propagandas nas redes sociais:

Apenas na rede de Mark Zuckerberg (Facebook), a Brasil Paralelo aplicou 3,3 milhões de reais em publicidade entre abril e junho. No Google, outro poderoso canal de publicidade on-line, a empresa gastou 377 000 reais entre novembro de 2021 e junho de 2022, tornando-se o que o gigante da tecnologia qualificou como o maior anunciante do país no segmento de campanhas políticas. (*Veja*, 2022)

Dentre uma variedade de produtos, seja os documentários superproduzidos que são assistidos no *site* de *streaming* através do pagamento de uma assinatura, ou os programas semanais que são acessados gratuitamente pelo Youtube, é importante perceber que, apesar de todo o crescimento no mesmo setor que Globo Play, Netflix, HBO Max e Amazon Prime Video, o que difere essas empresas é a centralidade ideológica do conteúdo produzido pela Brasil Paralelo.

Para ilustrar essa questão, tem-se como exemplo um documentário de grande repercussão sobre a ditadura militar brasileira.

Figura 3 – Banner do filme “1964: O Brasil entre armas e livros”



Fonte : Brasil Paralelo, 2019

O filme “1964: O Brasil Entre Armas e Livros” retrata uma visão revisionista da história sobre a ditadura militar brasileira. O documentário visa contar “uma verdade escondida” sobre este período histórico, afirmando a importância dos militares na contenção de uma “ameaça comunista” no Brasil. O filme ainda atesta que esta batalha não foi vencida propriamente, endossando as ideias do ideólogo Olavo de Carvalho, dizendo que o “Marxismo Cultural” não foi derrotado e sobrevive na sociedade até os dias de hoje. O filme chegou aos cartazes de cinemas nacionais, no entanto, após as críticas, foi retirado devido às controvérsias.

Outro documentário, de 2021, mais relacionado ao tema desta pesquisa, intitulado “Cortina de Fumaça”, aborda as questões de proteção ambiental no Brasil e o desmatamento da Amazônia.

Figura 4 – Banner do filme “Cortina de Fumaça”



Fonte: Brasil Paralelo, 2021.

Novamente com a ideia de apresentar uma “verdade escondida” em meio às “narrativas enviesadas que estamos acostumados”, o filme enaltece o agronegócio, critica o papel das ONGs, coloca como problema o “alarmismo ambiental” e as causas indígenas defendidas pela esquerda.

Na visão do filme, assim como poderá ser visto dentro do negacionismo de Ricardo e Alexandre Costa durante a análise do *podcast*, “o meio ambiente não está em risco” e as pautas ambientais são caracterizadas como consequências de jogadas de poder dentro da geopolítica, supostamente não tendo nenhum respaldo na realidade.

Conforme o artigo “Paralelismos em disputa: O papel da Brasil Paralelo na atual guerra cultural”, de Julia Salgado e Marianna Ferreira Jorge (2021), a produtora nasce em um ambiente em que os chamados “paralelismos” estavam se fazendo presentes em diversos contextos sociais, entendidos como sintoma de um ambiente inflamado pela guerra cultural, causados pelo “crescente convívio com um manancial de emissores “não oficiais”, mas nem por isso menos obstinados na

disseminação de informações, opiniões, ideias e visões do mundo”, sintoma este que se origina, possivelmente, desde cenário político de 2014.

Nesse sentido, entende-se que essa produtora passa a atender à demanda desse cenário de guerra cultural, passando a encabeçar a produção de conteúdos ideológicos que alimentam, não só o lado político da direita, com um viés neoliberal, conservador e da direita cristã, mas também, a guerra cultural como um todo, pois seu conteúdo é apelativo e convence as pessoas de que o outro lado político é uma ameaça a ser enfrentada. O conteúdo produzido pela empresa fideliza e organiza ideologicamente esse grupo político, fazendo com que cada nova produção já tenha uma expectativa para a estreia e uma autoridade da legitimação de seu conteúdo que faz com que o conteúdo veiculado seja recebido como superior e diferente dos materiais produzidos e veiculados em outros *sites* e mídias sociais.

Segundo o mesmo artigo,

não surpreende, portanto, que a Brasil Paralelo nasceu justamente com o propósito de gerar uma série de narrativas alternativas (paralelas) àquelas que, segundo eles, vem dominando a paisagem moral nas últimas décadas: a hegemonia da esquerda apoiada no marxismo cultural. Isso fica patente nos temas abordados, nos "especialistas" que endossam as produções e nos inimigos de seu projeto cultural: entre eles, governos totalitaristas, comunistas, intelectuais de esquerda, políticos corruptos, globalistas, multiculturalistas, feministas e progressistas. (Salgado; Jorge, 2021)

Portanto, o que vale ressaltar é que o aspecto de ser uma produção, uma realidade ou uma verdade “paralela” é valorativamente positivo para seu público neste cenário de guerra cultural. É um fenômeno que se realimenta, fideliza o público e faz com que, como no exemplo do episódio de *podcast* a ser analisado, se chamem convidados com discursos disruptivos, que são antagônicos a um senso comum que este campo político rejeita. Dessa forma, será possível verificar que o podcast *Conversa Paralela* faz parte do alinhamento ideológico da produtora e, sendo assim, as escolhas de convidados, ao mesmo tempo que dão espaço midiático a eles, refletem o posicionamento da produtora frente ao tema do Aquecimento Global (diferentemente do que se constatou, na pesquisa citada na seção anterior, sobre a entrevista na televisão aberta).

3.3 O PODCAST CONVERSA PARALELA

Figura 5 – Lara Brenner e Arthur Morisson



Fonte: Brasil Paralelo, 2021.

Legenda: Lara Brenner e Arthur Morisson, anfitriões do programa Conversa Paralela.

O podcast conta com dois anfitriões, Lara Brenner e Arthur Morisson, desde o surgimento do podcast no ano de 2021. Além do podcast, ambos têm perfis ativos e produzem conteúdos em suas redes pessoais. Lara também é conhecida por ser formada em direito e ser professora de português na internet, produzindo vídeos para o Youtube. Arthur também é conhecido por ser anarcocapitalista e produz conteúdos de Instagram e Facebook.

Os episódios do podcast são semanais e contam sempre com novos convidados, julgados relevantes para o debate de um tema específico da semana. Os episódios duram, aproximadamente, de uma a duas horas.

Durante os episódios, os anfitriões conduzem a conversa de maneira fluida e leve, como é bem característico ao gênero *podcast*, no entanto, seguem uma pauta preestabelecida, fazendo as perguntas aos convidados, os deixando elaborar bastante sobre os temas escolhidos. Dessa forma, os convidados são tratados como personalidades que possuem conhecimento e autoridade sobre determinado assunto, e por vezes, como as figuras mais importantes de um determinado cenário, trazendo a ideia de que as opiniões daquela pessoa são imprescindíveis para o

debate. Existe uma grande ênfase na discussão do tópico, e apesar de o gênero *podcast* geralmente ser uma conversa menos formal, o assunto é tratado com muita seriedade e tanto os anfitriões quanto o público respeitam e credibilizam os convidados.

O *corpus* de análise deste trabalho é um episódio de *podcast* de nome “Aquecimento Global é uma farsa?”. O episódio foi publicado no canal de Youtube da produtora Brasil Paralelo, em 30 de agosto de 2022. Este episódio tem a duração de uma hora, cinquenta e cinco minutos e trinta e cinco segundos. Na data da publicação deste trabalho, o vídeo conta com mais de um milhão e quinhentas mil visualizações. No episódio selecionado, há dois convidados: Ricardo Felício, ex-docente da Universidade de São Paulo, conhecido nacionalmente por divulgar o negacionismo climático; e Alexandre Costa, escritor de livros como “Introdução à Nova Ordem Mundial” e “Um copo de Redpill”.

Apesar de os dois convidados serem introduzidos com a mesma relevância para o programa, é de interesse desta análise dar ênfase a um certo protagonismo de Ricardo Felício nas discussões, pois seu discurso apresenta uma especificidade que estrutura o debate, o transformando em algo mais intrincado e impactante. As características do discurso de Ricardo, fazem a conversa e a defesa do negacionismo climático irem além de uma simples teoria da conspiração, como faz o convidado Alexandre Costa. Ainda assim, esses discursos serão analisados um em relação ao outro, tendo em vista as características da aproximação desses discursos e o impacto que a essa associação ideológica pode ter.

Figura 6 – Entrevista com Ricardo Felício e Alexandre Costa

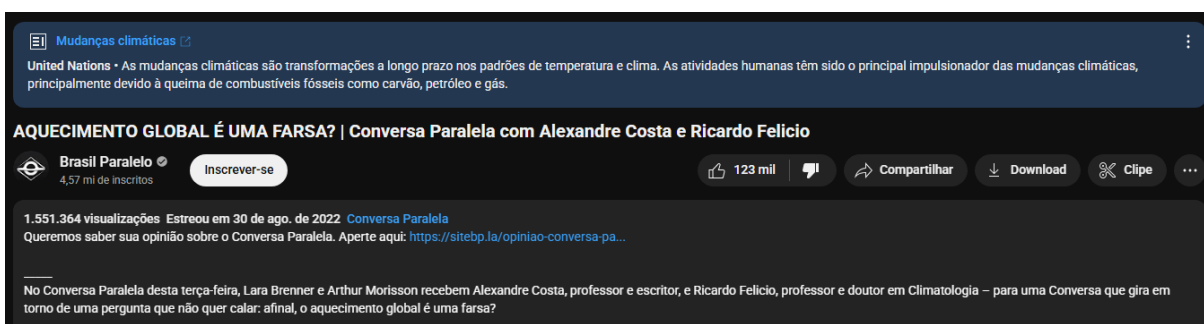


Fonte: Brasil Paralelo, 2022.

Legenda: Cenário do *Podcast* “Conversa Paralela”. À esquerda: Lara Brenner, mulher de blusa cinza; Arthur Morisson, homem de camisa vermelha. À direita: Ricardo Felício, blazer Azul; Alexandre Costa, camisa branca.

No vídeo, temos de um lado da mesa, Lara Brenner e Arthur Morisson, realizando a função de anfitriões do *podcast*, conduzindo a conversa e levantando os questionamentos. Do outro lado temos os entrevistados, Ricardo Felício e Alexandre Costa, que fazem o papel de responder e explicar seus pontos de vista em relação às perguntas dos anfitriões.

Figura 7 – Descrição do vídeo no Youtube



Fonte: Brasil Paralelo, 2022.

Legenda: Descrição do vídeo no Youtube: No Conversa Paralela desta terça-feira Lara Brenner e Arthur Morisson recebem Alexandre Costa, Professor e escritor, e Ricardo Felício, professor e doutor em Climatologia – para uma Conversa que gira em torno de uma pergunta que não quer calar: afinal, o aquecimento global é uma farsa?

A figura acima é uma captura de tela da página do episódio no Youtube em que se pode observar a quantidade de inscritos da página da Brasil Paralelo, bem como a quantidade de visualizações e de curtidas do episódio “Aquecimento Global é uma farsa?”. Além da breve chamada na descrição do vídeo, escrita pelos autores do *podcast*, também é possível perceber, no retângulo com fundo azul, que o Youtube consegue identificar que o conteúdo do vídeo veiculado aborda o tema “Mudanças climáticas”. Como é frequente para determinados tópicos que geram controvérsia, a plataforma disponibiliza esse pequeno alerta, com um *link* para a página da Wikipédia. Essa é uma maneira pela qual a plataforma busca declarar isenção de responsabilidade frente às esperadas críticas, com o intuito de se desvincular do conteúdo produzido pelos criadores dos canais, apresentando endossar a página da Wikipédia como uma fonte confiável de informação, mesmo que continue disponibilizando conteúdos que podem estar propagando desinformação ao divergir desta fonte.

3.4 O DISCURSO DE RICARDO FELÍCIO SOBRE O AQUECIMENTO GLOBAL.

Em sua participação no *podcast*, Ricardo Felício (o entrevistado que se encontra com blazer na Figura 4), dentre as quatro pessoas da mesa, é a quem todos atribuem maior autoridade no assunto que é tema do episódio, pois se posiciona como um cientista especialista nesta área. Seu discurso não é o de quem rejeita a ciência, buscando ou se remetendo a outros valores. Para esse entrevistado, o valor da cientificidade é algo caro, e que ele busca e domina, enquanto aponta que o problema é a suposta falta de cientificidade no discurso sobre o aquecimento global, o qual ele busca “desmentir”. Quando do questionamento sobre “o que é o aquecimento global”, responde:

00:03:00 /RF/: Bom, vamos dizer assim que foi uma ideia que quiseram criar dizendo que a temperatura do planeta média, que já é uma abstração total, né? Mas imagina você ter até 510 milhões de quilômetros quadrados e achar que tem a temperatura média. A temperatura varia de -70°C a $+50^{\circ}\text{C}$. Média, que eu falo, é igual a média do seu umbigo. Não tem nenhuma representação física esse absurdo. E aí eles fizeram a associação de que um dos gases pertencentes e que estão fazendo parte dos constituintes da atmosfera, mas um gás traço, que é o CO_2 , ele, a partir da sua proporção crescendo na atmosfera, isso faria a temperatura do planeta aquecer. Isso não tem nenhuma evidência científica que isso acontece, tanto é que nós

temos diversos períodos em que a concentração de CO₂ já estava muito mais do que a atual, inclusive uma delas 10 vezes a atual e Planeta Terra virar uma bola de sorvete. Então não tem nenhuma evidência científica que mostre que o CO₂ consegue aquecer o planeta, né, reter a radiação que ficava presa na atmosfera. Então isso não existe. (Apêndice A)

Em seu discurso, fica evidente a busca por uma linguagem técnica, repleta de jargão científico (“CO₂”, “gás traço”, “evidência científica”, “constituintes da atmosfera”, “reter a radiação”, “temperatura média do planeta”), o que explicita o diálogo que o entrevistado faz com discursos da esfera científica, atualizando esses signos, com um novo *tema*, na esfera jornalística em se situa o enunciado do podcast em questão. Esse diálogo demonstra não somente seu domínio teórico, mas também sua habilidade argumentativa, inclusive trazendo os argumentos para desqualificar o discurso do aquecimento global que é enunciado na esfera científica. Para um ouvinte que não conhece o debate do negacionismo climático, a argumentação parece impecável, e pode fazer com que o público geral entenda Ricardo Felício como um especialista da área, que possui uma boa formação e uma vontade de fazer ciência “de verdade”, “pura” e “sem ideologia”.

Na visão do entrevistado, são essas características que o distinguem dos cientistas “aquecimentistas”, a quem ele se opõe. Ricardo se coloca como um cientista que, para além da capacidade técnica para enfrentar o discurso negacionista, possui as motivações certas no exercício da sua atividade científica.

Juntamente à argumentação técnica, existe, em vários momentos, um tom de deboche, que poderia ser visto como contraditório frente às características mais técnicas e ponderadas de um “cientista sério”. Ou seja, enquanto argumenta sobre questões científicas, quando remete às colocações que traz do discurso de seu outro, ele se utiliza de sarcasmo e deboche: “Média, que eu falo, é igual a média do seu umbigo. Não tem nenhuma representação física esse absurdo”. Essa é uma característica que se manteve presente em muitos programas de que participou, desde a entrevista do programa do Jô em 2012, comentada no capítulo anterior, e compõe uma parte central de sua *persona*, se portando como um cientista sério, mas que consegue ser sarcástico e debochado, possibilitando uma aproximação com o ouvinte que está sendo introduzido ao debate do aquecimento global.

No entanto, também é possível perceber que Ricardo Felício conhece muito bem o discurso com o qual está debatendo, pois frequentemente cita e busca refutar o discurso do aquecimento global, presentes nos relatórios oficiais de órgãos

científicos internacionais, como o IPCC. No exemplo acima, ele explica a questão da média da temperatura e sua relação com os gases estufa (CO₂), dizendo que isto não existe. Isto se dá porque, no discurso da ciência, esta é uma de suas principais afirmações: a correlação entre os aumentos de temperatura média e de concentração de CO₂ atmosféricos. Fazendo isso, Ricardo Felício explicita o conflito ideológico entre esses discursos, trazendo o enunciado de seu outro para si, respondendo a ele e o ressignificando. É na atividade cotidiana de debate, segundo os estudos de Bakhtin e o círculo, que os discursos se definem, respondendo um ao outro pela diferença de valores ideológicos. Diferente dos demais da mesa neste podcast, Ricardo se destaca amplamente neste ponto: a precisão com que traz o discurso mais avançado e recente sobre o aquecimento global, abordando os pontos principais para os próprios cientistas e painéis internacionais, de modo a responder e ressignificar este discurso para o público. Quando Ricardo se remete às questões científicas do aquecimento global, rebate precisamente os melhores argumentos e evidências que corroboram o aquecimento global, enquanto seus interlocutores do *podcast*, como será discutido posteriormente, buscam trazer argumentos que remetem a outras áreas e discursos.

No trecho a seguir, é possível observar como Ricardo Felício se baseia no discurso de seu outro para refutar a sua cientificidade, enquanto a transfere para si. Trata-se aqui da dinâmica de uma refutação científica, mesmo que o ambiente do discurso esteja deslocado para fora da esfera da ciência. Assim, Ricardo Felício, a princípio, assim como em 2012 quando da entrevista no *Programa do Jô*, produz um discurso que preza pela cientificidade e se coloca enquanto um cientista sério e capaz – observe-se que, além de ele demonstrar conhecimento científico pelo conteúdo de seu enunciado, estilisticamente ele marca sua autoridade na área pelo tom de seu discurso: assertivo, direto.

00:05:44 /RF/: Nós já tivemos dois períodos glaciais(...), o glacial é quando a Terra vira uma bola de sorvete mesmo. E é interessante quando a gente vê a história do planeta, a maior parte do tempo o planeta passa como uma bola de sorvete, não como no período atual (...). Nós já tivemos períodos glaciais com o carbono dez vezes maior. (...) A gente sempre vê, que o Al Gore mente descaradamente no seu documentário ali, que na verdade é filme de ficção científica, é que o CO₂ sobe primeiro, a temperatura sobe depois. Não, é o contrário: a temperatura sobe primeiro e o CO₂ acompanha. A temperatura desce e o CO₂ acompanha. Isso tem um intervalo de tempo de 800 anos a mil anos, e os cilindros de Vostok são a prova fundamental de que isso aí é uma mentira. (Apêndice A)

Neste fragmento, Ricardo menciona o documentário produzido pelo ex-vice-presidente dos Estados Unidos, Al Gore, chamado “Uma verdade inconveniente”. Neste filme, Al Gore se coloca como protagonista ao apresentar as evidências científicas do aquecimento global enquanto se coloca como o candidato que enfrentará essa questão dentro da política norte-americana. Embora se possa apresentar críticas ao modo de exposição profundamente sensacionalista e à evidente motivação oportunista dentro do contexto do período de eleição estadunidense no fim da década de 2010, quando se analisam as evidências e os argumentos científicos apresentados, pode-se afirmar que o filme se embasa naquilo que é reportado pelos principais órgãos científicos de sua época. Pode-se dizer que o documentário extrapola ou é ambíguo quando apresenta diversas previsões de acontecimentos, que ampliam a polarização a respeito deste debate e, de certa forma, poderia estar dificultando o entendimento sobre quais conclusões a ciência realmente fazia até esta época. No entanto, quando se trata das questões fundamentais sobre aumento da temperatura média global, aumento da concentração de gases de efeito estufa, aumento na frequência de eventos de crise climática e da responsabilidade humana sobre este fenômeno, todas estas questões são abordadas e corroboradas no audiovisual citado.

Ricardo Felício responde a este filme tentando apresentar uma confusão teórica feita por Al Gore, atacando-o dentro dos limites do conhecimento técnico, quando o corrige dizendo “Não, é o contrário”. Como é exemplo aqui, observa-se que o entrevistado sempre busca enfatizar que o domínio técnico e científico é apenas dele, trazendo a cientificidade para si no embate com seus pares. Para reforçar isso, traz ainda outro elemento técnico, “os cilindros de Vostok” (que são extratos de gelo de grande profundidade que permitem analisar mudanças atmosféricas ocorridas ao longo de milhões de anos), colocando-os como algo dentro de seu conhecimento e ao mesmo tempo alheio ao filme de Al Gore. Ou seja, os cilindros de Vostok, que em si corroboram e servem de evidência para a teoria do aquecimento global, da maneira em que são abordados por Felício, aparentam ser uma evidência que Al Gore não possui e, portanto, serviria de refutação à tese apresentada no documentário. É possível, também, já notar neste fragmento que, além do processo de refutação científica, Ricardo começa a tratar a posição de Al Gore como de uma mentira, como se houvesse, além de problemas com a teoria científica, uma intenção de dissimular e enganar o público..

É possível identificar aqui, momentos do discurso de Ricardo Felício que se desvelam relações dialógicas com outras esferas, para além da científica. No entanto, como se observa, Ricardo busca não assumir essas relações em primeira instância. Ainda é caro, para ele, debater o negacionismo climático dentro do campo científico, uma vez que, no contexto dos participantes da mesa, bem como de seu público, haverá amplo respaldo para se manter nessa posição. Como seu discurso, enquanto circula dentro de um público fechado nas “bolhas” das redes sociais não apresenta uma resposta negativa ou crítica, a defesa de Ricardo sobre seus valores da esfera científica seguem muito parecidas a outras participações na mídia.

A dinâmica de refutação científica faz parte da centralidade de seu discurso, pelo menos em um primeiro momento. Durante as falas iniciais do podcast, o entrevistado dialoga com os interlocutores do discurso do aquecimento global de modo a instituir que a sua compreensão técnica e o seu rigor científico fazem seu discurso negacionista se sobrepor ao discurso outro (o do consenso científico). No trecho adiante, Felício aponta que há uma desvirtuação do próprio método científico e explica como a ciência do aquecimento global, na sua visão, se comporta.

00:04:18 /RF/: Então veja só, se a gente sempre fala assim: bom, a ciência tem que trabalhar em cima de observação, descrição, aí você passa para teorizar. Você vai fazer levantamento de uma teoria, mas tem que passar primeiro pela hipótese e, para chegar na teoria, você tem que trazer as evidências. Esse é o passo. E chegou no quarto passo que todo mundo esqueceu, né? Aqui, se você teorizou e não funciona, chama-se reorientação do pensamento científico. O quarto esqueceram, jogaram no lixo, não existe mais. Porque alguma coisa se esqueceu de observar, alguma coisa você esqueceu de descrever e parece que hoje quando a gente fala sobre modelos de mundo, né? Você agora usa um modelo que você inventa do mundo pra justificar sua hipótese. Olha só que coisa absurda: “não, mas aonde tá a prova no mundo real de aquilo que você tá falando?” Ou seja, trazer as evidências para corroborar a sua hipótese. “Ah! Está no modelo de computador que eu fiz.” Isso é um erro epistemológico científico crasso, quando a explicação que você tá querendo dar é a própria imaginação que você fez, porque modelos são simplesmente imaginação. (Apêndice A)

Neste trecho, Felício praticamente encena uma pergunta, feita a um cientista hipotético, que busca saber onde estão as evidências científicas do aquecimento global. Através desta caricatura, Ricardo faz parecer que existe um processo de refutação muito simples de se fazer, e que isto seria uma conversa comum e corriqueira dentro de um ambiente acadêmico. Esta simplificação faz com que o público se sinta mais próximo deste debate, fazendo com que o público que,

anteriormente, em grande parte, poderia se entender como alheio a esta discussão, se sinta apto a usar os argumentos de Felício contra a própria ciência do aquecimento global. Ou seja, ao mesmo tempo que o entrevistado traz a sua capacidade técnica e científica como necessária para enfrentar o discurso do aquecimento global, ele o faz de modo a facilitar a discussão e tornar possível que até o público, que pouco conhece e estuda o tema, se sinta capaz de argumentar na via do negacionismo climático. Nesse caso, é possível chamar atenção para a complexidade dialógica empreendida pelo ex-docente universitário: ao mesmo tempo em que responde a seus pares na forma de refutação/desqualificação, não se aparta deles pois ainda se assume como quem enuncia no interior da ciência; por outro lado, dialoga com seu público-interlocutor imediato com estilo didático, em discurso ainda de autoridade mas construindo pontes para formação desse outro e estabelecimento de vínculos nas ações que devem se estender para além do enunciado, no fortalecimento do discurso negacionista com a ampliação de seus “propagadores”.

Em adição a esse movimento argumentativo, Ricardo Felício faz um processo de revisionismo dos argumentos científicos que embasam o consenso sobre o aquecimento global e de áreas da ciência como um todo, de modo que se faça entender que uma ampla parte do conhecimento científico fosse contrária ao entendimento do aquecimento global. No próximo trecho, Ricardo constrói seu argumento a respeito de como as medições e a aplicação de conceitos matemáticos e estatísticos estariam deslegitimando as conclusões da ciência do aquecimento global.

01:14:41 /RF/: Você pode pegar os marégrafos do mundo inteiro. Primeiro que o marégrafo, ele tá ligado no continente, o continente também se mexe, então não é uma coisa trivial (...). Então sobe e desce, vai lá registrando, você vai ter que tirar realmente a média para saber qual é esse nível médio do mar, né? É uma referência sobe, desce, sobe, desce. O problema é que os continentes também se mexem. Você tem regressão marinha, você tem transgressão marinha, dependem daquelas placas. Mexe um pouquinho, mexe um pouquinho. Ali mexeu, lá também. Então a lua passando, nós temos não só a maré Oceânica, mas também temos maré terrestre, tem maré atmosférica. Tudo está se mexendo no planeta terra. Então você vai ficar vendo coisinha de subir meio milímetro, um milímetro, até onde isso é o erro estatístico? Porque as coisas do mundo estão todas se mexendo e fazer... é o que eu falo. (/AM/: “E qualquer instrumento de medição não te dá uma precisão perfeita”). Não. Nós temos na universidade a teoria dos erros. Ó: “Teoria dos Erros”. É uma coisa extremamente bem consolidada. (/AM/: “Na matemática”). Exato! E quando você estuda bem aquilo, você fala assim: “Cara, o mundo natural é intangível!” Eu provo isso para meus

alunos, né? Quando a gente fala assim ó: “Desculpa, todas as medidas têm erros e você nunca vai saber qual é de fato a medida exata.” Por quê? Porque o número de medições que você teria que fazer dentro de um intervalo de tempo para chegar no valor real é infinito. Você consegue fazer infinitas medidas? Não, então você já provou matematicamente, aquela coisa do cálculo diferencial e integral, que não é possível, então tudo tem erro. Será que o teu erro e essa sua medida não está inerente também ao próprio meio que você está medindo? E aí eu explico: o meio não favorece a ser medido. É como se ele tem asco do ser humano pôr balizas e boias nele de medição. Na verdade, o que são as medições? São boias de sinalização que os seres humanos colocam na natureza para dizer o que que está mudando. Olha que loucura! Como é que eu sei que o nível do mar é tal coisa? Como é que eu sei que é alta pressão e baixa pressão? Quando é que eu sei que quando tem muito ozônio ou menos ozônio? Tem uma referência! Quem criou a referência? Foi Moisés quando desceu com os dez mandamentos? Não, nós que inventamos. E essas referências só servem para exatamente isso: referenciar para você entender quando está para mais, quando está para menos, aí você vai entender por que está para mais e por que está pra menos, é assim que funciona a ciência (...) (Apêndice A)

Ao fazer parecer que a ciência do aquecimento global está descolada do fazer científico real e em desacordo com outras áreas da ciência, o argumento de Ricardo Felício fragiliza a noção de consenso que se busca para a consolidação de uma teoria científica. Para os negacionistas climáticos, é importante que, mesmo que não se consiga convencer a maior parte da opinião pública a mudar de lado completamente, tendo em vista que esta seria uma pauta muito ambiciosa dadas as condições de aceitação de uma ideia tão divergente do senso comum, em vez disso, o objetivo principal seria instaurar a dúvida sobre um determinado consenso, freando, ou até impossibilitando, que a parte hegemônica deste campo venha a propor e causar mudanças sociais. Nesse sentido, o negacionismo do aquecimento global poderia ser relacionado e ser entendido de forma análoga ao fenômeno histórico do negacionismo das consequências à saúde do tabagismo ao longo do século 20, como apresenta o livro *Mercadores da Dúvida*, em que se afirma: “As mesmas estratégias utilizadas pela indústria do tabaco - semear dúvidas, questionar o consenso científico e promover a incerteza - foram usadas para minar a urgência da ação climática.”(ORESQUES; CONWAY, 2014). Os autores alertam como estes dois fenômenos históricos podem ser correlacionados de modo que seja possível entender de antemão determinadas estratégias de discurso e propaganda que conseguiram retardar o avanço da ciência sobre um tema que também esteve sob influência de um grande interesse político e econômico.

Indo além, cabe pensar se Felício faz a defesa de um suposto lado científico contrário ao consensual, que está em busca de uma verdade científica, com um

método ainda não avaliado pela maioria da comunidade, ou argumenta que possui evidências ainda inéditas.

00:18:43 /AM/: Agora, Felício, o professor Alexandre Costa ele comentou, né, dessa questão antropogênica, né isso? (/LB/: “Uhum.”), do aquecimento global, (/LB/: “Se seria ou não.”). Que todo mundo eu acho que entra nesse argumento, né? Porque falam: “não, o aquecimento há”. Agora, vamos saber se foi o homem ou não que causou, né? Porque o pessoal fala: “não, porque o planeta está sempre mudando, né?”. O planeta ele já foi uma bola de sorvete, aí depois ele aquece, depois desaquece e tal, e será que... Acho que a discussão está mais nisso de se é o homem que causou ou não, ou a discussão ainda dá um passo atrás, se existe ou não o tal do aquecimento?

00:19:27 /RF/: Olha dentro do próprio grupo dos cientistas que são céticos a história dos aquecimentistas também tem bastante divergências. Tem gente que fala assim “ó, aqueceu muito pouco”. Tem gente que fala: “não, isso aí não aqueceu porque faz parte da variabilidade”. E o nosso interglacial atual é um dos mais frios dos últimos dez. Olha só, dos últimos dez interglaciais esse é o mais frio, por isso que tem muito gelo no planeta ainda. “Não, mas tá derretendo”. Não, meu, está derretendo nada. Nós estamos no interglacial e tem gelo continental. Você está de brincadeira! Era para ter derretido muito mais. Então está muito frio, o planeta, em relação aos outros interglaciais, então existe também essa discussão entre os próprios cientistas céticos. (Apêndice A)

Como pode-se observar no trecho acima, Ricardo afirma existir uma variedade de pensamentos contrários ao consenso, e que estas são possibilidades plausíveis, passando uma visão de que a questão está em aberto, e que existem muitas maneiras e pontos de vista para se ser cético em relação ao aquecimento global. Ou seja, acontece a defesa de uma frente de cientistas que apresentam ideias diversas, de negacionistas que não buscam sustentar um novo consenso. Portanto, o que se depreende dessa defesa é que há um maior apreço por sustentar a posição de crítica à teoria do aquecimento global, demarcando a centralidade do valor do ceticismo (que é do campo científico), em vez de se apresentarem novas evidências e novos argumentos que componham uma nova posição científica definitiva que refute o atual consenso.

Nesse sentido, é feita uma manipulação em que se entende uma esfera científica, a qual Ricardo e outros pesquisadores fariam parte, que supervaloriza um determinado ceticismo. Na percepção de quem não faz parte desta comunidade e apenas recebem esse discurso através de Felício, esse ceticismo aparenta ser o suficiente para sustentar o negacionismo climático do ponto de vista científico. No entanto, essa conclusão só é possível, porque a lógica de negar o outro sempre é garantida anteriormente. Quando se faz o exercício de invalidar seu outro de

antemão, e isto só é possível com um público predisposto a tal (remetendo-se à esfera política), a afirmação positiva passa a ter, relativamente, menor valor. No fragmento acima, Ricardo revela um ponto fraco da argumentação em seu discurso, ela apresenta uma verdade vaga, ambígua, sem conclusão. Sem o contexto da suposta forma de ciência cética ou negacionista, esse ponto de seu discurso poderia ser amplamente criticado. No entanto, pela maneira como se dá todo o trabalho de cultivo ideológico do público, bem como o ambiente que favorece o discurso, apresentando diversas formas de respaldo, de legitimidade e corroboração para Ricardo, os elementos de afirmação positiva que um discurso científico deveria apresentar, trazendo evidências, estudos, uma estabilidade histórica dentro da ampla comunidade acadêmica, são descartados, frente à flagrante predominância de outros valores que organizam a dinâmica dessa interação social. Visto isso, pode-se afirmar que o negacionismo (também colocado como o lado “cético”) é um tipo de ciência que, em segredo, se vale de valores extracientíficos.

Em muitos pontos desta conversa, Ricardo afirma reiteradamente que os argumentos científicos são “mentiras”, não se tratando apenas de erros, falta de critério, ou capacidade técnica.

00:06:33 /RF/: A gente sempre vê, que o Al Gore mente descaradamente no seu documentário ali, que na verdade é filme de ficção científica, é que o CO2 sobe primeiro, a temperatura sobe depois. Não, é o contrário: a temperatura sobe primeiro e o CO2 acompanha. A temperatura desce e o CO2 acompanha. Isso tem um intervalo de tempo de 800 anos a mil anos, e os cilindros de Vostok são a prova fundamental de que isso aí é uma mentira. (Apêndice A)

A articulação entre o negacionismo científico e um aspecto de farsa, mentira, ou conspiração é fundamental para a construção de uma crença que blinda o público para seu discurso outro (o da ciência do aquecimento global). Ricardo institui uma questão moral que o diferencia de quem ele critica.

00:08:34 /RF/: É assim, vamos supor, pegar os últimos 10 mil anos as temperaturas baixaram e aí chegou agora eles criaram essa ideia de aquecimento global, saindo aí do ano de 1880 que é onde o IPCC faz uma referência de temperatura para atualmente mas, pera aí, mas em 1880 estamos um mínimo dos mínimos solares, e aí você pega aí mais ou menos 140 anos e fala que a temperatura da terra subiu 1 grau, dados são do próprio GISS da NASA que é o Goddard Institute que era um departamentozinho que ninguém dava nenhum valor, de repente ele ganha uma fortuna de dinheiro para falar de aquecimento global, aí você pega essas temperaturas, pera aí o próprio Arrhenius já tinha falado que a

temperatura média do planeta era 15° graus, aí o GISS falou que é 14 e aí falou que foi para 15, falei tá, então 1 grau Celsius em 141 anos da 0,01 grau Celsius por ano e portanto isso não é a representação física, porque na atmosfera a gente só mede a primeira casa decimal, então quanto variou a temperatura? Zero, aí eles pegam décadas. Não, mas a década inteira variou 0,1 aí eu continuo falando mas espera aí, 0,1 grau Celsius é uma coisa muito micro para você falar de 510 milhões de quilômetros quadrados com a coisa muito macro. Aí você pergunta o que que vocês estão medindo? Isso é loucura. (Apêndice A)

Suas críticas ao aquecimento global apresentam muitos pontos que fazem relação com a esfera política, no entanto, é importante perceber que este discurso ainda não se incorporou ou não foi incorporado, pelo discurso atual da extrema-direita brasileira, como será discutido no capítulo seguinte.

3.5 A INTERAÇÃO COM OS INTERLOCUTORES

A partir da análise do discurso de Ricardo Felício, feita no subcapítulo anterior, se pretende, então, analisar a interação entre os participantes do *podcast*, com o objetivo de compreender como os discurso dos anfitriões (também entendidos como porta-vozes da empresa Brasil Paralelo) e do outro convidado, Alexandre Costa, podem estar influenciando o discurso do negacionismo climático de Ricardo.

Nesse sentido, cabe analisar como se dá: a relação entre anfitriões e convidados; e a relação entre os dois convidados, Ricardo Felício e Alexandre Costa.

Como é da dinâmica de *podcasts*, bem como da produção de conteúdo em forma de colaboração na *internet*, acontece uma confluência de públicos, podendo ser classificados em dois grupos majoritários, neste caso: o público do *podcast* “Conversa Paralela”, mais acostumado com a forma do programa, seus anfitriões e seu posicionamento político; e o público de Ricardo Felício, mais acostumado com o debate do negacionismo climático, com a figura de Ricardo e seu papel de defensor do negacionismo no Brasil. Ou seja, para o sucesso de um conteúdo colaborativo na *internet* (tendo em mente que se busca crescer o público de cada parte), é necessário que haja um processo de chancelamento da figura de seu interlocutor em relação ao seu próprio público. Por exemplo, logo no começo do programa, ao introduzir quem estaria falando sobre aquecimento global, Arthur coloca: “00:01:27

/AM/: E como não poderia ser diferente, trouxe ele, Ricardo Felício, meteorologista, Professor Doutor em climatologia.”

Os anfitriões exaltam, de maneira cordial, os convidados, fazendo uso de seus títulos mais formais, como o de “professor doutor” no caso de Ricardo, o reforçando como autoridade acadêmica (mesmo que se deslegitime a ciência como um todo no contexto do *podcast*), entre outras formas enaltecidas menos formais, usando adjetivos como “o grande Ricardo Felício”, utilizado por Alexandre Costa, estabelecendo também relações de intimidade e coleguismo, fazendo com que se tenha um clima agradável e facilite a aproximação do público que não conhecia os convidados.

Há, então, uma apreciação das figuras convidadas ao *podcast*, visto que os anfitriões já dizem conhecer o trabalho dos convidados e já o respeitam há algum tempo. Por exemplo, Lara “desmente” Alexandre Costa que diz ter vindo para “servir de escada” a Ricardo:

00:01:57 /AC/: Muito obrigado pelo convite. É uma honra fazer parte mais uma vez. Dessa vez com o grande Ricardo Felício, que a gente já fez uma *live* juntos. E eu tô aqui “de escada”, podendo aproveitar, né, o conhecimento do Professor Ricardo.

00:02:16 /LB/: Eu já preciso começar desmentindo o convidado (/AM/: “Por favor!”), porque eu sou aluna dele inclusive no curso sobre Globalismo e Nova Ordem Mundial, que há, inclusive, dentro da própria plataforma da Brasil Paralelo.

00:02:26 /AM/: E que será que tem a ver com aquecimento global, com essa agenda verde aí? (/LB/: “Fica o questionamento”). (Apêndice A)

Nesse sentido, é importante perceber que, diferentemente da dinâmica de outros programas, bem como de outras participações de Ricardo dentro e fora da *internet*, no contexto deste *podcast*, se manifesta uma profunda aproximação entre Ricardo e seus interlocutores presentes (os anfitriões e o outro convidado). O movimento que se dá é: os anfitriões legitimam os convidados, para que os convidados legitimem o programa, de maneira recíproca. Ricardo é apresentado como uma autoridade no assunto, seu discurso ganha legitimidade. Em troca, o programa não está, portanto, defendendo o negacionismo levemente, está demonstrando fazer um trabalho sério, sendo capaz de trazer uma autoridade técnico-científica para corroborar o negacionismo climático.

Em muitas ocasiões, Ricardo, bem como outros negacionistas climáticos, são convidados a um programa midiático para falar sobre aquecimento global e explorar

a dinâmica da polêmica, colocando-os numa posição de defesa ou de debate, de modo que se entenda que o programa vê o tema ao menos como uma dúvida, mantendo a imparcialidade. Defende-se nesta análise que isso não acontece neste *podcast*.

Durante o começo do programa, os anfitriões demonstram estar curiosos e não ter opiniões formadas sobre o assunto. “00:01:27 /AM/: Boa! Então será que... Será que existe, será que não existe, será que é uma farsa, será que... Vamos descobrir hoje, aqui, a respeito de aquecimento global”. No entanto, não precisa de muito para que a conversa já se torne completamente a favor do negacionismo climático, com todos da mesa concordando, deslegitimando a ideia do aquecimento global, fazendo piadas com este tema e outros. Como se vê na pergunta de Arthur:

00:35:01 /AM/: Mas e o tal do buraco que eles falam? Porque... (/LB/: “Da camada de ozônio”). É! Porque você tá falando do ozônio. Beleza! Eles falam como se fosse realmente uma camada de uma cebola assim, como se fosse uma redoma mesmo. (/RF/: “É, eu chamo de preservativo planetário, né?”). É! (/AM/ e /LB/: Risos.) (/RF/: “Um absurdo!”). E aí é como se, sei lá, tivesse um buraco no meio dessa redoma ali. E aí você não pode consumir carne, sabe? Não pode andar de carro, sabe? (/AC/: “Tem que usar pronome neutro.”) (/todos/: Risos). Todas essas coisas para ir fechando, (/LB/: “Desodorante!”), para ir fechando o buraco. (/LB/: “Desodorante de, como é que chama?”). De onde é que veio o buraco aí? (/RF/: “Tem nada de buraco, né?”). (/LB/: “Aerosol”). (Apêndice A)

Ocorrem diversas perguntas em que os anfitriões as enunciam em tom de imparcialidade e de curiosidade genuína. No entanto, é possível perceber que eles demonstram facilmente adotar a visão dos convidados e ainda contribuem na construção de uma narrativa que busca deslegitimar o aquecimento global. O discurso de Ricardo, que tem a característica de fazer piadas e deboche com a teoria do aquecimento global, provoca risos, que revelam uma plena concordância ideológica entre Felício e outros participantes, como acontece no fragmento acima, “/RF/: É, eu chamo de preservativo planetário, né?”, ou em “00:03:00 /RF/: A temperatura varia de -70°C a +50°C, a média que eu falo é a média do seu umbigo. (/todos/: Risos).”

As interações entre Alexandre e Ricardo revelam um explícito endossamento de ambas partes. O discurso de Alexandre, que é muito menos técnico e científico, retoma o discurso de Ricardo frequentemente, o utilizando como argumento de autoridade científica:

00:10:09 /AC/: Olha o professor Ricardo já mostra que, assim, no nascedouro do negócio já tinha problema. E mesmo, vamos supor, que mesmo que exista um determinado crescimento aí da temperatura, a questão é: isso é antropogênico ou não? É criado, foi criado pelo homem? A gente tem como interferir nisso? Porque a ideia que se passou desde pelo menos a década de 90, né, que isso começa, ainda não se falava em aquecimento global até chegar naquele documentário que se coloca como rebelde, né, "Uma Verdade Inconveniente". Ele fez esse documentário assim, como se fosse algo "Olha, tô trazendo uma verdade que ninguém quer falar", só que ganhou *Oscar*. Eu nunca vi assim algo "fora do sistema", né, que é o que ele queria parecer, um vice-presidente americano. Mas compraram a ideia, né? Então, mas o que já, independente de se estivesse mesmo acontecendo, porque ele (Ricardo) já mostra que até aí a gente tem dúvida. (Apêndice A)

O discurso de Alexandre Costa se mostra muito diferente ao de Ricardo Felício. Enquanto Ricardo faz uso do discurso mais atualizado da ciência, respondendo a ele e o ressignificando, Alexandre dialoga apenas com o aspecto mais senso comum e superficial do tema, enfatizando o aspecto conspiratório desse discurso. Como se percebe no fragmento a seguir, Alexandre não consegue demonstrar o mesmo domínio técnico de Ricardo, sendo corrigido por ele e, frequentemente, buscando o respaldo dele para fazer alguma afirmação técnica.

00:11:24 /AC/: Não tem muito como avaliar essa história de temperatura média cara, é uma grande empulhação. Como, né? Não tem nem como fazer assim. Mas aí, mesmo que estivesse, agora isso é causado pelo homem? Porque todo mundo hoje em dia tem a ideia de que o homem é capaz de tudo né? Até para fazer o mal a gente tem limitação. A gente não conhece nem o nosso planeta, né? Você vê a versão oficial diz que a terra tem 12 mil metros, né, a circunferência. Então, o raio teria 6 mil. (/RF/: "12 mil quilômetros, 6,340 quilômetros de raio"). 12 mil, desculpa, seria o raio 6 mil quilômetros. Quanto o homem já perfurou? 20 quilômetros, chutando alto aí porque já era uma fenda lá, então eles já começaram o buraco em um lugar que já era aberto. Então vamos lá de 20 quilômetros para 6 mil quilômetros, né? A gente não conhece nada. E isso é para mostrar que a gente não conhece aqui, imagina o que a gente conhece do Sol. E como fala temperatura na terra sem entrar, né, nessas questões do Sol e desses números que a gente tem catalogado aí pela história. (Apêndice A)

O discurso de Alexandre, dentro da questão técnica, não consegue aprofundar para além de um senso comum e de analogias simplórias. Enquanto Ricardo aborda o tema do aquecimento global diretamente em seus conceitos, dentro daquilo que é vinculado pelos próprios órgãos climáticos intergovernamentais - no exercício de um processo de refutação substancial, Alexandre apela para um

senso comum em que “não se pode conhecer nada”, pela suposta insignificância e ignorância humana.

Apesar disso, no decorrer do *podcast*, o papel fundamental de Alexandre Costa é construir a ligação entre o negacionismo climático, defendido por Ricardo Felício, e os temas que ele mesmo defende, em suma: o “Globalismo” e a teoria da “Nova Ordem Mundial”. Isso acontece, inclusive, com o aval dos anfitriões, que buscam perguntar como entender a relação entre os dois assuntos, como adiante:

00:09:54 /AM/: Toda essa questão estatística de manipulação, professor Alexandre, quem é que lucra então? Já que não existe de fato esse aquecimento do jeito que eles estão falando, quem será que lucra com essa ideia?

00:16:24 /LB/: Só como desdobrar dessa resposta, até peço desculpa por não balancear nesse momento [aponta para Ricardo], mas é porque eu acho que vai ser um bom aprofundamento. Então, da sua perspectiva, a defesa de um Aquecimento Global seria uma forma, um dos instrumentos, uma das maneiras, um dos argumentos pró globalismo? (Apêndice A)

Como é possível ver, os anfitriões insistem em enfatizar a questão do Globalismo como uma justificativa para a questão do Aquecimento Global. Nesse sentido, pode-se entender que esta relação já era a intenção do programa, uma vez que houve a escolha de montar a mesa com estes dois convidados. Além disso, Alexandre tem uma ampla abertura para falar de seus temas, relacionar com o negacionismo climático, fazendo com que Ricardo se envolva nesses tópicos que, como visto nas pesquisas anteriores, não eram tão comuns ao negacionismo de Ricardo. Em outras palavras, Ricardo que sempre prezou por se manter dentro do viés do processo de refutação científica, deslegitimando o fazer científico da teoria do aquecimento global, buscando não explicitar um alinhamento ideológico e político e nem um teor conspiratório mais evidente, estaria aderindo a um discurso conspiratório alinhado à extrema-direita.

Para entender esse movimento, precisa-se compreender qual é o discurso de Alexandre Costa, e por que essa relação entre o negacionismo climático e um geral arcabouço ideológico da extrema-direita, trazido por ele, é importante para a Brasil Paralelo. Na pergunta seguinte, Lara, conduzindo a conversa de modo a produzir uma síntese de todo o programa, pergunta sobre Globalismo e Nova Ordem Mundial, enfatizando essa relação.

01:18:35 /LB/: Agora se o que a gente tá falando então é uma farsa, né? Então, teoricamente estamos falando que é... a conclusão, né, é que é uma narrativa. A quem que interessa atribuir a culpa disso, sabe? Então nós

temos aqui um espantalho, que não parece interessante, que funciona a serviço de uma narrativa que tem a ver com o Globalismo, Nova Ordem Mundial, até acho que vale a gente entrar em Nova Ordem Mundial e tal, mas a quem interessa atribuir a culpa disso?

01:19:12 /AC/: Olha, eu acho que se eles conseguem direcionar essa culpa para aquilo que eles querem mudar do nosso comportamento. Então, por exemplo, querem mudar nossa alimentação, porque assim: eu considero Nova Ordem Mundial algo diferente do Globalismo. Eu considero o Globalismo algo um aspecto desta nova ordem mundial, um novo ordenamento social, né? (/LB/: “Uma nova civilização”). Uma nova civilização. E como a ideia é que seja global, então essa transformação global. Dentre vários fatores, vários aspectos, eu considero que ele tem o Globalismo: a ideia de um governo mundial. Primeiro um ambiente de governança que vá brotar depois automaticamente essa autoridade. Não vai ter uma inauguração com fitinha e tal. Então, dentro desse aspecto, eu vejo que quem pretende criar uma nova civilização, quer criar um novo homem. Até porque, as experiências totalitárias do século 20 deram errado. Por quê? Porque o homem não estava em sintonia com a ideia ideológica que estava implantando. (/LB/: “Ele era o mesmo”). (...) Então, por isso que surgiu ali ainda na década de 30, ou até antes um pouco? Alguns pensadores, como a escola de Frankfurt, como Antônio Gramsci, que vão falar: “Ó, não é mudar o regime político. A gente tem que mudar a pessoa”. E aí surge a ideia de aproveitar o Pavlov para fazer engenharia social, e é onde a gente está hoje. Então eles querem transformar, eles precisam transformar a gente. Qual é a melhor maneira? Trocar nossos vícios, nossos hábitos, né? (/AM/: “Mudar a cultura, né?”) Mudar a cultura. Então eu costumo dizer que eles vieram de fora para dentro, primeiro você muda algumas leis, aí depois você vai mudando a cultura, os hábitos das pessoas. E agora eles querem mudar a nossa alimentação e nos obrigar a determinados medicamentos, o que já é um processo transhumanista. (Apêndice A)

Assim como Ricardo Felício é tratado como autoridade no tema do negacionismo climático, Alexandre Costa é tratado como autoridade para agregar à conversa aspectos da ideologia de extrema direita que a empresa Brasil Paralelo veicula. Globalismo e Nova Ordem Mundial são um dos principais legados de Olavo de Carvalho ao debate público e à política brasileira no campo da direita. Alexandre constrói sua carreira dando continuidade a esse ensinamentos e, nesse caso, aliado à produtora Brasil Paralelo, atualiza esse discurso relacionando as teorias olavistas de extrema-direita ao campo negacionista de Ricardo Felício.

Em resposta a isso, é possível perceber algo incomum na postura de Ricardo Felício. Mesmo que, às vezes, apenas concordando com o movimento de cabeça, conforme o episódio avança, ele se mostrará endossando o discurso de Alexandre, passando a exibir seu aspecto pessoal e conspiratório, se inserindo na produção ideológica da Brasil Paralelo.

00:53:38 /RF/: Bom, “é de boa intenção o inferno está cheio” que a gente fala, né? Primeiramente para receber financiamento público para fazer a pesquisa, ele já tem que falar a linguagem, então eu não sei se é muito isento, sabe? Então tipo, eu vi algumas coisas assim do tipo “ah, a temperatura vai subir meio grau no planeta e aí, então, essas espécies de pássaros vão poder chegar até altitude tal”. Eu falei “nossa cara, que conclusão sensacional de pesquisa”, mas rendeu lá uma linha no currículo que falou sobre aquecimento global. Faz parte da patota e segue o bonde. Então, assim, eu fico muito preocupado com isso, se de fato não sabem ou se fingem não saber, porque na minha visão os cientistas são a classe mais covarde que eu conheci na minha vida. São pouquíssimos, acho que uma fração insignificante de pessoas, que falam contra. E quanto morreu de cientistas nos últimos três anos. O professor Alexandre deve estar sabendo. O que morreu de cientistas nos últimos três anos é assustador, né? (/LB/: “Morreu?”). “Morrido”. (/LB/: “tipo é... misteriosamente?”). “Morridos”. (/todos/: Risos). (Apêndice A)

Neste fragmento, Ricardo busca respaldo em Alexandre para argumentar que cientistas que supostamente defendem o lado de deles foram assassinados por “falarem contra”. O discurso de Ricardo passa a abandonar seu principal aspecto, do início do *podcast*, de refutar o Aquecimento Global dentro de um viés supostamente científico. Ricardo está alegando que existem colegas sendo assassinados pelos mecanismos de teorias da conspiração: apresentando um fato que constitui uma injustiça sistêmica que coloca como alvo uma determinada posição política e ideológica. Esses gatilhos de medo aproximam o público dos locutores da mesa, se sentindo ameaçados por esses atos que estão sendo alegados.

Ricardo ainda adiciona mais elementos a sua teoria de como o CO₂ está instrumentalizado para a criação do governo mundial, defendida desde o princípio por Alexandre Costa.

00:57:40 /RF/: E o Brasil agora entrando com um cadastro de que vai registrar tudo das pessoas, das indústrias e tudo mais, para chegar no imposto do CO₂. É o que eles querem. Que coisa mais maravilhosa para todos os governos do planeta de criar mais impostos, tem alguma? Não tem. (/AC/: E uma coisa importante: a partir do momento que tiver um imposto mundial, está estabelecido o governo mundial certo?). Começa por aí. (/AC/: “Porque vai ter que ter um órgão para calcular...”) (/LB/: “Prestar contas”). (/AC/: “Cobrar e punir”). (/AM/: “Fiscalizar”). E punir. O pior é o punir. (Apêndice A)

Ricardo e Alexandre terminam este argumento em completa concordância, repetindo e complementando um ao outro. Ricardo revela um lado, até então, escondido, expondo suas motivações e justificativas que o mero processo de refutação científica deixava de lado. No fragmento a seguir, Ricardo faz uma crítica

às universidades públicas, declarando que ele, não só, tem problemas com a ciência produzida pela universidade, mas também chama atenção aos aspectos políticos que em sua visão impossibilitam que se faça ciência naquele local.

01:27:59 /RF/: Então isso é uma piada, isso é uma piada. As universidades pode fechar e apagar a luz, fecha a porta. Aquilo ali para mim é um acinte, a existência desses negócios. Porque não tem, você não tá fazendo nada de academia, você está fazendo é política. É aquilo que a gente tava falando (para Alexandre Costa): é só política, perseguição. Os caras não querem saber disso. Então é assustador, sabe? Esse ambiente é nocivo, esse ambiente realmente é assustador. Hoje eu falarei para qualquer pai: não mande seu filho da Universidade. É o pior lugar que você vai mandar teu filho. (/AC/: “E eu sou obrigado a concordar. E você serviu, acho que, de jurisprudência para depois eles fazerem o que ele fizeram com os médicos na pandemia, né?”). Exatamente, por isso que quando eu vi a “Fraudemia” acontecendo, (/AM/: “é o mesmo *modus operandi*”) na hora eu identifiquei: isso daí é... (Apêndice A)

Ricardo adota, ainda, o signo ideológico “Fraudemia”, demarcando sua posição política frente às questões históricas do período da pandemia de Covid-19 em 2020.

A situação escala de tal forma que, na despedida do programa, para além de todas as questões tratadas anteriormente, Ricardo afirma existir uma guerra espiritual.

01:46:13 /RF/: Acho que vale a pena explicar pelo menos as três esferas. Nós começamos então na parte científica, que seria a parte de meteorologia e climatologia, e mostramos que isso é uma fraude. Isso não se encaixa em nenhum momento. E então, mesmo eu estava desbravando em cima disso, mas qual é o porquê disso? Aí caí na área do professor Alexandre, que é a Geopolítica que é a segunda esfera. Mas tem um outro problema muito maior, que é a terceira esfera, que é para que isso tudo trabalha. Quando a gente vê que eles querem tirar o CO2 da atmosfera. Como eles querem reduzir a população do planeta. Tem gente do IPCC que fala: “não, tem que acabar com 90 por cento da população do planeta”. Nós temos uma terceira esfera, que é uma batalha espiritual. Não sei se o Alexandre concorda, mas é, aqui (Ricardo vê o aceno de Alexandre Costa), também concorda, que já tá mostrando ali um cartão cartão vermelho. É, nós entramos nessa esfera então. No final das contas que a gente vai concluindo tudo isso né, “mas por quê? É só poder? Não, tem uma coisa muito pior que realmente é uma batalha espiritual entre, agora é realmente o bem e o mal. Estamos nos dias derradeiros agora, a gente tá chegando nessa conclusão no final das contas. Porque submeter toda a humanidade a perder toda a sua história né, formando uma engenharia social nesse nível né. E tá lá no relatório que saiu na rio-92, é submeter a humanidade toda a chegar a um nível de indivíduo, significa que eles estão realmente querendo caçar homem por homem do planeta terra para se moldar ao que está vindo, e o que está vindo uma coisa muito tenebrosa aí que nós vamos ter desdobramentos terríveis a partir de 2023. (Apêndice A)

Essa afirmação de Felício, pode ser entendida até como uma superação dos limites trazidos por Alexandre Costa, que encerravam as problemáticas no campo da política. Ricardo, em suas palavras, coloca em jogo uma terceira esfera, a religiosa. Esta argumentação é muito curiosa, pois poderia ser entendido que Ricardo estava adotando o discurso de seus colegas interlocutores da mesa, podendo estar fazendo isso só para se manter em concordância com eles. No entanto, depois de debater bastante a esfera científica e política, ele mesmo aborda a questão religiosa, sendo mais incisivo que os outros falantes.

Esta é uma das últimas falas de Ricardo Felício no episódio e ela marca um momento inédito de completa abertura de Ricardo enquanto sujeito para com o público. Seja isto uma mudança intencional de seu discurso, ou um possível sincericídio, Ricardo reforça para com o público onde reside sua posição ideológica, tornando a conexão com seu público, possivelmente, mais baseada em aspectos religiosos e políticos, do que como cientista, mesmo que inicialmente se utilizou dessa posição para demonstrar seu conhecimento técnico para o processo de refutação científica do aquecimento global.

4 CONCLUSÃO

É possível depreender algumas conclusões a partir de tudo que foi analisado na pesquisa, dentre elas pode-se citar a existência e a relação que os ambientes discursivos mais contemporâneos como as redes sociais e os *podcasts*, formam e atendem a nichos isolados, na medida em que propiciam espaços que são públicos, ao mesmo tempo que fragmentam e isolam o público dentro das “bolhas” criadas pelos algoritmos, o que se difere muito do que se entendia por um ambiente público de uma mídia como a televisão. Nesses locais, é muito comum que os telespectadores concordem com as ideias que estão sendo fornecidas justamente porque tem o conteúdo das plataformas moldados aos próprios gostos, o que difere muito do ambiente televisivo, onde um entrevistado deveria pensar em um discurso que chegaria a um público diverso, com visões diferentes e antagônicas, sendo passíveis de uma crítica substancial.

Outra questão muito importante sobre os nichos das redes sociais e como elas auxiliam a propagação e continuidade de tais discursos está assentada sobre a possibilidade de compartilhamento dessas informações, sem nenhuma restrição, o que contribui para o crescimento na quantidade de pessoas que passam a se alinhar de alguma forma as ideias negacionistas defendidas, bem como outros posicionamentos políticos advindos da extrema-direita. As plataformas que veiculam os conteúdos, como o Youtube, não fazem o necessário para que se controle a disseminação de desinformação, negacionismo, Fake News, entre outros.

A maneira como o acesso à informação se dá na internet, fragmenta o público e atinge apenas um grupo que está alinhado ideologicamente com um determinado programa. Portanto, entende-se que o discurso de Ricardo se sinta à vontade em se tornar explícito, em respeito a suas aproximações ideológicas do campo político e religioso, mesmo considerando a todo o processo de refutação científica protagonizado por ele durante o início ou em eventos anteriores ao podcast.

Este fenômeno de bolhas nas redes sociais, que parecem especialmente eficientes em podcasts, funcionam de modo a veicular informações com viés ideológico muito marcado, além de alimentar um tipo de consumo vicioso e descolado da realidade da vida em sociedade e das instituições públicas, pois é lucrativo para essas empresas.

Por fim, se vê desvelada a aproximação ideológica do discurso do negacionismo climático frente a um ideário de extrema direita no Brasil, como é o dos participantes do podcast e da própria empresa Brasil Paralelo. Nos discursos analisados, criticou-se a ciência, as universidades, as organizações intergovernamentais, entre outros. Muitas dessas críticas perpassam a acusação de que esses ambientes possuem posicionamentos políticos de esquerda, e que isto denotaria uma falha moral e seria a justificativa pela qual as instituições são falhas e ineficientes.

O processo de elaboração da transcrição se revelou muito importante para o trabalho, além de permitir uma melhor análise do conteúdo do *podcast*, poderá ser retomado futuramente, em sua integridade, como objeto de análise para outras pesquisas.

Além disso, cabe ressaltar como este trabalho se insere em uma investigação contínua do negacionismo climático no Brasil, fazendo contribuições pontuais, mas também compondo um percurso de pesquisa cumulativo, que se iniciou na iniciação científica a 5 anos e pretende continuar, sendo um instrumento no combate ao negacionismo da ciência e qualquer forma de desinformação.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa, 2001.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro e João, 2011.
- BARROS, C. et al. **Negacionismo climático no youtube**: como argumentos de falsos especialistas repercutem nos comentários da audiência. In: ANAIS DO 33º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2024, Niterói. Anais eletrônicos. Campinas, Galóá, 2024.
- BRAIT, B. (org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.
- BRAIT, B. (org.) **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BRAIT, B. (org.) **Bakhtin: dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009a.
- BRAIT, B. (org.) **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009b.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL PARALELO. **1964: O Brasil entre armas e livros**. 2019. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/>. Acesso em: 01 ago. 2025.
- BRASIL PARALELO. **Cortina de Fumaça**. 2021. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/>. Acesso em: 01 ago. 2025.
- BRASIL PARALELO. **Conversa Paralela**. 2021. IMDb, 2021. Disponível em: <https://www.imdb.com/pt/title/tt18450970/>. Acesso em: 01 ago. 2025.
- BRASIL PARALELO. **Aquecimento Global É Uma Farsa? | Conversa Paralela com Alexandre Costa e Ricardo Felicio**. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LgduvbP6pxg>. Acesso em: 01 ago. 2025.
- BUSNARDO, J. M.; MENDONÇA, M. C. **“O Discurso Do Negacionismo Climático: Embate Contra O Consenso Científico.”**, 2023.
- BUSNARDO, Juliano Momenti; MENDONÇA, M. C. **“O Negacionismo Climático No Brasil: Análise Dialógica De Uma Entrevista No Programa Do Jô”**, 2024.
- COOK, J. et al. **Quantifying the consensus on anthropogenic global warming in the scientific literature**. Environmental Research Letters 8 024024, 2013.

COOK, J. et al. **Consensus on consensus: a synthesis of consensus estimates on human-caused global warming**. Environmental Research Letters 11 048002, 2016.

GRILLO, S. V. C. **Esfera e campo**. In: Beth Brait. (Org.). Bakhtin: outros conceitos-chave. 1ed. São Paulo: Contexto, 2006, v. , p. 133-160.

GRILLO, S. V. C. **Desafios metodológicos para os estudos bakhtinianos do discurso**. In: GEGE. (Org.) Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012, p. 107-117.

JUNGES, A. L.; MASSONI, N. T. **O Consenso Científico sobre Aquecimento Global Antropogênico: Considerações Históricas e Epistemológicas e Reflexões para o Ensino dessa Temática**. Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências. RBPEC 18(2). Agosto, 2018 , p. 455–491.

LEDA NAGLE. **“Ricardo Felício : Ele Não Acredita Na Relação Homem E Aquecimento Global: | Leda Nagle.”** Youtube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Qzc2KthKt4>. Acesso em: 01 ago. 2025.

LONGINO, H. **Science as social knowledge**. New Jersey: Princeton University Press, 1990.

LONGINO, H. **The fate of knowledge**. New Jersey: Princeton University Press, 2002.

MCCARTHY, J. J. Ed. **Climate Change 2001: Impacts, Adaptation, and Vulnerability**. Cambridge Univ. Press, Cambridge, 2001.

REDE GLOBO. **“O aquecimento global é uma mentira”**. Youtube, 2012. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1930554/?s=0s>. Acesso em: 01 ago. 2025.

SALGADO, J.; FERREIRA JORGE , M. **Paralelismos em disputa: O papel da Brasil Paralelo na atual guerra cultural**. Revista Eco-Pós, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 726–738, 2021. DOI: 10.29146/ecopos.v24i2.27797. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27797. Acesso em: 23 ago. 2024.

SOLOMON, M. **Social empiricism**. Massachusetts: The MIT Press, 2001.

VEJA. **Brasil Paralelo surfa na polarização e tem crescimento exponencial**. Revista Veja: Negócios. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/brasil-paralelo-surfa-na-polarizacao-e-tem-crescimento-exponencial>

VOLOCHINOV. V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017. (Tradução, Ensaio Introdutório, Glossário e Notas de S. V. C. Grillo e E. V. Américo). 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017. v. 1. 371p.

VOLOCHINOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios.** Organização, tradução e notas: João Wanderley Geraldi. São Paulo: Pedro & João Editores, 2013.

APÊNDICE A - A TRANSCRIÇÃO DO PODCAST

00:00:58 /AM/: Muito boa noite, está começando agora mais um conversa paralela, o seu podcast semanal da Brasil Paralelo, mais uma vez eu estou aqui ao lado da minha queridíssima amiga Lara Brenner.

00:01:12 /LB/: Meu querido, Boa noite. Que alegria estar aqui mais uma vez com você.

00:01:17 /AM/: Alegria toda minha. E hoje eu estou a caráter pro nosso tema. Estou vestido com um tom quente aqui, porque falaremos sobre o quê, Lara Brenner?

00:01:24 /LB/: Falaremos sobre aquecimento global.

00:01:27 /AM/: Boa! Então será que... (/LB/: "É babado!") Será que existe, será que não existe, será que é uma farsa, será que... Vamos descobrir hoje, aqui, a respeito de aquecimento global. E como não poderia ser diferente, trouxemos ele, Ricardo Felício, meteorologista, Professor Doutor em climatologia. Muito boa noite, Ricardo.

00:01:47 /RF/: Boa noite, muito obrigado pelo convite, espero ajudar aqui a esclarecer algumas coisas.

00:01:52 /AM/: E trouxemos também Alexandre Costa, escritor.

00:01:57 /AC/: Muito obrigado pelo convite. É uma honra fazer parte mais uma vez. Dessa vez com o grande Ricardo Felício, que a gente já fez uma live juntos e eu tô aqui "de escada" podendo aproveitar, né, o conhecimento do Professor Ricardo.

00:02:10 /AM/: Vamos entrar nuns meios aí que tem tudo a ver com você, aqui que a gente pode.

00:02:16 /LB/: Eu já preciso começar desmentindo o convidado (/AM/: “Por favor!”), porque eu sou aluna dele, inclusive no curso sobre Globalismo e Nova Ordem Mundial, que há, inclusive, dentro da própria plataforma da Brasil Paralelo.

00:02:26 /AM/: E que será que tem a ver com aquecimento global, com essa agenda verde aí? (/LB/: “Fica o questionamento”). Vamos ver no decorrer do programa. Então eu quero já começar é: bom, só para botar todo mundo na mesma página, o pessoal que tá de casa assistindo. Gente, você que tá em casa, já deixa o seu like e já compartilha com o pessoal já. Você já viu que o assunto hoje vai pegar fogo aqui, literalmente, não literalmente né, mas vai pegar fogo aí (/LB/: “Figurativamente”). E eu gostaria de começar jogando a bola para o Professor Felício, né. O que que é aquecimento global, professor?

00:03:00 /RF/: Bom vamos dizer assim que foi uma ideia que quiseram criar dizendo que a temperatura do planeta média, que já é uma abstração total né, imagina você ter até 510 milhões de quilômetros quadrados achar que tem a temperatura média. A temperatura varia de -70°C a $+50^{\circ}\text{C}$, a média que eu falo é a média do seu umbigo. (/todos/: risos). Não tem nenhuma representação física esse absurdo. E aí eles fizeram a associação de que um dos gases pertencentes e que fazem parte dos constituintes da atmosfera, mas um gás traço, que é o CO_2 , ele, a partir da sua proporção crescendo na atmosfera, isso faria a temperatura do planeta aquecer. Isso não tem nenhuma evidência científica que isso acontece, tanto é que nós temos diversos períodos em que a concentração de CO_2 já estava muito mais do que a atual, inclusive uma delas 10 vezes a atual e Planeta Terra virou uma bola de sorvete. Então, não tem nenhuma evidência científica que mostre que o CO_2 consegue aquecer o planeta, né, reter aí a radiação que ficava presa na atmosfera. Então isso não existe. Eles conseguiram “colar” essa ideia, né, através de modelos de computador. Então veja só, se a gente sempre fala assim: Bom, a ciência tem que trabalhar em cima de observação, descrição, aí você passa para teorizar, você vai fazer levantamento de uma teoria mas tem que passar primeiro pela hipótese, e para chegar na teoria você tem que trazer as evidências. Esse é o passo. E chegou no quarto passo que todo mundo esqueceu né, aqui se você teorizou e não funciona, chama-se reorientação do pensamento científico. O quarto esqueceram,

jogaram no lixo, não existe mais, porque alguma coisa se esqueceu de observar, alguma coisa você esqueceu de descrever e parece que hoje quando a gente fala sobre modelos de mundo né, é, você agora usa um modelo que você inventa do mundo pra justificar sua hipótese. Olha só que coisa absurda, não, mas aonde tá a prova no mundo real do aquilo o que você tá falando ou seja trazer as evidências para corroborar a sua hipótese, ah está no modelo de computador que eu fiz, isso é um erro epistemológico científico crasso, quando a explicação que você tá querendo dar é a própria imaginação que você fez porque modelos são simplesmente imaginação.

00:05:28 /LB/: Professor, é, essa medida, essa aferição, a respeito desses, dessas dez vezes mais, neste dez vezes mais em termos de quantidade de carbono, o senhor fala que no período interglacial houve um pico de carbono, é isso mesmo, to falando bobeira?

00:05:44 /RF/: Nós tivemos dois períodos glaciais, ou seja, não eram interglacial, o interglacial é o que nós vivemos hoje, (/LB/: “uhum”), o Glacial é quando a terra vira uma bola de sorvete mesmo. E é interessante quando a gente vê a história do planeta, a maior parte do tempo o planeta passa como uma bola de sorvete, não como o período atual.

00:06:00 /LB/: Mas o carbono aumenta no interglacial ou no Glacial?

00:06:04 /RF/: Nós tivemos períodos em que tivemos glaciais com o carbono mais (/LB/: dez vezes maior), dez vezes maior.

00:06:11 /LB/: Essa aferição é feita analisando o próprio gelo que existe, né?

00:06:18 /RF/: Gelo, extrato de rochas são chamados os testemunhos, então tem diversos tipos de, vamos dizer assim, proxies que indicam isso para gente. Agora, mais interessante que quando gente faz isso, essa varredura toda dessas informações de avaliação de CO₂ com temperaturas, a gente sempre vê e o Al Gore mente descaradamente no seu documentário ali, que na verdade é filme de ficção científica, é que o CO₂ sobe primeiro e a temperatura sobe depois, não, é o

contrário, a temperatura sobe primeiro e o CO2 acompanha. A temperatura desce e o CO2 acompanha, isso tem um intervalo de tempo de 800 anos a mil anos e os cilindros de Vostok são a prova fundamental de que isso aí é uma mentira.

00:06:57 /AM/: Tem uma manchete clássica do Al Gore lá, que ele fala que o gelo do ártico ia desaparecer em 2014. (/RF/: “2012.”)

00:07:04 /LB/: Mas se eu, por exemplo, hoje, eu quiser ter acesso a isso, eu quero ver esses estudos, onde que eu posso ver isso assim, dessas quantidades de carbono dentro do gelo?

00:07:16 /RF/: Como assim você tá falando?

00:07:18 /LB/: É, eu to falando assim, eu cidadã comum. Eu tô aqui fazendo as minhas pesquisas, quero entender melhor essa questão do aquecimento global, se há ou não, Quais são os registros científicos dos quais eu preciso ir atrás para poder ver esse aumento?

00:07:31 /AM/: Quais as fontes, né?

00:07:32 /LB/: É. Quais as fontes, exatamente?

00:07:33 /RF/: É, você tem instituições que trabalham com criosfera que tem isso registrado, então tem que procurar alguma, tipo Instituto Scott que é um deles que tem assim muitos trabalhos científicos que trabalham com a parte de testemunhos de gelo mais antigos, não nos últimos cinquenta anos, mais profundos indicam isso com muita clareza. O próprio IPCC coloca isso no seu no seu quarto relatório, que a gente fala assim: até o quarto relatório de 2005 a 2007 ainda tinha alguma, vamos dizer assim, eles ainda tinham algum pudor, a partir dali virou uma porcaria, uma piada. Tanto é que saiu em 2007/2008 até 2010, o IPCC, que é o painel do clima, teve uma debandada. Os caras falaram: “não, vocês estão mentindo descaradamente nos relatórios, né, vocês estão omitindo as informações então.”

00:08:16 /AM/: Agora se tem essa galera que tá mentindo, que tá omitindo né, e pela sua resposta o que deu para perceber é que não existe então o aquecimento global, não sei se foi exatamente isso que você respondeu assim, então não existe o aquecimento global?

00:08:34 /RF/: É assim, vamos supor, pegar os últimos 10 mil anos as temperaturas baixaram e aí chegou agora eles criaram essa ideia de aquecimento global, saindo aí do ano de 1880 que é onde o IPCC faz uma referência de temperatura para atualmente mas, pera aí, mas em 1880 estamos um mínimo dos mínimos solares, e aí você pega aí mais ou menos 140 anos e fala que a temperatura da terra subiu 1 grau, dados são do próprio GISS da NASA que é o Goddard Institute que era um departamentozinho que ninguém dava nenhum valor, de repente ele ganha uma fortuna de dinheiro para falar de aquecimento global, aí você pega essas temperaturas, pera aí o próprio Arrhenius já tinha falado que a temperatura média do planeta era 15° grau, aí o GISS falou que é 14 e aí falou que foi para 15, falei tá, então 1 grau Celsius em 141 anos da 0,01 grau Celsius por ano e portanto isso não é a representação física, porque na atmosfera a gente só mede a primeira casa decimal, então quanto variou a temperatura? Zero, aí eles pegam décadas. Não, mas a década inteira variou 0,1 aí eu continuo falando mas espera aí, 0,1 grau Celsius é uma coisa muito micro para você falar de 510 milhões de quilômetros quadrados com a coisa muito macro. Aí você pergunta o que que vocês estão medindo? Isso é loucura.

00:09:54 /AM/: Toda essa questão estatística de manipulação, professor Alexandre, quem é que lucra então? Já que não existe de fato esse aquecimento do jeito que eles estão falando, quem será que lucra com essa ideia?

00:10:09 /AC/: Olha o professor Ricardo já mostra que, assim, no nascedouro do negócio já tinha problema. E mesmo, vamos supor, que mesmo que existisse, sim, um determinado crescimento aí da temperatura, a questão é isso: é antropogênico ou não? É criado, foi criado pelo homem? A gente tem como interferir nisso? Porque a ideia que se passou desde pelo menos a década de 90, né, que isso começa, ainda não se falava em aquecimento global até chegar naquele documentário que se coloca como rebelde, né, "Uma Verdade Inconveniente". (/AM/: "Do Greenpeace

esse?”). Não, o do Al Gore. (/AM/: “Do Al Gore, do Al Gore”). Ele fez esse documentário assim como se fosse algo “Olha, tô trazendo uma verdade que ninguém quer falar”, só que ganhou o Oscar. Eu nunca vi algo assim fora do sistema né, que é o que ele queria parecer um vice presidente Americano, mas compraram a ideia né. Então mas, o que já independente se estivesse mesmo acontecendo, porque ele já mostra que até aí a gente tem dúvida, não tem muito como avaliar essa história de temperatura média cara, é uma grande empulhação. Como né, não tem nem como fazer assim. Mas aí, mesmo que estivesse, agora isso é causado pelo homem? Porque todo mundo hoje em dia tem a ideia de que o homem é capaz de tudo né? Até para fazer o mal a gente tem limitação. A gente não conhece nem o nosso planeta, né? Você vê a versão oficial diz que a terra tem 12 mil metros, né, a circunferência. Então o raio teria 6 mil. (/RF/: “12 mil quilômetros, 6,340 quilômetros de raio”). 12 mil, desculpa, seria o raio 6 mil quilômetros. Quanto o homem já perfurou? 20 quilômetros chutando alto aí porque já era uma fenda lá, então eles já começaram o buraco um lugar já era aberto. Então vamos lá de 20 quilômetros para 6 mil quilômetros, né? A gente não conhece nada. E isso é para mostrar que a gente não conhece aqui, imagina o que a gente conhece do Sol. E como fala temperatura na terra sem entrar, né, nessas questões do Sol e desses números que a gente tem catalogado aí pela história. Então porque isso? Primeira pergunta que faz é por que que os caras mentiriam isso? (/AM/: “Qual que é o objetivo, né, por trás disso?”) Porque o primeiro deles é a diminuição da soberanias nacionais. Porque a partir do momento que você tem um pânico generalizado, né, você faz com que as pessoas aceitem ceder parte dos seus direitos, das suas liberdades, em troca de... “Olha, vamo! É uma...” (/RF/: “Bem comum”). Comunicação de guerra, né? “Olha, tá em guerra, então nós vamos...” (/AM/: “Reduzir o consumo, deixar de usar a água, para de comer carne”). Só que isso a gente vê que como não pode estar necessariamente atrelado à ideia antropogênica, então deveria ter que se discutir, assim, o equilíbrio disso. Pera aí. Os problemas que a gente vai ter, por exemplo, ao diminuir a produção de comida, que é o que a gente tá vivendo hoje, uma coisa assassina que tão fazendo hoje, que diz sobrepor as orientações para a preservação do clima, tá a produção de alimento. Tem que explicar isso para as pessoas, falar “olha, você acha então que a gente tem que preservar o meio ambiente mesmo que seu filho passe fome?” Entendeu? E sendo que quando você vai pesquisar, você fala que... Você vê que, além de tudo, é uma empulhação, porque não vai preservar

nada, não tem nada a ver com isso, porque tem um objetivo muito claro que é geopolítico, né? Nunca algo tem uma causa só, né? Aquela coisa aristotélica de ter causa formal, causa original, causa material, né? Pelo menos 4. (/LB/: “Causa final”). E causa final. Então, você vai ver que você vai encontrar uma causa em todo esse processo, a primeira material a mais simples que é ganhar dinheiro porque tem um monte de gente, (/AM/: “Indústria vegana, indústria não sei”). Não, por exemplo, uma coisa que o Dom Bertrand explica muito bem, acho que inclusive até aqui no Brasil Paralelo ele já falou sobre isso, o Brasil alimenta um bilhão e meio de pessoas com a legislação mais restritiva que existe no agronegócio. Nenhum país da Europa segue as restrições no mesmo patamar que a nossa, nenhum. Então, imagina, e mesmo assim a gente tem uma eficiência no nosso agronegócio, que acho que os dois únicos negócios que funcionam tão bem assim no Brasil é o agronegócio e o tráfico de drogas, né? (/todos/: risos). Porque é organizado o negócio, né? E aí a gente vê que mesmo com toda essa restrição esses caras conseguem produzir comida para um bilhão e meio de pessoas, então imagina quantos *players* do mercado de *commodities* da agricultura, ou de carne, ou de outras coisas, têm interesse que a gente diminua a nossa produção, né? Então é até aquele outro documentário que a gente fez aqui a gente tratou bem disso né, como tinha interesses internacionais, (/AM/: “Cortina de fumaça”) É, a cortina de fumaça, como tinha interesses internacionais na separação de território, para demarcação indígena, para demarcação ambiental, para isso, por que? Porque ia reduzindo a nossa capacidade de produção. Então já começa pela mais simples, dinheiro, mas tem coisas mais complexas que a gente pode ir falando ao longo do...

00:16:24 /LB/: Só como desdobrar dessa resposta, até peço desculpa por não balancear nesse momento [aponta para Ricardo], mas é porque eu acho que vai ser um bom aprofundamento. Então, da sua perspectiva, a defesa de um Aquecimento Global seria uma forma, um dos instrumentos, uma das maneiras, um dos argumentos pró globalismo?

00:16:46 /AC/: Exatamente, para submeter as nações a entregar sua soberania a decisões e organismos internacionais.

00:16:52 /LB/: Aliás, só para quem caiu de paraquedas aqui no papo o que que seria globalismo e qual é a diferença de globalismo para globalização?

00:17:00 /AC/: Olha, eu entendo globalismo como um fenômeno eminentemente político, enquanto que a globalização é um fenômeno econômico. Embora hoje essa intenção de se criar um ambiente de governança global vem usando os benefícios da globalização como moeda de troca, como moeda de ameaça e de chantagem (/LB/: “ou seja, o globalismo instrumentaliza a globalização?”). É, olha se você não aceitar essa regra ambiental aqui da ONU, ou da NASA, ou de seja quem for, (/LB/: “Da OMS na pandemia.”), da OMS na pandemia, em todas as áreas, você não vai poder usufruir de determinado financiamento do Banco Mundial, do FMI.

00:17:47 /AM/: E passam por cima inclusive da Constituição, né? (AC: “Total.”). A gente recebeu o Ivan Sartori aqui, desembargador, né? Ele comentando, tipo no período da pandemia, né? Vinha uma decisão da OMS, e aí tipo passava por cima da Constituição aqui e é isso, e fica por isso mesmo, entendeu?

00:18:15 /AC/: Em que outro momento da história, uma empresa... (/AM/: “Uma organização supranacional”). Não, pior que isso até, já é ruim a OMS, agora imagina uma empresa que vende um produto e fala “eu não vou me responsabilizar por eventuais problemas”. (/AM/: “Sim”). Em que outro momento na história a gente teve isso? Ou seja, a submissão da soberania nacional a uma empresa! Olha a que ponto a gente chegou, nós abaixamos as calças para uma empresa! E isso eu acho que vai criar jurisprudência que a gente nunca mais vai conseguir enfrentar esse tipo de coisa de outra maneira.

00:18:43 /AM/: Agora Felício, o professor Alexandre Costa, ele comentou, né, dessa questão antropogênica, né isso, (/LB/: “Uhum”), do aquecimento global. (/LB/: “Se seria ou não”). Que todo mundo eu acho que entra nesse argumento, né? Porque falam: “não, o aquecimento há”. Agora, vamos saber se foi o homem ou não que causou, né? Porque o pessoal fala: “não, porque o planeta está sempre mudando, né?”. O planeta ele já foi uma bola de sorvete, aí depois ele aquece, depois desaquece e tal, e será que... Acho que a discussão tá mais nisso de se é o homem

que causou não, ou a discussão ainda dá um passo atrás, se existe ou não o tal do aquecimento?

00:19:27 /RF/: Olha dentro do próprio grupo dos cientistas que são céticos a história dos aquecimentistas também tem bastante divergências. Tem gente que fala assim: "ó, aqueceu muito pouco". Tem gente que fala: "Não, isso aí não aqueceu porque faz parte da variabilidade". E o nosso interglacial atual é um dos mais frios dos últimos dez. Olha só: dos últimos dez interglaciais, esse é o mais frio, por isso que tem muito gelo no planeta ainda. "Não, mas tá derretendo". Não meu, está derretendo nada. Nós estamos no interglacial e tem gelo continental você tá de brincadeira, era para ter derretido muito mais, então está muito frio o planeta em relação aos outros interglaciais. Então existe também essa discussão entre os próprios cientistas céticos. Eu não vejo aquecimento nessa variação que eu falei, 0,01 ou seja, precisa de uma década para falar que subiu 0,1 nesse tamanho de planeta, alguma coisa está muito errada. Por quê? Porque, primeiro, planeta terra não é um planeta só, né, eu falo assim, dá para dividir ele em três. A gente fala primeiro duas, depois você está estudando mais você vê que a climatologia do planeta terra divide em três: hemisfério sul dos 30 graus para o Pólo Sul, a 30 graus norte para o pólo norte e a parte Tropical são três coisas totalmente diferentes. Aí você vê que a era dos satélites nasce com uma coerência de dados mais específicos agora, praticamente no final dos anos 70 para agora. Então a era dos satélites nasce no período mais quente, que foi o El Niño do século, o final do século 20 que foi mais um pouquinho mais quente porque nós saímos no mínimo solar e chegamos no máximo solar em 1957, então tem todo um delay aí do planeta se ajustando com um novo um padrão que tá vindo de energia. Isso aí faz parte da variabilidade. Então se você estuda hemisfério norte você vê que ele tem uma variação muito maior de temperaturas do que hemisfério sul, aí o pessoal fala "olha tá aqui a prova", mas espera aí, o hemisfério norte é diferente, é muito diferente, o Ártico ele derrete, ele congela, ele fica fazendo esse movimento também por causa de outros fenômenos. Qual deles? Por exemplo, o movimento nodal da lua, a cada 18 anos e meio, quase 19 anos, a lua ganha um pouco mais latitude perde um pouco mais de latitude, nisso com um movimento de Marés ela pega água dos trópicos e joga para parte polar. Então o Ártico que não é um continente, mas é só mar congelado, ele sente isso mais, né? Então derrete um pouco mais, depois ele congela um pouco mais, e o pessoal da

Guerra Fria tava cansado de saber disso, porque todo mundo esquece. Olha, a arma suprema era o submarino, agora tô na na área do Professor Alexandre, a arma suprema era o submarino. Na Segunda Guerra Mundial os alemães provaram isso tanto é que todos os programas tanto da União Soviética, quanto dos Estados Unidos, é, meu, quero lançar um míssil do Polo Norte para pegar meus adversários de calça curta. O ataque dá mais ou menos acho que oito minutos e trinta para chegar um míssil em cima do território inimigo. Então eles conheciam tudo que você pode imaginar do ártico, onde é que abriam as políneas, que são as aberturas do gelo. Enfim, eles estudaram muito isso, esses dados eles guardaram a sete chaves que cada um tinha o seu banco de dados próprio. Tanto é, que hoje a China e a Rússia continuam aí disputando essa parte aí do Polo Norte, porque quanto mais abrir aquilo lá para eles melhor, eles tem uma rota alternativa inclusive falando aí globalização e tudo mais para eles é ótimo, tem uma alternativa para levar produtos para Europa e tudo mais. Então veja só, eles sempre estiveram olhando muito bem isso. Nós temos os rebocadores nucleares também que foram colocados. Então essa discussão, se existe uma temperatura que aumentou de fato, você vê também recordes de temperaturas extremamente baixas, às vezes se vê geleiras que estão crescendo ao invés de estarem diminuindo. Então isso é muito vago, você tem que falar que a análise climática tem que ser feita de forma regional, não existe um clima global.

00:23:34 /AM/: Algo muito menor, por exemplo, às vezes eu fico vendo que, sei lá, saiu na TV, no jornal: “Ah, o dia mais frio do ano em décadas”. Aí tu fica: “Caramba...”, sabe? (/RF/: “Já aconteceu antes, né?”) Sei lá... São Paulo, ano passado, ali já foi a semana mais fria do ano e não sei quantos anos já passaram, entendeu?

00:23:56 /AC/: Sabe uma coisa que eu já reparei? Que agora quando eles estão falando de calor, eles falam assim: “Este é o dia mais frio desde 2021”. Fica parecendo... Ah, desculpa, calor. Quando é calor, que é pra mostrar o calor, desculpa. “O dia mais quente desde...”. Aí dá aquela impressão que o cara vai vir com o século passado. (/LB/: “Uhum!”). (/AM/: “Sei”). “Desde 2021”. Aí você fala: “Cara...” (/LB/: “Tá de boa, né?”). Não, é porque desde 2021, a gente não tava na mesma estação? E é uma coisa (/AM/: “Desde semana passada... Hoje”). “Hoje é o

dia mais quente desde hoje de manhã”, sabe? Porque é para a ideia de ir martelando no nosso imaginário. (/LB/: “Que tá esquentando”). Porque a gente toma decisões, a gente imagina as coisas, tudo com base muito mais no que você assimilou sem prestar atenção, do que aquilo que você racionaliza, né? Mas a gente toma uma decisão, a gente acaba falando, é eu percebo, eu acompanho seu trabalho há dez anos [aponta para Felício], então eu não tenho como acreditar em aquecimento global. Quem vê uma aula dele nunca mais acredita em aquecimento global. Mas eu ainda, de vez em quando, eu acho que de tanto que a gente é martelado eu fico com essa do antropogênico, não é? (/LB/: “Uhum”). A gente fala “É, então vai ver que tá tendo mesmo...” (/AM/: “Pô, carro para caramba, jatinho...”). Mas aí ele vem e mostra e fala “é 0,1”, “não existe nem o nitrogênio” (/AM/: e as vacas hein e as vacas)

00:25:31 /RF/: Uma coisa engraçada é que assim tudo circula em cima do CO₂. Então você fala assim: mas porque tem que ser em cima do CO₂? O CO₂ é produzido por todas as atividades no planeta de vida. Então isso a gente vai chegar depois mais para o final da conversa em uma outra esfera. Nós estamos na parte científica, que é o primeiro andar, e o segundo andar, a segunda esfera é geopolítica, o professor Alexandre manja bastante aí, vamos até uma terceira daqui a pouco. (/AC/: “O malthusianismo”). Não, isso está lá embaixo, isso é a ralé, está no subsolo (/AC/: “É daí que começa a parte...”). Pois é. (/AC/: “...a escadaria para o inferno.”) Tudo é CO₂. E inclusive chegaram em uma coisa mais absurda que é fazer o CO₂ equivalente. Como assim? Sei lá, você usa tal coisa. Aí você faz um cálculo de quanto aquilo tem de radiação para absorver na atmosfera e isso faz CO₂ equivalente. Então virou um enorme mercado, né? É só isso. É só um enorme mercado. Tanto é que não tem o menor sentido o protocolo de Kyoto, né? Você não produz, mas eu produzo a tua parte. (/AC/: “Eu poluo por você e você me paga”). Já fala que o CO₂ é poluente, é uma loucura. (/AM/: “Para você ver companhias aéreas um monte de coisa assim: Ah, aí isso aqui economizou tanto de CO₂, de emissão de não sei o quê de CO₂”). (/AC/: “E o primeiro que é tudo tirado da cartola os cálculos”). Mas espera aí: o CO₂ é a molécula principal da vida, porque ninguém aqui vai para o sol comer, certo? “Ai estou comendo.” Não, você no mínimo tem que ter uma planta para poder fazer toda a cadeia alimentar, né? Então começa por aí. Quando você tira o CO₂ da atmosfera, que é uma taxa de 400 partes por milhão,

nem isso, é 380, né? Eles jogam 400 pra fazer de conta que eles estão certos. Não é. É 380 partes por milhão, 330, 360, 380. Isso é ridículo! Não tem CO₂ na atmosfera! Vamos falar sério: não tem CO₂ atmosfera. E nós tivemos um período muito recente na história do planeta que chegou a 260, 270. As plantas C₃ iriam deixar de existir, elas iriam morrer, porque a concentração de CO₂ é tão baixa na atmosfera que elas iriam morrer, não tinham como comer, simplesmente. Então eu sou a favor: tomara que chegue a 500, 550. Por quê? Porque agora que a era dos satélites faz medição de temperatura, faz um monte de coisa, mas também faz medição de folhagem. E várias pesquisas, inclusive os noruegueses. Engraçado, né? Eles mostram que o planeta ficou verde nos últimos 40 anos. Então essa coisinha de nada de CO₂, se é que cresceu de 330 para 380, que é mais ou menos o que a gente aceita, só ajudou as plantas, não só a vegetação natural, mas como também a agricultura. (/AC/: “E até a assimilação dos fertilizantes”). Exatamente. Isso chama-se fertilização por carbono e existem “n” pesquisas, inclusive aqui no Brasil, a última saiu em 2013, o projeto FACE, que é Free Air Carbon-dioxide Enrichment, joga CO₂ assim na planta, na atmosfera livre, deixa só o CO₂ passar, as plantas começaram a crescer mais. Falou assim: “Ó, tá mais que provado cara, não tem mais essa conversa”. Inclusive a própria estufa é para isso, né? Para que que você faz a estufa? Que os cara fala do efeito estufa, sabe? É uma mentira. (/AM/: “Botei na pauta aqui, eu quero entrar nesse assunto aí”). Vamos falar daqui a pouco. Então eu vou deixar para daqui a pouco, mas só para mostrar que fizeram uma pesquisa, já tem muitos anos aqui no Brasil, já tá fazendo quase 10 anos, de você soltar CO₂ na própria atmosfera livre, deixa o vento passar pelas plantas e fizeram de controle o cafezal, né? Fora, tinha lá um ano, as plantinhas desse tamanhinho. Ali dentro, seis meses, três vezes maior tamanho. Tá mais que provado: o CO₂ ajuda a fertilização das plantas, é mais produção de comida.

00:29:27 /AC/: Não, eles conseguem nos enganar de tal maneira, porque o que você falou, tem que matar um negócio... a estufa, meu Deus do céu, para que que a gente usa estufa? Produz muito mais rápido e o que que tem mais lá? O CO₂ que eles criaram, que é uma fórmula para botar medo, né? (/RF/: “Veneno, poluição”). Aquele negócio: “ai, toma cuidado com esse H₂O aí, pode te matar”, entendeu?”

00:29:56 /LB/: Mas qual que é o argumento de que o efeito estufa seria maléfico assim, em que que se argumenta em defesa deste argumento?

00:30:06 /RF/: Tá, vamos começar explicando que a atmosfera da terra não trabalha como uma estufa, isso é um conceito totalmente equivocado que vem lá da Turma do Carl Sagan e companhia limitada. A atmosfera da terra trabalha como um amortecedor, porque se fosse sem atmosfera você fica o que? Toda a radiação que chega bate na superfície a superfície sólida, é um bom absorvedor, também é um bom emissor, ou seja, tudo que ele absorve ele manda embora. O que que a atmosfera faz? Opa! Segura esse negócio, (/AM/: “Ele rebate e a atmosfera segura”). (/LB/: “Mas não fica... mas, por exemplo, o ar tem umas partículas, e tem sólidos lá. Não fica um pouco no próprio ar? Tipo ele bate na superfície e volta?”). A atmosfera da terra trabalha de forma seletiva. O que que é a forma seletiva? Em todo um espectro de energia que chega do Sol, né, dependendo da camada da atmosfera ela faz uma seleção, ela tira aquele espectro. Então veja só como é uma benção divina mesmo. (/AC/: “São vários filtros”). Vários filtros. Ou seja, coisas extremamente malévolas que se chegasse aqui, a gente ia ser uma sopa de câncer. Já fica lá para cima. A ionosfera bloqueia tudo que você pode imaginar de coisa assim extremamente nociva, fica presa lá. Depois você começa a chegar na parte do espectro que é mais próximo do visível, mas ela não é visível que são ultravioletas. Então o primeiro espectro dos muito nocivos para o visível que a gente enxerga aqui então seria ultravioleta A, uma banda imensa gigantesca e a gente vira sopa de câncer, onde isso fica bloqueado? Lá na estratosfera, quem que bloqueia isso? O gás oxigênio molecular, o O₂, que tá aí na taxa de 21% na atmosfera. Então a primeira defesa da atmosfera é o próprio oxigênio. Aí o que acontece nesse processo: imagina que você tem uma molécula que tem uma ligação muito resistente, é muito forte, então realmente você precisa ter uma pancada gigantesca que é só o ultravioleta A, uma onda muito pequenininha que arreventa aquela ligação. Aí ela solta o oxigênio, que fica com uma perninha ali, bom, a chance de ele achar um outro oxigênio são de 21 por cento, o nitrogênio tá em 78, então ele gruda e vira o O₃, que é o ozônio. Aí são três oxigênios, aí ele vira um ônibus, né, porque era pequenininho, virou um ônibus assim. Aí ele pega o que? Olha que benção, pega o ultravioleta B que é o vizinho lado de cá, então ele modera, ele não bloqueia, ele modera. O C não chega em hipótese alguma, aí ele modera o B. Mas depois

passa um pouco, né, porque aí fica aquela coisa da camada de ozônio, aquela outra mentira né? Não, o ozônio ele se faz por causa do oxigênio atômico molecular o O₂, ele se faz O₃, mas ele precisa do que? De energia. Ou seja, só forma ozônio se tiver radiação solar. O que não tem durante os invernos nos polos? Luz. Não tem radiação solar, não é dia, é noite, não é? Fica lá três, quatro meses de noite. Bom, se você não tem luz, vai formar ozônio durante o inverno? Não. O ozônio, inclusive, ele reage muito rápido, encostou um no outro desmancha. Então veja só, é um processo de ciclagem absurdamente rápido que segura a radiação ultravioleta B, da qual nós precisamos tomar a nossa dose. Se nós não tomarmos radiação ultravioleta B tá, nós não vamos fixar por exemplo o cálcio nos ossos, então a gente precisa tomar essa radiação, o que eles fizeram? Assustaram o planeta inteiro, “Não toma sol! Não toma sol! Não toma sol! Passa protetor solar!”. Protetor solar bloqueia a radiação que você precisa tomar que é o B e não bloqueia o A, porque o A já é o outro espectro que tá quase no visível e ele anda juntinho com a luz. Ou seja, você logo de manhã cedo já está tomando o pico de radiação ultravioleta A. Aí eles mandam você tomar sol que horas de manhã? De manhã cedo ou no final da tarde. Então você fica tomando uma dose cavalariça de radiação ultravioleta A, que não te faz nenhum benefício a não ser envelhecer sua pele. E a hora que você teria que tomar sua dose medicinal de radiação ultravioleta B, quando que é? (/LB/: “meio-dia”). Meio-dia. (/AM/: “Caraca, essa é Redpill”). (/LB/: “É... pior é que eu sabia disso, você acredita? Por causa das mulheres maravilhosas de peles maravilhosas. Elas falam: ‘15 minutos no sol do meio-dia’”). 15 minutos no sol do meio-dia dependendo da estação do ano você toma um dois três vezes por semana, no verão você pode tomar até menos (/LB/: “E sem protetor”). E sem protetor, porque você tem que tomar aquela radiação ultravioleta B, se você não tomar, não adianta. E as mulheres, elas têm mais gordurinhas, eu chamo de painel solar feminino, né? Então elas têm mais gordurinhas. Por quê? Porque as mulheres em geral consomem muito mais cálcio mesmo durante a vida, então elas têm mais gordurinhas nos lugares onde toma mais sol que é justamente para fazer essa equivalência. É louco, né? A máquina humana já tá muito bem familiarizada com o ambiente que ela está, e tudo isso aí os caras foram pegando ponto a ponto as coisas para destruir tudo da gente.

00:35:01 /AM/: Mas e o tal do buraco que eles falam? Porque... (/LB/: “Da camada de ozônio”). É! Porque você tá falando do ozônio. Beleza! Eles falam como se fosse

realmente uma camada de uma cebola assim, como se fosse uma redoma mesmo. (/RF/: “É, eu chamo de preservativo planetário, né?”). É! (/AM/ e /LB/: Risos.) (/RF/: “Um absurdo!”). E aí é como se, sei lá, tivesse um buraco no meio dessa redoma ali. E aí você não pode consumir carne, sabe? Não pode andar de carro, sabe? (/AC/: “Tem que usar pronome neutro.”) (/todos/: Risos). Todas essas coisas para ir fechando, (/LB/: “Desodorante!”), para ir fechando o buraco. (/LB/: “Desodorante de, como é que chama?”). De onde é que veio o buraco aí? (/RF/: “Tem nada de buraco, né?”). (/LB/: “Aerosol”).

00:35:39 /RF/: Isso é uma história bem interessante, até escrevi um livro chamado geopolítica do ozônio, que na verdade eles descobriram que existia a anomalia do ozônio no Ártico, né? É no Ártico que tem isso aí. (/AM/: “Porque fica de noite e não consegue formar o ozônio”). E não tem muito mais continente nas altas latitudes? Então lá na Noruega em Tromsø eles já estavam pesquisando isso nos anos 30, eles falaram: “Nossa! Olha, o ozônio desaparece. Na hora que sai do inverno para a primavera não tem ozônio”. É, não tem luz, não vai ter mesmo, né? Quando chega no ano geofísico internacional de 1957 a 1958 e foi estendido a 1959 porque o sol estava no pico. O Dobson que a gente chama, que é o pai do ozônio, falou: “cara, eu quero ir para a Antártica para saber como é que é lá”. E quando ele chega lá ele toma um bruto de um susto, porque quando ele vai medir não tem nada de ozônio. Tem dias que não tem ozônio, não tem, zero. Ou dá 200, dá 100, quase zero, some. Aí falou: “Nossa! A Antártida tem anomalias muito maiores do que o Ártico”. (/AC/: “E não tem nenhuma chaminé lá”). E não tem nenhuma chaminé. (/AM/: “Nenhum jatinho, nenhuma vaca, nenhum carro passando”). Nós estamos falando dos anos 50. Imagina assim o gás da geladeira em 1950, é ridículo. E ele escreve na playa de ópticas, falando assim: “Olha as anomalias na Antártida são muito maiores que as do ártico e são totalmente naturais. Elas saem do inverno para a primavera, elas estão muito baixas e depois sobem. Por que ninguém fala no verão como é que está lá na Antártida, o ozônio? 500 unidades, o dobro. A média é 300, 500 é quase o dobro. Mas eles não falam. Aí todo ano o inverno é igual ao outro ano, outro ano, outro ano? Então quer dizer, anomalia do Ozônio de ano para ano também, ou é maior ou é menor, isso faz parte da variabilidade também.

00:37:29 /AM/: De onde surgiu o argumento do buraco? Também tem a ver com essa questão globalista. (/RF/: “Tem, tem”). De agenda? (/RF/: “Ah, tem sim, porque o primeiro painel é político científico é o IOTP”). (/AC/: “Foi antes de aquecimento global”). (/RF/: “Foi, é 1987”). Ah, foi antes do aquecimento global, a ideia do planeta aquecendo...

00:37:49 /AC/: E o Ricardo pode confirmar, mas acho que até onde eu vi assim, isso começa a ser muito falado após a Eco-92, né? (/RF/: “É, mas vem antes os painéis”). Não, vem antes já desde aquele relatório Brundtland (/RF/: “Não, o Brundtland é 87”), que era da Noruega (/RF/: “Isso, Brundtland”). Esse é de 87, aí tem um anterior que foram as Conferências de Estocolmo, é isso? (/RF/: “E tem o clube de Roma também, né? 72 nasce ali”). Os limites do conhecimento. (/RF/: “Ele entra ali, isso”). É, eu acho que até (/AM/: “Essa galera é bem malthusiano, né?”). Eu acho que tudo que a gente vê de ambientalismo radical, do ponto que eu vejo, né, que é o ponto mais geopolítico, eu consigo rastrear perfeitamente até ali o primeiro relatório do clube de Roma. Foi feito por três cientistas lá do MIT, né? A Dani(...), acho que era o nome dela, mais o marido dela e mais um. Eles lançaram um documento que foi a pauta dessas conferências de Estocolmo, onde cria-se a ideia de sustentável. Todo esse conceito de sustentável que já extrapolou há muito tempo a questão do meio ambiente, e aí que tá querendo entrar na questão de segurança alimentar, mudança comportamental, né? Porque é a ideia de você submeter o seu direito individual ao suposto benefício coletivo, futuro meio subjetivo que nunca ninguém consegue detalhar. Então é importante a gente entender que isso não surgiu do nada, entendeu? Você vai ver que lá no relatório “Limites do Crescimento”, já tá mais ou menos dada a ideia do que vai se desenvolver. (/AM/: “Já tem um passo a passo”). E ali já tá um rascunho de que isso vai ser uma ferramenta de transformação social. Se fala muito engenharia social, mas acho que poucos itens foram tão usados para engenharia social no sentido de construir uma sociedade com o pânico de um inimigo externo a todos. Toda ditadura tem um inimigo externo, sempre tem que ter (/LB/: “Porque une as pessoas, né?”). É, então a gente vai ver que todo o líder megalomaníaco, ele mira um inimigo externo. Agora como eles querem um ambiente de governança global que permita depois num futuro vir uma autoridade global de fato, tem que ser um inimigo de todos. Isso começa a ser discutido em algo que tem gente que hoje desmente, fala que não existiu. Mas engraçado que tudo que tava lá

aconteceu, né? Que foi o relatório Iron Mountain. Que eles começam a falar assim “Ó, a gente precisa de um inimigo externo”. Mas qual seria o inimigo externo? Todos, se a gente está falando em plano global, só tem duas opções: alienígenas e o meu próprio meio ambiente. E se você notar desde então, além dos anos 60, esses dois elementos vão sendo inseridos na nossa cultura, de forma a gente acreditar na possibilidade de um inimigo externo, uma invasão extraterrestre. Parece brincadeira, mas tem departamentos em governos de quase todos os países tratando disso, como enfrentar uma invasão alienígena, um monte de cargo de burocrata, um monte de dinheiro sendo gasto com isso. E por outro lado, eles viram um, que é mais fácil de comprar, a ideia que é o meio ambiente. Pega lá o Al Gore, filma caindo as geleiras lá da Patagônia, aquilo que acontece todo ano. É ponto turístico, mas as pessoas viram aquilo: “Meu Deus do céu! Está acabando a Antártica. Vai derreter tudo!” (/LB/: “Professor, eles quem? Quando o senhor fala assim eles...”). Existem pessoas interessadas, vamos deixar bem genérico, pessoas interessadas em criar um ambiente de governança global, inicialmente. Quem são essas pessoas? Pessoas que criaram organismos nesse sentido. Lá em 1919, nasce a Liga das Nações, por exemplo. A Liga das Nações vai ser o primeiro organismo eminentemente global, né, que acontece logo depois da primeira guerra e vai dar origem ao que virou a ONU. Então, por exemplo, a OMS já surge ali, como secretaria mundial de saúde. Ainda era uma secretaria. A ideia de controlar a agricultura, que na época não falava em meio ambiente, mas era o controle sobre a forma de, (/RF/: “Preocupação”), se envenenar o meio ambiente. Era isso que se pensava na época. Mas já nasce ali, então a gente vai ver aqueles que criam Think Tanks como Chatham House na Inglaterra, CFR nos Estados Unidos. O CFR vai dar origem até mesmo ao clube de Roma. E o clube de Roma vai criar essa ideia de sustentabilidade. Então não há como negar que aquelas pessoas envolvidas na criação desses organismos querem esse ambiente de governança global. (/LB/: “É tipo um Gengis Khan, um Napoleão Bonaparte, do mundo assim, um negócio meio megalomaniaco”). É, a ideia de um governo global é o antiga existe desde do Primeiro Império, né, Sargão lá... Os acadianos, quando ele governou ali toda a Mesopotâmia, a ideia dele era governar o mundo conhecido, mas só que não tinha logística. (/LB/: “Agora tem instrumento”). Isso. Esses planos são devidamente documentados, ok? Isso tudo tem documento. Nos meus livros, se a pessoa não quiser acreditar em mim, está tudo lá documentado, eles nem escondem isso,

porque a ideia não é ser secreta, é ser discreto, né? Porque já tiveram problemas com o segredo. Então a discrição é melhor, que não chama atenção e compra consciências de maneira mais fácil. Então a gente vai ver lá que desde, pelo menos, o século 18, existem documentações assim da criação de uma República Universal. Só que isso não é de uma hora para outra. Tem todo um desenvolvimento, você tinha que destruir as monarquias primeiro para implantar. Então você vê que já têm influência desde a reforma, o renascimento, o surgimento das casas bancárias que vão garantir um certo controle de recursos. Então tem uma série de etapas até o começo do Século 20, onde surgem as ferramentas próprias assim, os Think Tanks, as Fundações, os organismos multilaterais, como a Liga das Nações, e vai caminhando mais assim. Surge um sistema financeiro internacional que não tinha. Vai surgir em 1913, o Federal Reserve, um modelo de banco central para o mundo inteiro. Todo mundo copiou. E depois vai surgir o Bispo, banco de compensações internacionais que é o Banco Central dos Bancos Centrais na década de 30. Aí vem Bretton Woods, a gente vai ver que é tudo... O fim do lastro do dinheiro. Está tudo caminhando no mesmo sentido e quando a gente olha só esse ambientalismo radical, parece um negócio meio uma peça solta, mas não é. (/AM/: “Porque tá tudo interligado”) Porque são as mesmas famílias, os mesmos organismos. (/AM/: Isso que você está falando das famílias, só rapidamente para tentar contextualizar o pessoal de casa. Você está comentando dessas organizações, né? Dessas ONGs, quem seriam então os donos, aí, do mundo? A gente pode falar nomes? A gente sempre pensa em globalistas e fica lá: ‘ah o George Soros’, sei lá, ‘Bill Gates’, a gente fica com esses nomes”). Tem políticas mais poderosas assim, porque estão até há mais tempo, né? Mas normalmente é aquilo que eu falo: sempre presuma banqueiro, né? Como tem um “sempre presuma a macumba” aí, do brasileirinhos, a gente tem sempre presuma banqueiro. Quando você vai olhar, tem um banqueiro lá. Nenhum desses organismos foi criado por alguém que não seja um banqueiro. Pode falar qualquer um deles aí: Liga das Nações, ONU. (/LB/: “Só que é um negócio meio diluído, né? Não é um cara”). Ó, por exemplo: o prédio da ONU foi cedido pelo David Rockefeller, dono do Chase Manhattan. O Federal Reserve foi decidido numa reunião na casa do JP Morgan, lá nas ilhas Jekyll. E tudo isso você vai vendo quem criou o bispo foi a família Rothschild, quem criou o CFF foi a família Rockefeller, você começa a ver todas essas famílias e aí você vai ver, por exemplo, o Gates é uma continuidade da fundação Rockefeller tanto que o primeiro presidente da

fundação Rockefeller era o Frederick Gates. É o inventor da filantropia. Quem inventou a filantropia? Foi o Frederick Gates, no final do século 19 ainda. Então gente vai ver que tudo isso tá caminhando junto e aí você vê a questão das mudanças comportamentais, as questões ideológicas, educacionais, até a estrutura dos países, você vê que a gente foi mudando. A ideia de suprema corte, por exemplo, de onde surgiu isso daí? Por que? Pensa bem, porque nós temos a divisão de poder e a gente tem um poder que não é a gente escolhe? Por que ser um poder e não um departamento de estado? Como era na verdade antigamente, agora a gente está numa época que tudo que era antes fica parecendo absurdo fala não, pera aí como por exemplo a existência de banco central, a humanidade viveu seis mil anos sem isso e vivemos muito bem todo mundo vivia bem aí você precisa criar o banco central, per aí precisa para quem? (/RF/: “É”). A gente precisa criar uma empresa para cuidar do... precisa para quem? A gente precisava da ONU? (/AM/: “Retirar o lastro do...”). Para que que serve a ONU? Sério? Mostra na prática algo. Não serve para nada isso daí. E normalmente os burocratas que estão lá ganham 10 vezes mais do que aquelas pessoas que a gente escolheu para o nosso voto. Então respondendo resumidamente: quando você puxa o barbante sai sempre as mesmas famílias e às vezes se vê um sobrenome, que eu tava falando para ele antes da gente começar, às vezes eu vou olhar, eu fico 4, 5 horas olhando aquele negócio de genealogia. Me perco lá, porque você começa a ver as coisas, você fala: “mas esse cara aqui então quebra a regra porque é outro sobrenome”. Aí você vai ver é porque a irmã dele casou com outro, entendeu? (/LB/: “Uhum!”). E é tudo igual. E aí hoje a gente chegou nesse novo modelo de caracterização que é a caracterização via fundos de investimento, via *offshore*, via *holding*, via ONG, fundações não-governamentais, é de que não tem interesse financeiro. (/RF/: “Painel político científico”). Painel político científico. Quem conhece um pouco do que é a Indústria Farmacêutica sabe quem é que manda, eu trabalhei nessa área, na indústria médica. Na indústria médica, o mercado médico, quem manda é a Indústria Farmacêutica. A formação médica, acredito que nas outras áreas científicas acontece a mesma coisa. E finalizando, é difícil você achar algo que não esteja caminhando assim. É como se, embora fossem coisas de aspectos diferentes, com nuances e intensidades, períodos diferentes, todos empurram a bola para o mesmo lado. (/AM/: “Todos empurram a mesma agenda”). É, a mesma agenda.

00:50:27 /LB/: Isso que o senhor está falando que quem manda na indústria, quem manda na formação médica é a Indústria Farmacêutica né, (/AC/: “Cem por cento”). Então tipo, às vezes o cara, o médico tá lá prescrevendo tal coisa, não é porque ele é um malvado. É porque ele recebeu aquela formação, e era mais ou menos essa pergunta que eu queria jogar pro Felício...

00:51:02 /AC/: Só fechando isso, para ver essa questão médica que vai servir de exemplo para ele falar da área dele. Quem tiver interesse, tem livros sobre isso, inclusive da Fapesp, eu indico sempre nas minhas lives. A Fundação Rockefeller é a responsável pelo que é a medicina hoje. Começou com a fundação do Andrew Carnegie, que foi criado um pouco antes, mas depois a Fundação Rockefeller fundou praticamente todas as escolas de Medicina do mundo, entendeu? Desde 1919, eles já estavam formando escola de médico na China em 1919, em 1916 aqui no Brasil. Eles montaram nosso sistema público de saúde, chegaram aqui 1915, 1916, contrataram o Carlos Chagas, entendeu? Chega, pega o melhor do segmento. Então, toda a medicina tradicional de 6 mil anos foi jogada no lixo, porque os Rockefeller por causa de uma crise lá de cartel, eles foram obrigados a vender a Standard Oil e com esse dinheiro eles entraram na Indústria Farmacêutica, que estava nascendo naquela época. Então até hoje quem controla isso são eles. Só que hoje tá escondida nesses fundos de investimento como o Blackrock, Vanguard, SSGA, JP Morgan Chase. Enfim, indico a todos assim: puxe o barbante e sempre presume um banqueiro, que vai sair um deles ali. (/LB/: “Uhum”).

00:52:15 /LB/: Então partindo desse mesmo tipo de estrutura né, de que existe uma indústria e essa indústria forma, porque aí a gente percebe então que coisa vai perdendo um pouco do tom conspiracionista quando a gente vai percebendo que existem muitas pessoas que corroboram com a engrenagem, né, corroboram a engrenagem, na verdade, mas sem saber ali né, elas estão girando a engrenagem sem saber. (/AC/: “Noventa por cento”). Eu gostaria de saber da sua parte. (/AM/: “Fazem manutenção”). É, fazem a manutenção. Não é nem corroboram com, que corroborar não pede preposição, é um verbo transitivo direto, já fica o questionamento, fica a dica aí já. Mas dentro do corpo científico, Felício, você acha que acontece a mesma coisa, porque o que acontece, a gente hoje, o Alexandre fala muito disso, dessa deificação, dessa santificação da ciência, acho até interessante

daqui a pouco voltar com relação a esse assunto mas eu não acho que existem e se eu tiver falando bobeira me corrija, muitos pesquisadores que se creem realmente muito sérios ali, o cara não tá favor de a, b, x, y. (/AM/: “São bem intencionados também”). Muito bem intencionados, honestos, sei lá, eventualmente até cristãos, sei lá, e a pessoa acaba corroborando esse discurso. Você acha que essa pessoa, entrou na engrenagem como um fantoche assim, sem saber do que se trata quando nós falamos da questão do aquecimento global?

00:53:38 /RF/: Bom, é “de boa intenção o inferno está cheio” que a gente fala, né? Primeiramente para receber financiamento público para fazer a pesquisa, ele já tem que falar a linguagem, então eu não sei se é muito isento, sabe? Então tipo, eu vi algumas coisas assim do tipo “ah, a temperatura vai subir meio grau no planeta e aí, então, essas espécies de pássaros vão poder chegar até altitude tal”. Eu falei “nossa cara, que conclusão sensacional de pesquisa”, mas rendeu lá uma linha no currículo que falou sobre aquecimento global. Faz parte da patota e segue o bonde. Então, assim, eu fico muito preocupado com isso, se de fato não sabem ou se fingem não saber, porque na minha visão os cientistas são a classe mais covarde que eu conheci na minha vida. São pouquíssimos, acho que uma fração insignificante de pessoas, que falam contra. E quanto morreu de cientistas nos últimos três anos. O professor Alexandre deve estar sabendo. O que morreu de cientistas nos últimos três anos é assustador, né? (/LB/: “Morreu?”). “Morrido”. (/LB/: “tipo é... misteriosamente?”). “Morridos”. (/todos/: Risos). (/AC/: “Se eu fosse o Robert Maloney eu estaria com medo”). E muito, né? Isso só de uma área. (/AC/: “Estamos falando só de médico, né? Imagina na área dele que envolve bilhões de investimento em... Imagina madeireira, mineradora, meu...”). É, e depois a gente que é financiado pelo petróleo e agronegócio, né? Eu recebo uma fortuna de dinheiro do agronegócio e do petróleo... (/AM/: “Foi financiado pelo agronegócio”). Que é assustador! (/AM/: “Deixa o seu pix aí para a galera, então”). Pois é gente é assustador, (/AC/: “É, eles falam assim que é contra a vacina que recebe dinheiro, eu falo cara, recebe de quem, então, meu amigo?”). É muita estupidez. (/AC/: “Não é mais fácil um cara que tá vendendo bilhões de doses a 10 dólares, meio mL. Não é mais fácil esse cara que tem fama de comprar consciência médica?”) É absurdo. (/AC/: “Mas nós é que somos os vendidos”). E a gente vê que é o mercado do clima é uma coisa assustadora. Eles lavaram no mercado internacional 5 trilhões de euros.

Ninguém sabe pra onde esse dinheiro foi. (/LB/: “Eles quem?”). O mercado do carbono lavou, sumiu. Puseram 5 ou 6 traders na cadeia para falar que era os... Como é? O bode expiatório, né? (/AM/: “Laranja”). Os laranja lá, para falar “ficou 2 ou 3 anos preso”, mas sumiu esse dinheiro. (/LB/: “O que é o mercado do carbono na prática?) É assim ó: o Alexandre não vai cortar a arvorezinha dele, eu vou comprar a cota de carbono dele para minha fábrica produzir duas vezes. (/AC/: “Para eu poder poluir”). Quer dizer, aí você fala assim “o que tem a ver fábrica com CO2?” Sai tudo que é porcaria da fábrica, o CO2 é o que queimou energia, né? As coisas são assim surreais. O cara joga tudo que é porcaria de produto na natureza, “não, mas é quanto você consumiu do CO2, você usou petróleo”. Aí eu comprei a cota dele. Que beleza isso. Aí você dá um dinheirinho para ele. Mas quem decide quanto vale a tonelada de carbono, são os mesmos traders, certo? Então, mas eu faço, por exemplo, esse microfone, essas coisas que vocês estão vendo aqui, que são milhões de dólares e o CO2 não vale nada. Só que você não pode mais produzir porque você vendeu a sua cota e eu produzo. Aí você vai comprar esses equipamentos de quem? Meus. Agora pior ainda. (/AC/: “Virou uma bolsa”). É! (/AC/: “Já é uma bolsa de valores de crédito). Isso aí. Aí tem aqueles MDL, Mecanismo de Desenvolvimento Limpo, que para mim essa é a coisa mais absurda que existe. É aquele dinheiro fiduciário. “Eu vou te dar o dinheiro aqui do CO2, mas você tem que comprar o meu produto”. Aí ele te vende lá uma torre eólica porcaria que vai durar três anos, vai gerar energia elétrica nenhuma e a sua conta de luz no seu país vai ficar dez vezes mais, enquanto ele continua usando o petróleo, mantendo as suas fábricas. Então é uma máfia tão gigantesca que depois de 20 anos, mais de 20 anos já. Eu fico, assim, abismado dos caras quererem voltar isso. E o Brasil agora entrando com um cadastro de que vai registrar tudo das pessoas, das indústrias e tudo mais, para chegar no imposto do CO2. É o que eles querem. Que coisa mais maravilhosa para todos os governos do planeta de criar mais impostos, tem alguma? Não tem. (/AC/: E uma coisa importante: a partir do momento que tiver um imposto mundial, está estabelecido o governo mundial certo?). Começa por aí. (/AC/: “Porque vai ter que ter um órgão para calcular...”) (/LB/: “Prestar contas”). (/AC/: “Cobrar e punir”). (/AM/: “Fiscalizar”). E punir. O pior é o punir.

00:58:14 /AC/: E outra então: para ele punir, ele vai ter que atropelar a soberania, nós vamos ter que dar um poder que hoje não existe, para por um organismo

internacional, para que ele possa dar continuidade a isso, e a ideia da OMS agora serviu como preparação para as pessoas aceitarem isso em um outro momento.

00:58:36 /AM/: Vocês acham que você acha professor, que vai começar então por esse lado do carbono né do lado do meio ambiente do ambientalismo da sustentabilidade, porque é um argumento muito empático né algumas tipo, o cara “Tu não quer salvar o planeta pô?”

00:58:54 /AC/: Algo que você não tem como refutar porque é tudo muito grande.

00:58:57 /LB/: Abstrato, né?

00:58:58 /AM/: E é tudo muito técnico, é um técnico que tipo você não vai atrás dessa informação.

00:59:04 /RF/: É pior, eles atribuem ao ser humano o poder mudar o clima. Nós somos fantásticos, entendeu? Na hora que você vira a chave do carro lá, ou você liga a luz aqui do estúdio, você está mudando a temperatura do planeta. Cara, que poder que você tem.

00:59:20 /AC/: E como eu disse, ainda não furamos nem 20 quilômetros, cara.

00:59:24 /RF/: Assustador.

00:59:25 /AM/: Agora quando eles usam, por exemplo, fotos de ursos polares num pedacinho mínimo de gelo, essa a mudança eles...

00:59:37 /AC/: Tem que ter sangue para ficar bem chocante, estão eles pegam a hora que ele acabou de matar uma foca, aí eles põe ele assim isolado assim parece que só tem aquele negocinho de gelo ali. É uma manipulação psicológica violenta.

00:59:54 /AM/: Esse lance do sangue, eu já comentei desse perfil aqui uma vez quando a gente tava com o Richard Rasmussen inclusive, né? São dois perfis que eu acho geniais assim. Que é o *Nature is metal* e o *The Dark Side of Nature*, né?

Que são perfis só com fotos assim da natureza se matando cara, tipo assim se você larga o ser humano pelado no meio do mato, ele vai se ferrar, cara, ali a natureza vai engolir ele. Aí todo mundo fica: “Vamos salvar os bichinhos, os animaizinhos porque eles são eles são fofinhos”

01:00:28 /AC/: Não teve uma reclamação aí no *Twitter* por...

01:00:31 /AM/: Da onça lá...

01:00:31 /AC/: Uma onça pegando...

01:00:32 /AM/: Comendo uma capivara. Aí cancelaram a onça porque ela comeu uma capivara.

01:00:39 /LB/: [imitando o comentário] “E o cara que filmou: porque ele não salvou a capivara?”

01:00:40 /AC/: Mas olha como essa plantação aí no nosso imaginário, que foi feito durante décadas, levou as pessoas próximo do retardo mental, né, que o cara que acha algo se impressiona com uma onça pegando, você acha que ela almoça aonde, né? No restaurante?

01:01:02 /LB/: No RU [restaurante universitário]?

01:01:03 /AC/: A gente vê uma desconexão com a realidade e eu ultimamente eu acho que eu ando me preocupando bastante com isso, porque eu acho que eles estão conseguindo o pior que poderia acontecer em todos os sentidos, que é a substituição do que é objetivo pelo subjetivo. Porque aí quem controla o discurso está sempre com a razão. Se é subjetivo, quem controla o discurso é o que está acontecendo hoje: o que é a ideologia de gênero? É o império do subjetivismo. “Eu tô me sentindo um microfone, eu sou o microfone”. E como a gente pode fazer essa transposição para a área do Clima? Porque olha, o que ele falou, não tem como. Imagina como você vai discutir, o cara fala: “tem a média da temperatura”. Mas como você vai desmentir esse cara, né? É a mentira sem falseabilidade. Não tem como

... É que nem essa ideia de: “ó, nós estamos aqui há 15 bilhões de anos”. Tá, e aí? Como, como? E é tudo chute, é tudo chute. O cara, o Al Gore: “daqui 600 anos vai estar não sei quantos centímetros”. Vai chutar lá no inferno, né cara. Você não consegue. A meteorologia não consegue adivinhar o que vai acontecer daqui um mês. Você pode estimar, lógico, porque é um acúmulo de conhecimento, de relatório, quantos relatórios você já viu na sua vida? (Vira para RF). Para você ver: “ó, acumulou”. (/AM/: “A tendência é...”). A tendência é essa, igual você desenha no gráfico. Mas daí a falar: “não, olha, em 1985, o cara fala: em 2072, às duas horas da tarde, vai estar...”. É chute cara.

01:03:02 /LB/: Então, por exemplo, um argumento que se usa muito para se comprovar teoricamente o aquecimento global é que, teoricamente, de acordo com as previsões, a terra tinha que estar esfriando a partir de 2010. Tipo isso por si só já era um chute assim, então?

01:03:17 /AC/: De onde ele tirou o manual do proprietário? Tava escrito lá na bíblia no ano tal...

01:03:22 /LB/: Isso faz muito sentido: “cara, semana que vem a temperatura vai variar de 18 a 25 graus”. De repente, está fazendo 13.

01:03:29 /AM/: Beleza, mas e o argumento lá do...

01:03:31 /AC/: Toda essa ideia, desculpa, eu quero que ele fale sobre isso porque ele conhece, mas é que eu fico indignado com essa coisa da idolatria da ciência, esse é o nome certo, o cientificismo, é uma idolatria da ciência.

01:03:47 /AM/: Virou uma religião.

01:03:49 /AC/: Porque ciência é acúmulo provisório, é um acúmulo de conhecimento provisório. Você não pode partir dela para tomar decisão. (/LB/: “Dogmatizar, né?”) É, não pode tomar uma decisão que não pode ser revertida, como lei, né? E aí a gente vê que isso se alastrou para tudo. Veja esse campo das pesquisas de mercado, pesquisa de opinião. O último Datafolha entrevistou duas mil pessoas,

mas é sempre, mais ou menos duas mil, de 190 cidades. Se divide aí vai dar 10, 15 pessoas por cidade. E vamos olhar o fato em si, espera aí: você conversou com duas mil pessoas dividido em 190 cidades e dá mais ou menos umas 10, 15 pessoas por cidade num país de 200 milhões de habitantes de cinco mil municípios? E você dá a manchete assim: 73 por cento dos brasileiros pensam assim. Isso é pura, se o Datafolha quiser me processar, eu o desafio a fazer o mesmo, usando o mesmo método, uma pesquisa, faço isso desde 2012, nunca nenhum instituto de pesquisa quis me refutar. Eu desafio ele a fazer isso na entrada de um estádio de futebol. Eu ponho três institutos de pesquisa e a mesma pesquisa feita na saída e eu quero ver se ele consegue manter esses dados estáveis mesmo dessa forma. Porque é vigarice, nenhum método funciona e muito menos a idoneidade dessas empresas. Pensa bem: dá para você saber como pensa uma cidade entrevistando 10, 20 pessoas? É isso que eles estão fazendo. E aí toda ciência política desse país desgraçado passa um mês falando daquela porcaria daquela pesquisa. Até quem é contra se baseia naquela desgraça lá, Isso pra mim, acho que até me extrapolei aqui que eu continuo achando isso é coisa de vigarista, é isso que eu penso. (/AM/: “Total”). E imagino que deve acontecer nessas coisas mais complexas do clima (/LB/: “Mas o efeito psicológico é fortíssimo, o efeito psicológico é fortíssimo”). (/AM/: “O efeito de mostrar a foto do urso polar sozinho numa capa da revista). (/LB/: “O senhor mesmo tá falando como o senhor tem que se policiar para não cair no conto do vigário”). Porque aí você fala: “é mesmo, tem aquecimento, foi a gente que tá causando”. Aí ele [Felício] fala assim é 0,01.

01:06:31 /AM/: Agora, Felício, tá beleza. Eu tô fazendo o advogado do diabo mesmo, você já falou do...

01:06:36 /RF/: Só pra gente falar: o urso, o nome científico dele é *ursus maritimus*. Ele é nadador, ele nada. Quando ele tá em cima do gelo, ele tá tomando sol, como todos os bichos polares. Então você vai na Antártida, que não tem o urso polar, mas tem foca leopardo, foca lobo, pinguim, eles ficam em cima daqueles blocos de gelo. Aquilo, a gente chama de *crawlers*, justamente para tomar um sol e para não ser comido, né? (/AM/: “Eles não vivem ali”). Eles não vivem ali. O urso polar inclusive pode ser atacado por orcas. Então também, inclusive quando ele não está nadando para caçar, ele vai ficar em cima do gelo.

01:07:07 /AM/: Muito bom, é uma boa explicação.

01:07:10 /LB/: Caramba!

01:07:11 /AM/: Pra galera de casa, porque a gente nunca nem chegou perto disso a gente, só vê no *animal planet*.

01:07:15 /RF/: É Susan Crawford. Tava tentando lembrar o nome, deu tempo de vir na memória. Ela é especialista em ursos polares. Ela derruba completamente qualquer hipótese fraudulenta que esses caras façam sobre ursos polares. Tanto é, que ela também é perseguida no trabalho dela. Cortaram o salário, tudo. É sempre assim. Quando o cara não vai contra o negócio, ele recebe financiamento do agronegócio, do petróleo. Aí pode cortar o salário.

01:07:39 /AM/: Mas eu quero entrar nesses pesquisadores. Depois a gente vai entrar neles, por favor.

01:07:45 /AC/: Só, bem rápido: porque uma coisa também, fácil, como você tá contratando os artigos científicos, você contrata 10 e usa 2. Isso acontecia muito na medicina, *ok*? O laboratório pede: “ó, tem determinado o princípio ativo”. Eu contratava os médicos, então eu sei como é. Ainda vou escrever um livro sobre isso. (/LB/: “Por favor”). “Ó contrata o médico tal para defender esse princípio ativo”. Aí você chama dez caras para escrever. Você escolhe um ou dois para divulgar, os outros você paga o cara e não divulga o artigo. O cara ganha uma bela de uma grana, não vai reclamar, entendeu? E aí, a próxima vez, o que ele percebeu: “bom, não falei ali o que o cara queria, esse cara não vai me chamar”. É assim que funciona, essa é a realidade de uma editora médica, trabalhei muitos anos nisso, eu sei que fiz mais de 600 materiais editoriais nessa área. (/AM/: “É teve o próprio caso que o Thiago Cortez comentou aqui com a gente, né, lembra?”) (/LB/: “Sim, sim, sim”). (/AM/: Do grupo que fez uma pesquisa, fraudou uma pesquisa tipo um gerador lá. Aí lançou, os cara publicaram aí, eles esperaram três dias, soltaram no jornal, falou “aqui ó vocês publicaram”).

01:09:00 /LB/: Vou explicar esse negócio direitinho, é porque ele falou, chama “imposturas intelectuais” o livro que ele falou, tô louca pra ler. Dois pesquisadores esquerdistas nos Estados Unidos, inclusive americanos, queriam mostrar o tanto que a esquerda nos Estados Unidos da qual eles faziam parte estava burra. Eles escreveram um artigo tipo totalmente “lero lero”, tipo assim: “as posturas humanísticas americanas dos últimos séculos propagam a bestialidade fundada na...”. Sabe assim? Um monte de palavras abstratas que não significam nada junto assim, sabe? E mandaram para a maior revista, para a maior publicação, está lá no imposturas intelectuais para a maior revista científica. (/AC/: “*Cell and Lancet* caiu nessa já”). Pois é, que loucura. E a revista aprovou e publicou, e o artigo reverberou, ganhou: “Nossa que lindo”. Eu tô pensando que noventa e cinco por cento das teses de mestrado, doutorado, TCC, deve ser mais ou menos nessa mesma onda, sabe? E eles mesmos denunciaram isso depois: “cara, olha aí o que você está falando”. Diga...

01:10:09 /AC/: Eu fui coordenador editorial de 12 revistas médicas. Assim, quem paga a revista médica? A associação, tirando uma ou outra das sociedades médicas aí, que tem uma estrutura melhor como a de cardiologia, psiquiatria, mas a maioria não tem dinheiro para produzir sua própria revista, que é um negócio caro. Principalmente a logística, né? Para você fazer, você tem lá, sei lá, cinco mil médicos de determinada especialidade. Você vai mandar para todos. Então toda essa logística da revista, é muito caro hoje em dia, correio, né? Então a própria produção científica, revisão. Então quem paga isso aí?

01:10:53 /AM/: Agora eu queria só voltar, Felício, no argumento que a gente estava falando muito dos argumentos da camada de ozônio, né? O argumento aí do efeito estufa da questão da diminuição lá quanto em relação às décadas, quando o pessoal fala que “ah, em uma década aumentou tanto por cento tantos graus ali” e isso você já desmentiu aqui. Já mostrou: não, porque é isso aqui, é isso aqui, tal. Agora, e o argumento, por exemplo, do ciclo das chuvas e do aumento do nível do mar? Isso, por si só, já não seria um bom argumento, sei lá, pra essa galera falar que realmente estamos aquecendo?

01:11:33 /RF/: Não, eu fiz até um documentário agora no começo do ano, porque saiu uma matéria há 50 anos atrás que ele falou que teria 12 metros do nível do mar hoje. 12 metros por causa do CO2 inclusive. Então eu tenho todas essas relíquias guardadas e de vez em quando eu lanço. (/AM/: “Quantos metros tem hoje?”). Mesma coisa, não mudou nada. Primeiro lugar porque o McCaulley, que era um oceanógrafo que já morreu, ele fala assim: “a última coisa que o mar tem é nível”. (/AC/: “Ouvi você mesmo falando nisso uma vez, eu gravei essa frase”). É, nível. Você tem lugares que o mar não se mexe totalmente, pontos anfidrômicos chamados. Você tem lugares que o mar sobe meio metro. O Al Gore fala: “vai subir cinco metros”. O cara não sabe ler uma tabela, o imbecil, ele é muito burro. (/AC/: “Não, e o picareta comprou uma casa na praia, ele falou que ia subir cinco metros, sei lá quantos metros, mas ele comprou uma casa, não sei quantos milhões de dólares na praia”). Pois é, aí você. (/AC/: “É vigarista”). (/LB/: “Que loucura”). O pior cenário do IPCC falava que ia subir meio metro, mas meio metro o próprio El Niño já faz isso. Então o que você está falando é, atualmente, falando que as ilhas da Polinésia estão sumindo. Nós estamos há três anos seguidos de El Niño. (/AC/: “Eu vi em Ubatuba, eu vi já, você vai muito tempo no mesmo lugar você começa a ver que tem o canto da praia ali na Lagoinha que junta com o rio, eu vi aquilo meu com um metro e meio do Rio que a água entrava na casa. E assim acontece agora, aí daqui um tempo acontece de novo. Aí passa dois, três anos, os caras vão lá, tira uma foto, sai no G1, acho que foi: “olha isso que as mudanças...”. Aí você vê que a casa do Caiçara ali na esquina, que deve ter uns 70 anos, já tem um muro lá que o cara tá acostumado que todo ano a água chegava ali. Então você vê com a casa do cara já foi feita pensando nisso e aí esses vagabundo, vigarista, é o que eu falo, a maioria é vigarista, pega um expoente assim e fala que é que confirma a sua regra”). Eu fiz um documentário sobre a ilha do Guarujá em São Paulo e consegui voltar, não lembro agora mais de cento e poucos anos porque teve a linha férrea, tudo no mesmo lugar, mesma pedra onde está o Edifício Sobre as Ondas, fotografei todas as fotos possíveis, mas nada, minha gente. Passou tudo isso de tempo, não vou lembrar agora quanto tempo, seguramente dá para dizer que o mar não subiu absolutamente nada porque tá tudo no mesmo lugar. Eu não posso confundir marés, não posso confundir tempestades oceânicas com a formação, com lua cheia também, isso vai subir muito depois também vai descer muito, eu tenho n fotos de tudo que você pode imaginar. Então, não é isso.

01:14:32 /AM/: Mas os doze metros que você falou, qual que é o atual assim? Tem... o cara falou que ia subir doze metros, certo?

01:14:38 /RF/: Continua no lugar.

01:14:40 /AM/: Tá, mas o mesmo lugar é o que? Não tem então um?

01:14:41 /RF/: Não, é referente a o que? Você pode pegar os marégrafos do mundo inteiro. Primeiro que o marégrafo ele tá ligado no continente, no continente também se mexe então não é uma coisa trivial. (/AC/: "Marégrafo? Desculpa minha ignorância, marégrafo é um medidor?"). De nível do mar. (/AC/: "Baseado em maré"). Exatamente, então sobe e desce, vai lá registrando você vai ter que tirar realmente a média para saber qual é esse nível médio do mar né, é uma referência sobe, desce, sobe, desce. O problema é que os continentes também se mexem você tem regressão marinha você tem transgressão marinha, dependem daquelas placas mexe um pouquinho mexe um pouquinho ali mexeu lá também, então a lua passando nós temos não só a maré Oceânica, mas também temos maré terrestre, tem maré atmosférica, tudo está se mexendo no planeta terra então você vai ficar vendo coisinha de subir meio milímetro, um milímetro até onde isso é o erro estatístico porque as coisas do mundo estão todas se mexendo e fazer... é o que eu falo (/AM/: "E qualquer instrumento de medição não te dá uma precisão perfeita) Não, nós temos na universidade teoria dos erros, ó teoria dos erros é uma coisa extremamente bem consolidada (/AM/: "Na matemática"). Exato e quando você estuda bem aquilo você fala assim: "Cara, o mundo natural é intangível!" Eu provo isso para meus alunos, né? Quando a gente fala assim ó: "desculpa todas as medidas tem erros e você nunca vai saber qual é de fato a medida exata." Por que? Porque o número de medições que você teria que fazer dentro de um intervalo de tempo para chegar no valor real é infinito, você consegue fazer infinitas medidas? não, então já provou matematicamente a coisa do cálculo diferencial e integral que não é possível, então tudo tem erro, será que o teu erro e essa sua medida não tá inerente também ao próprio meio que você está medindo. E aí eu explico: o meio não favorece a ser medido. É como se tem asco do ser humano por balizas e bóias nele de medição, na verdade o que são as medições? São bóias de sinalização que

os seres humanos colocam na natureza para dizer o que que está mudando. Olha que loucura, como é que eu sei que o nível do mar e tal coisa, como é que eu sei que é alta pressão e baixa pressão, quando é que eu sei que quando tem muito ozônio menos ozônio, tem uma referência, quem criou a referência foi Moisés quando desceu com os dez mandamentos? Não, nós que inventamos e essas referências só servem para exatamente isso, referenciar para você entender quando tá para mais, quando está para menos, aí você vai entender porque tá para mais e porque ta pra menos, é assim que funciona a ciência, e essa é a beleza da ciência e entender como essas teleconexões se juntam né por exemplo, nós temos três anos de la niñas, praticamente la niñas significa que a circulação de ventos no Oceano Pacífico está muito forte do sentido daqui da América para Oceania, então como vento arrasta a água dos oceanos o que acontece: o nível do mar pro lado de lá, perto da Oceania está mais alto então tá um pouquinho mais alto, cinco centímetros, dez centímetros, dois centímetros, mas é porque o mar tá sendo jogado para lá aí você tem uma corrente oceânica que vem de subfundo para voltar, então é uma circulação gigantesca aí o pessoal fala as Ilhas estão desaparecendo por causa do aquecimento global, ou nós não temos outras partes da ciência que já estão mais consolidadas que nós sabemos como funciona as coisas que não permite você fazer uma explicação rasteira dessa, e é esse que é o grande problema porque pesquisar dá trabalho e a seriedade do seu trabalho é complicado, demorado e hoje nós estamos nesse produtivismo acadêmico que é ridículo por isso que os caras fazem qualquer porcaria e segue a onda que é mais fácil, coloca lá 10, 12 trabalhos no ano, isso é impossível a ciência não é fábrica ciência demora, ainda mais climatologia você precisa passar um ano inteiro de dados pra você poder fazer uma relação com alguma outra coisa, com a tua série de médias a esse ano aqui tá mais esse ta menos (/AC/: “O número de fatores da tua área é assustador”). É assustador.

01:18:35 /LB/: Agora se o que a gente tá falando então é uma farsa, né? Então, teoricamente estamos falando que é...a conclusão, né, é que é uma narrativa. A quem que interessa atribuir a culpa disso, sabe? Então nós temos aqui um espantalho, que não parece interessante, que funciona a serviço de uma narrativa que tem a ver com o Globalismo, Nova Ordem Mundial, até acho que vale a gente entrar em Nova Ordem Mundial e tal, mas a quem interessa atribuir a culpa disso? “Fulano é o culpado da derrota dessa pessoa”.

01:19:12 /AC/: Olha, eu acho que se eles conseguem direcionar essa culpa para aquilo que eles querem mudar do nosso comportamento. Então, por exemplo, querem mudar nossa alimentação, porque assim: eu considero nova ordem mundial algo diferente do Globalismo. Eu considero o Globalismo algo um aspecto desta nova ordem mundial, um novo ordenamento social, né? (/LB/: “Uma nova civilização”). Uma nova civilização. E como a ideia é que seja global, então essa transformação global. Dentre vários fatores, vários aspectos, eu considero que ele tem o Globalismo: a ideia de um governo mundial. Primeiro um ambiente de governança que vá brotar depois automaticamente essa autoridade. Não vai ter uma inauguração com fitinha e tal. Então, dentro desse aspecto, eu vejo que quem pretende criar uma nova civilização, quer criar um novo homem. Até porque as experiências totalitárias do século 20 deram errado. Por que? Porque o homem não estava em sintonia com a ideia ideológica que estava implantando. (/LB/: “Ele era o mesmo”). Você veja, por que deu errado a União Soviética? Por que o povo não aderiu aquilo? O povo era muito religioso, um povo que não tinha aquela ideia cosmopolita, não tinha aquela ideia coletivista então o que aconteceu? O povo não seguiu aquilo e o que aconteceu, deu uma matança de pelo menos 20 milhões de pessoas ali assassinadas com que eram contrárias ao regime. O nazismo é a mesma coisa. Então, por isso que surgiu ali ainda na década de 30, ou até antes um pouco? Alguns pensadores, como a escola de Frankfurt, como Antônio Gramsci, que vão falar: “Ó, não é mudar o regime político. A gente tem que mudar a pessoa”. E aí surge a ideia de aproveitar o Pavlov para fazer engenharia social, e é onde a gente está hoje. Então eles querem transformar, eles precisam transformar a gente qual é a melhor maneira? Trocar nossos vícios, nossos hábitos, né? (/AM/: “Mudar a cultura, né?”) Mudar a cultura. Então eu costumo dizer que eles vieram de fora para dentro, primeiro você muda algumas leis, aí depois você vai mudando a cultura, os hábitos das pessoas. E agora eles querem mudar a nossa alimentação e nos obrigar a determinados medicamentos, o que já é um processo transhumanista (/AM/: “Já estão falando de alimentação à base só de insetos”). E eles vão socar isso aí porque todo mundo agora como disse o Ricardo antes da gente começar, ele falou “Se aparecer uma sopa no seu prato lá quando você for jantar, você não vai poder reclamar porque é uma proteína alternativa que é como eles chamam”. Então eles vão ter que rebolar aí, pera aí “pode ter inseto na comida ou não? Ou só quando

come”. Então todas essas mudanças tendem a querer nos mudar, eles combatem o tabagismo mas tentam fomentar o uso de outra droga. Combatem o consumo de carne e querem nos obrigar comer essas porcarias baseado em larva, inseto ou mesmo carne artificial, sintético. E aí eles fazem, eles abandonam todo discurso natureza, né? (/RF/: “Sim”). Agora não é mais natural, antes era tudo tinha que comer natural, como? (/RF/: “Orgânico, né?”). Orgânico, é. Esse negócio orgânico é meio curioso, o que que não é orgânico? O que que não é orgânico, é sintético. Então pera aí é outro assim eles criam palavras, esquecem a semântica, o significado.

01:23:11 /AM/: A gente recebeu a Camila Teles que é do Agro aqui, né? E ela comentou justamente disso, dessa questão da nomenclatura, né? Você entra no mercado tá tipo cantinho saudável que é pros alimentos ali orgânicos. Aí o resto é o que? É veneno ? O resto, o cantinho não saudável.

01:23:27 /AC/: E sem contar que aí tudo o que você vê é uma farsa, toda essa agenda é uma farsa, porque eles falam assim, olha. Eu também, lógico, eu quero comer quanto menos produto químico tiver na minha comida melhor, cara, eu também acho isso. Só que você tem que balancear isso daí. Hoje, sem fertilizante químico, metade da população mundial morreria de fome. As pessoas não analisam esse tipo de coisa. E outra, por exemplo: qual é o país que mais usa defensivo agrícola? Sabe qual é? Japão.(/RF/: “Japão oito vezes, né?”). É um dos países com maior...(/RF/: “Longevidade”). Longevidade. E aí, como vocês explicam? Eu aprendi com ele também. [Aponta para Ricardo e ri]. Como você explica um negócio desse?

01:24:13 /LB/: Você vê que a gente fala tanto de 1984, mas me parece mais um “Admirável Mundo Novo” assim, sabe?

01:24:20 /AC/: Ó estou escrevendo uma ficção, não pode roubar o nome, nem deveria falar.

01:24:25 /AM/: Já começou, agora fala.

01:24:27 /AC/: Admirável 1984. Porque a gente tem que juntar o Aldous Huxley aí, né?

01:24:31 /LB/: Nossa! Porque essas coisas.

01:24:33 /AC/: Tem que juntar os dois, pelo menos.

01:24:34 /LB/: De nomenclatura, de substituir uma droga por outra e deixar as pessoas meio perdidas nos conceitos. Isso é muito admirável mundo novo, é mais isso do que 1984.

01:24:42 /AC/: É ele, o próprio Aldous Huxley, ele tinha um certo, ele ficava meio incomodado porque o livro do George fez muito mais sucesso que o dele.

01:24:54 /LB/: E ele foi aluno dele né?

01:24:57 /AC/: E o Aldous Huxley lançou o livro antes em 32, né? O outro foi lançar em 48. Então o Aldous Huxley conseguiu prever antes das experiências totalitárias que vieram depois de 33, né? Ele conhecia só a União Soviética.

01:25:14 /AM/: E é legal que assim no livro do Orwell né, as pessoas elas são controladas pelo medo e no do Huxley pelo prazer, né?

01:25:25 /AC/: O Huxley acertou a... (/LB/: “as drogas”). Pode falar palavrão aqui? (/LB/: “Que que isso? O podcast é seu meu querido.”) Não consigo. O Huxley percebeu a putaria, entendeu? (/LB/: “Nossa! Olha o palavrão!”). (/AM/: “O pessoal moralista aí do chat está chocado”). Não parece? Ele percebeu a ideia que a monogamia era vista no Admirável Mundo Novo como um ato de egoísmo e de alguém não-social, não-sociável, né? (/LB/: “Assim como a maternidade”). É. O 1984 acertou outras coisas, né? A ideia do vocabulário efêmero(/RF/ e /AM/: “A Novilíngua, né?”). “Agora não é mais isso aí. Agora mudou. Não estamos mais em guerra com a eastásia. Agora é a eurásia. Você está enganado, a gente nunca teve...”. O trabalho do Winston Smith era reescrever a história. (/LB/: “Editar o passado”). Então somando esses dois mais a questão espiritual do Senhor do

Mundo, a ideia da censura do Fahrenheit 451, né? (/AM/: “Muito bom!”), de queimar livros, então a gente está vivendo assim um aglomerado de distopias. (/todos/: Risos)

01:26:47 /AM/: E quem ousa fugir dessa narrativa imposta é massacrado, não é professor? Então queria que você contasse um pouco da sua experiência quando começou a bombar esse tema assim, foi uns anos atrás, né? Eu lembro, eu assisti o senhor, foi no Jô Soares, deu um monte de entrevista na época. Uma entrevista com a Leda, inclusive, que esteve aqui com a gente inclusive no podcast. Teve uma treta também, né? Eu cheguei a acompanhar na época, que eu queria entender o que que era o assunto e tal, de você com o Pirulla também, lá na época assim. Um respondia o outro, que ele queria tentar rebater os seus argumentos, que ele era um paleontólogo, YouTuber famoso e tal. O que é que você lembra dessa época? Como é que cresceu esse assunto assim no Brasil? Por que explodiu isso e todo mundo só falava disso? E você foi, eu acho, que um expoente ali, né? Você tem, claro, teus amigos ali, que eram meio que, cara, dissidentes, ali, dessa agenda, que também foram cancelados, que também não conseguiam verbas de pesquisa e tal. Como é que foi esse processo? Conta um pouco dessa época aí que você viveu.

01:27:59 /RF/: É, na verdade acho que o do Jô Soares, tá fazendo o quê? Dez anos e três meses hoje? Exatamente hoje. (/LB/: “Hoje?!”) Acho que é. (/LB/: “Nossa que memória. Parecendo aquele povo: ‘faz tanto tempo que a gente divorciou, *not that I’m counting*’, né?”) Exatamente, acho que ali que foi o bum. Já falava antes. Já ia em outros programas de televisão ou de... eu escrevia algum jornal, enfim, já falava sobre esse assunto como também outras pessoas, outros pesquisadores... (/AM/: “Mas qual que foi o estopim ali? Tipo: por que que você foi no Jô e aí você falou o que você falou lá, contra a agenda e a partir dali que começaram a falar disso?”). Nós estávamos na Rio+20, né? Era Rio+20? Era Rio+20. Então eu tenho uma noção do que que fizeram ali para eu ir para aquele programa. Eu acho que foi alguma ordem de alguém do governo, é a minha percepção disso. (/AC/: “Era uma arapuca”). Era uma arapuca para mim, com certeza, só que o tiro saiu pela culatra né? Eles pensaram que ia fazer chacota da coisa e não foi. Eu vejo por aí: “mas por que que eu acho que tinha que melar a Rio+20?” Porque todo mundo tava pulando fora e era o governo da Dilma, 2012 né? 2012 era Dilma. A gente escreveu uma carta para ela. (/AM/: “tem 10 anos?”). (/AC/: “teve a Rio+10, depois a Rio+20”). A

Rio+10 não sei se teve, teve Rio+10? (/AC/ : “Teve mas acho que foi na África. Acho que foi em um país africano, não foi ?”). Ah mas aí, então, não é Rio+. (/AC/: “Mas eles colocaram”) Só o logo. Então tá. Rio..., rio mais qualquer coisa. É Carnaval fora de época. Mas aí a gente escreveu uma carta, vários cientistas aqui do Brasil Inclusive, acho que tinha uns 15, 16 na época, que a gente conseguiu juntar, mandamos para presidência da República, tenho isso documentado, tá na internet essa carta para quem quiser ver, né? E mostrando que isso aí tudo era uma fraude. Não podia o Brasil se submeter a isso daí. E a partir dali é que começou uma guerra mais ferrenha, né? Uma guerra mais ferrenha, (/AM/: “mais ideológica”), de agentes que com certeza são pagos para fazer isso, né? Perseguição acadêmica total. Acabou a carreira completamente, corte de salário em 85 por cento, um monte fraudes de avaliação. Uma coisa absurda assim que era para dar para o ministério público. (/AC/: “isso aqui na Universidade São Paulo?”). É, na Universidade aqui mesmo já. (/AM/: “Era para você e os seus colegas deixarem mesmo de...”). É, só que a maior parte dos meus colegas eram mais aposentados, mais velhos, né? Nós temos, assim, expoentes, por exemplo o Kenitiro Suguio, é o 01 da geologia do Brasil, é completamente contra isso daí. Imagina um geólogo, todas as análises paleoclimáticas: “O que vocês estão falando?”. Então todo mundo que começa a falar contra esse assunto é cortado. Tira suas funções, é denegrido, assim, absurdamente. Toda hora saem notícias a meu respeito nas mídias *mainstream* que eu fico assim abismado do que que eles conseguem fazer. Inclusive fiz denúncias muito graves, né? Porque assuntos restritamente da Universidade foram parar na mão de gente da imprensa e outros palhaços que ficam falando na internet, no YouTube. E eu fiz uma denúncia muito séria disso daí. Como é que esse sujeito tem acesso a documentos internos da Universidade? Cadê o ministério público para fazer isso? Isso tudo foi colocado panos quentes em cima. Até hoje eu tô esperando a resposta dessas coisas, né? Como é que o sujeito tava... nem os meus advogados tinham acesso a coisas, que a gente queria saber o que eles estavam aprontando por trás, e o sujeito vai na televisão, na imprensa, falando coisas que a gente nem sabia, ficamos sabendo meses depois. Fiz diversos ofícios querendo saber disso. Fiz ofício até para direção falando: “Vocês são coniventes com trabalho escravo aqui dentro? Corta o salário só porque eu fui candidato a deputado?”. Naquele mês que teve eleição cortaram o salário: zero. Eu tenho um holerite escrito zero reais. Então isso é uma piada, isso é uma piada. As universidades pode fechar

e apagar a luz, fecha a porta. Aquilo ali para mim um acinte, a existência desses negócios. Porque não tem, você não tá fazendo nada de academia, você está fazendo é política. É aquilo que a gente tava falando [para Alexandre Costa]: é só política, perseguição. Os caras não querem saber disso. Então é assustador, sabe? Esse ambiente é nocivo, esse ambiente realmente é assustador. Hoje eu falarei para qualquer pai: não mande seu filho da Universidade. É pior lugar que você vai mandar teu filho. (/AC/: “E eu sou obrigado a concordar. E você serviu, acho que, de jurisprudência para depois eles fazerem o que ele fizeram com os médicos na pandemia, né?”). Exatamente, por isso que quando eu vi a “Fraudemia” acontecendo, (/AM/: “é o mesmo *modus operandi*”) na hora eu identifiquei: isso daí é...

01:32:58 /AC/: É porque eles usaram o mesmo discurso de cancelamento. Eu odeio essa palavra. O caso dele, fizeram com a doutora Nice, com o Dr. Alessandro Loiola, com o Zeballos. Fora do Brasil assim, nem prêmio Nobel se salvou. Um moleque, pena que eu não lembro o nome dele senão eu ia falar porque esse vagabundo merece ser citado, um vagabundinho lá do jornal, acho que era da folha ou do estado, que eu não consigo mais diferenciar essas porcarias, é assim, acusando o médico de, eu não lembro se era o Dr Robert Malone, ou esse que eu tenho dificuldade de pronunciar, o francês lá. O cara isolou o vírus da AIDS, cara, entendeu? Aí você vê um moleque, meu, moleque é tanto de idade quanto de mentalidade, chamar um cara desse de mentiroso, imagina! (/AM/: “De negacionista”). O que que ele tava falando ali, ele falou: “Vacina no meio de uma pandemia vai gerar variantes”. O que que aconteceu? O que aconteceu com esses idiotas nunca vão voltar atrás e admitir isso, calaram esse cara. Imagina chamar um moleque aí, meu, que deve usar pronome neutro, deve pintar o cabelo de azul. E chamando um cara como esse de negacionista, de fake News, nós chegamos a esse ponto. Mas a gente vê que eles estavam treinando antes já. (/AM/: “A gente chegamos ao ponto, professor, de ter remédio de direita e de esquerda nesse país. Teve remédio que esse médico: ‘Ah não posso receitar isso’”). Não! E o cara, um dos caras que desenvolveu o MRNA foi proibido de falar de MRNA, porque se a gente não percebeu que isso representa em jurisprudência na nossa liberdade, é porque tá faltando um pouco de cognição, né? Pensa bem. Se eles tem o poder de fazer o cara que desenvolveu a tecnologia falar: “Não você não sabe o que você está falando, eu vou calar sua boca, vou tirar o seu canal e vou te censurar e se

você continuar, vou te botar na cadeia”, imagina o que vai fazer como eu, que sou só um curioso, entendeu?

01:35:25 /LB/: Professor, o senhor fala sobre nova ordem mundial e senhor fala que o objetivo final da Nova Ordem é a construção de uma nova civilização Global, com outros os parâmetros que vão contra aqueles que são os fundamentos do ocidente né, ou seja direito romano, filosofia grega, moral judaico-cristã e tudo isso aperfeiçoado em todas as searas pelo cristianismo, né? Então quando o senhor fala em Nova Ordem Mundial, seria esse novo homem, quando a gente pega essas pautas sobre as quais o senhor tá falando, né? Sei lá, vem identidade de gênero assim, são muitas pautas que deixam uma pessoa olhando para outros aspectos relativos ao indivíduo, à sua personalidade, às suas variações e tudo de caráter muito subjetivo o senhor enxerga essas coisas todas interconectadas? (/AC/: “Sim”). Porque a gente está nessa conversa, eu tô tentando fazer, até porque nós já estamos nos encaminhando pro final, mas eu tô tentando fazer uma amarração assim, de tudo que foi dito aqui. Porque a gente fala de pronome neutro, a gente fala de aquecimento global, a gente fala de submissão a esses órgãos supranacionais, o senhor acha que de alguma forma todas essas coisas estão interconectadas, olhando para a Nova Ordem Mundial? O senhor acha que é isso?

01:36:50 /AC/: Sim. É, pra começar, é a criação do novo homem, para que ele seja, ele aceite uma nova sociedade, você precisa ter mudado o homem antes, né? Se já é algo que já vinha sendo discutido entre intelectuais revolucionários antes da Segunda Guerra Mundial e que toma muita força após a segunda guerra mundial com o pensamento da escola de Frankfurt chegando nas universidades do mundo inteiro. Mas tem uma coisa que acho que eu costumo dizer que, para gente avaliar o que é uma se uma iniciativa qualquer, um fenômeno político ou um acontecimento colabora para a construção dessa nova civilização, eu acho que a gente pode tentar identificar três pontos que vão confirmar isso, em primeiro lugar se essa iniciativa aumenta o poder dos burocratas internacionais, e diminui a soberania nacional, esse é o primeiro fator. O segundo, se o que tá acontecendo, a iniciativa, ou o fenômeno ele colabora para o fortalecimento do poder do estado e o enfraquecimento do direito individual. Esse é o segundo fator. E o terceiro que é menos visível é se ele concentra os melhores mercados nas mãos das grandes

corporações internacionais e esse é o menos visível, porque esses são os donos do projeto entendeu. Então cada vez que entra uma lei ambientalista lá: “você não pode ir plantar aqui”, “agora não é mais dois metros do rio, é quatro metros”, entendeu? Você pode ver que essas iniciativas vão no curto, médio ou às vezes só no longo prazo trazer benefício para a concentração de mercados nas mãos daqueles grandes *players* de qualquer segmento. Então quando entra uma lei aí “olha, vai ter que mudar um negócio no automóvel”, pode contar que vai dificultar a vida do pequeno. Uma nova lei ambiental, uma lei de saúde, uma lei trabalhista, vai sempre dificultar o menor, vai dificultar o empreendedorismo e isso facilita para os grandes concentrarem mercado. Então esses três itens para mim definem se um fato qualquer, ele faz com que essa agenda avance ou não. Porque se a gente pegar lá os 17 ODS da agenda 2030, e o que é mais importante, não os ODS porque o ODS é o enunciado bonitinho, né? “Vamos acabar com a fome”, todo mundo quer. O que é importante ali é prestar atenção na 169 metas, ou seja, naquilo que eles vão nos enfiar goela abaixo, para tornar possível esse enunciado bonitinho ali que todo mundo concorda. Ninguém a favor da fome, né? Não conheço nenhum diabo que olha. (/AM/: “Todo mundo é a favor das tartaruguinhas”). Todo mundo é a favor de preservar as coisas e tal, mas espera aí, você tem que por isso num contexto de realidade, né? Olha, eu não gosto de ficar matando boi, mas se for pra eu comer é outra coisa, né? Agora se o cara ficasse dando tiro, fica parecendo que o cara ta dando tiro no boi eu ia ser contra também. “Ô, vai matar o bicho para que, né?”. Eu sou contra até essa pescaria esportiva aí: tira o bicho lá, olha ele, mostra assim, aí tira o anzol do coitado e joga lá. Cara, você pescou até por um objetivo. Eu acho que é uma responsabilidade moral, você pescou o bicho fez ele sofrer, ele tem que comer isso aí, cara. Vai ficar se divertindo com o sofrimento do animal? Já sou contra isso aí. Sei que tem gente que vai discordar de mim, mas eu acho que Deus nos colocou para tomar conta dos animais não para judiar deles, entendeu? Então agora para comer o homem aqui, veja nós aqui ainda ocidentais, a gente tem o abate de animal mais humano possível. Quem já viu como é hoje? A gente vê outras culturas aí, que ninguém critica, que é um negócio desumano até, mas enfim, era isso. Eu acho importante perceber esses três itens que colaboram para o avanço dessa agenda.

01:41:32 /AM/: E você falou dessas leis aí só que são leis, que são, tá me fugindo a palavra, por exemplo, a lei do carro lá, o cara passou uma lei que tem que agora no carro ter tal coisa ou agora só pode plantar tantos metros do rio não sei o que, são coisas que num primeiro momento ninguém dá tanta importância porque não é... (/LB/: “São inofensivas”). Inofensivas, é isso, mas ainda assim você pega uma questão tipo de pandemia que eles estavam chamando a pandemia aí, com as máscaras, impuseram as máscaras assim, um argumento totalmente anti científico, né porque se o cara tava comendo com a máscara num restaurante assim ele sentava ele tirava a máscara, o que, o vírus a partir de um certa altura não pega. (/RF/: “É seletivo”). (/AC/: “A melhor de todas é a do aeroporto”). Quando você vai no avião, exato. (/AC/: “A do aeroporto é a melhor”). Então assim... (/AC/: “Tem que ficar três horas 3 metros de distância antes de entrar no avião aí no avião se encosta no cara”). (/LB/: “Uhum, tira a máscara pra beber”). (/AC/: “Depois de cinco, seis horas no avião você tem que sair e se afastar 3 metros enquanto espera a mala”). No metrô, no metrô, todo mundo de máscara, as pessoas colada igual sardinha, então assim, não faz sentido lógico só que as pessoas aceitam isso passivamente e o que que ele chamaram isso, novo normal então é aquela lance do novo homem também que você tá falando.

01:42:55 /AC/: E o mais interessante é que o fórum econômico mundial por exemplo estava usando a expressão “novo normal” dois, três anos antes da pandemia já, e todo mundo tem que saber isso. (/LB/: “Mas para fazer referência a que?”).

01:43:08 /AC/: Posso falar para as pessoas, para matar essa história toda aí da pandemia. Procurem um negócio chamado event 201 que ocorreu em Baltimore no John Hopkins foi uma simulação de pandemia que aconteceu dois meses antes da academia aí. (/AM/: “Eu vi isso aí”). Em um hospital lá, John Hopkins, e em parceria Fundação Rockefeller Fundação Bill e Melinda Gates, fórum econômico Mundial, uma espécie de Ministério da Saúde da China, um cara que trabalha com o Anthony Fauci, lá do CDC. Então as pessoas tem que ver isso daí e não esperem isso da imprensa, porque a imprensa é nosso inimigo. A gente já tem que iniciar a conversa assim. E quando você recebe uma informação dessa mídia mainstream, você já tem que partir da premissa de que ele quer te enganar e é simples assim. Não é simples perceber isso o cara que joga lixo lá na sua casa com o entretenimento, produz uns

Funk carioca, produz aquela vulgaridade, noventa por cento do tempo não é? O entretenimento é noventa por cento do tempo da televisão, o cara só joga lixo na sua casa lá, música ruim, filme ruim, pessoas, conversas inúteis, toda aquela bobagem programa de auditório, cara. Só o fato de ainda existirem programas de auditório mostra, reality show, foi piorando. Aí esse cara durante meia hora ele fala: “agora eu vou falar a verdade para eles”. Eu tô jogando lixo dentro da casa dele tô poluindo a imaginação do filho dele, estou promovendo tudo que existe contrário aos valores dele, mas agora, no jornal, vou falar a verdade para mim. O cara que ainda acredita nisso tá tomando pedrada no peito olhando para trás, entendeu? Assim não relincha por modéstia, né? Então é... eu penso assim então hoje a premissa é isso e seja sobre a pandemia, seja sobre o aquecimento global, você vai acreditar na imprensa, então você tem que começar a achar que aquele programa de auditório lá é o melhor para sua família e mergulha de vez no esgoto, entendeu?

01:45:21 /AM/: Larinha?

01:45:22/LB/: Não, eu to passada

01:45:22/AC/: Falei demais

01:45:25/AR/: Baita programa foi esse hein

01:45:26 /LB/: Eu to pensando no povo lá. Eu estou tentando imaginar como que está a reação das pessoas, sabia? Ou elas estão assim: “que povo conspiracionista louco”. Ou elas estão assim: “Caraca, nunca mais eu vou ter a mesma...”

01:45:38 /AM/: Preciso pesquisar mais, preciso.

01:45:41 /RF/: É não tem nada de teoria da conspiração, hoje é totalmente claro isso.

01:45:44 /LB/: Não, eu, assim, é nítido, mas se a pessoa cair de paraquedas e ela já está muito moldada assim, bom enfim, eu só tô tentando...

01:45:53 /AM/: Vamos pedir então uma palavra final de vocês, né? Primeiro, onde as pessoas encontram vocês nas redes sociais, se é que...

01:46:01 /LB/: Boa!

01:46:02 /AM/: Vocês utilizam uma ou mais redes sociais aí né, onde é que as pessoas acham vocês né eu tô vendo você trouxe livros também, fala aí para o pessoal de casa então escolher aí quem quer começar e vamos lá.

01:46:13 /RF/: Bom, acho que vale a pena explicar pelo menos as três esferas. Nós começamos então na parte científica, que seria a parte de meteorologia e climatologia, e mostramos que isso é uma fraude, isso não se encaixa em nenhum momento. Então, mesmo eu, estava desbravando em cima disso, mas qual é o porquê disso? Aí cai na área do professor Alexandre que é a geopolítica, a segunda esfera. Mas tem um outro problema muito maior, que é a terceira esfera, que é para que isso tudo trabalha. Quando a gente vê que eles querem tirar o CO₂ da atmosfera, como eles querem reduzir a população do planeta. Tem gente do IPCC que fala: "Nós temos que acabar com 90 por cento da população do planeta". Nós entramos na terceira esfera, que é uma batalha espiritual. Eu não sei se o professor Alexandre concorda, mas aqui, ele também concorda, que já tá mostrando ali um cartão, um cartão vermelho. É, nós entramos nessa esfera então no final das contas. Quando a gente vai concluindo tudo isso, né? Mas por que? É só poder? Não, tem uma coisa muito pior que realmente é uma batalha espiritual, entre... Agora, é realmente o bem e o mal. Nos dias derradeiros agora, a gente tá chegando nessa conclusão no final das contas. Por que submeter toda a humanidade a perder toda a sua história, né, formando uma engenharia social nesse nível, né? Está lá no relatório que saiu na Rio-92 é submeter a humanidade toda a chegar a um nível de indivíduo. Significa que eles estão realmente querendo caçar homem por homem, né, do planeta terra para se moldar ao que está vindo. É, e o que está vindo? Uma coisa muito tenebrosa aí que nós vamos ter desdobramentos terríveis a partir de 2023. Bom para quem quiser me encontrar tem um canal no YouTube, RF-Brasil, embaixada do reino, que eu acho que nosso país é o melhor país do planeta, por isso que todo mundo a batalha final acontece aqui. Sempre gosto de dizer isso, né? Tem a de Israel? Tem. Mas aqui também tem um prelúdio. E também tem

ricardofelício.net. Pessoal pode encontrar lá também, cursos, pode encontrar vídeos, etc, e material também aí suficiente pra entender um pouquinho mais sobre isso, né? Artigos científicos, ver os outros cientistas que estão falando sobre isso que é uma grande mentira que 97 por cento dos cientistas falam que aquecimento global é verdade. Isso é uma fraude gigantesca que já foi derrubada pela... Já em 2013. (/AM/: “Fica parecendo propaganda de pasta de dente, nove em cada dez dentistas concordam”). (/AC/: “Mata 99,9 por cento de germes”). O que escapa é o covid, né?

01:49:34 /AC/: Só escapou que você pegou, amigão, aí ele qualquer um que você pegou é o 01. Então eu não falo: isso aí não é coisa de vigarista? Nós estamos, as grandes corporações hoje, elas atuam como vigaristas, meu, esse negócio de programação neurolinguística de tentativa de, não é coisa de vigarista? O cara tentar fazer você tomar uma decisão que não era sua? Isso é desonesto e a gente tá aceitando esse tipo de desonestidade agora só porque tem um nome bonito, olha antes era charlatanismo, que é o nome da minha próxima live agora. Não, agora é programação neurolinguística, é uma estratégia para te convencer.

01:49:34 /AM/: Então, “ricardofelício.net”.

01:49:36 /RF/: “ricardofelício.net”.

01:49:38 /AM /: E tem o canal?

01:49:39 /RF/: RF-Brasil, embaixada do reino, canal do YouTube, vocês vão lá.

01:49:43 /AM/: Redes sociais, Facebook, Instagram, essas coisas?

01:49:44 /RF/: Tudo isso aí cancelei, não tem mais nada.

01:49:48 /AM/: Certo. E você, professor?

01:49:49 /AC/: Bom, eu tô em acho que quase todas as redes aí principais, mas a minha principal onde eu mais atuo é no YouTube mesmo, onde eu faço lives toda semana, né?

01:50:01 /AM/: Qual é o canal?

01:50:02 /AC/: Alexandre Costa. "Youtube.com/alexandrecosta" e eu vou, posso fazer propaganda aqui?

01:50:09 /LB/: Por favor, claro.

01:50:11 /AC/: Fazer propaganda. Olha, eu estou lançando dois livros, um livro de artigos chamado um copo de red Pill.

01:50:18 /AM/: Ficou muito bom. Ficou muito legal a ilustração.

01:50:21 /LB/: Ficou.

01:50:21 /AC/: Foi a caricatura do Fernando Gil, um leitor meu que fez e eu gostei muito aí ela.

01:50:26 /AM/: Bota só mais próximo do do microfone aqui do corpo para pegar bem foco, aí se levanta um pouquinho, isso.

01:50:34 /LB/: Ficou muito bom mesmo, até a franjinha ele fez, que legal.

01:50:36 /AR/: Levanta um pouco mais, bem na sua cara, isso

01:50:40 /AC/: Aqui é um livro de artigos tem acho que 50 e poucos artigos algumas das coisas que a gente falou aqui, ele deu origem agora a uma live de sexta-feira todas as sextas-feiras uma live com convidados e eu vou aproveitar aqui para assumir porque o professor o Ricardo assumiu o compromisso ó, então em algumas semanas. (/LB/: "Livre e espontaneamente.") É, porque assim, a gente usa o poder da chantagem, né? E eu tô lançando um livreto aqui que acho que vai chegar em banca de jornal e que é sobre essa questão que eu acho importante a pessoa saber

que existe praticamente um mundo por trás de tudo isso, que é o que eu tô chamando aqui de ocultismo.

01:51:26 /AM/: Mostra de novo livro ali perto, mais abaixa perto do seu rosto pra pegar o foco, isso.

01:51:30 /AC/ É um livreto aqui que ponha o mínimo, né, que a pessoa precisa para começar a estudar esse assunto e vai ver como esses elementos embora a nossa sociedade materialista e não dei muito valor a isso, vai ver como por trás de quase todas as decisões políticas ao longo de toda a história humana teve esses elementos ocultistas envolvidos. Então é um livro bem simples para quem quer iniciar esse assunto e se alguém quiser falar comigo eu estou à disposição aí, seja pelo YouTube ou pelas redes sociais.

01:52:06 /AM/: Você tá no Instagram também?

01:52:09 /AC/: Tô no Instagram eu uso pouco no Instagram mas tô começando a usar e tô em todas, Facebook, Twitter.

01:52:14 /AR/: Que também é Alexandre Costa?

01:52:15 /AC/: Tudo Alexandre Costa, a mesma foto.

01:52:17 /LB/: E tem um curso de umas cinco horas.

01:52:19 /AC/ Ah, é! Eu tenho um curso aqui no Brasil Paralelo que é o ciclo de desenvolvimento histórico do globalismo, né? Acho que chamava o Desenvolvimento Histórico do Globalismo. E eu tenho o meu curso na plataforma Hotmart, que já tem lá, sei lá, acho que umas 60 horas de aula lá no meu curso do Hotmart.

01:52:42 /AM/: Que também é sobre o globalismo.

01:52:43 /AC/: É aí é mais amplo lá, né?

01:52:48 /AM/: É me sopraram aqui no ponto que é o Desenvolvimento Histórico do Globalismo.

01:52:51 /AC/: O desenvolvimento histórico do globalismo.

01:52:52 /AM/: Que tá lá no nosso núcleo de formação, né, na plataforma da Brasil Paralelo. Então para quem assinar o núcleo ou acesso total, vai poder assistir esse e mais outros 60 cursos lá na plataforma, inclusive o da Lara.

01:53:03 /AC/: Ô, eu tive um feedback muito legal. Eu tenho vários alunos que me conheceram pelo Brasil Paralelo, e que hoje são meus alunos na plataforma.

01:53:15 /LB/: E o que é mais bacana do curso, falando como aluna, né, é que ele não pressupõe que você seja uma pessoa mega culta, conhecedora dos meandros.

01:53:27 /AC/: É porque eu também não sou.

01:53:28 /AM/: Ele é bem palatável assim, né?

01:53:30 /LB/: Ele é muito didático, é.

01:53:32 /AC/: A ideia é essa, a ideia é falar para o maior número de pessoas porque eu também tenho essa mesma percepção da nossa realidade atual, entendeu, que o professor Ricardo falou agora. A gente tá vendo que o negócio vai... a tendência é ficar cada vez mais complicada. Então o primeiro passo é entender o que está acontecendo, né? Sem esses compromissos que a mídia tem, sem a incapacidade deles que a maioria dos jornalistas *mainstream*. Eles se informam olhando eles mesmos, né? O cara de um veículo lê o outro. É uma conversa numa sala de espelho, né? Aí tu vai vê lá, aquele que lê (/AM/: “A mesma Manchete em vários veículos”). O da Folha lê o da Veja, que lê o Estadão, e o Estadão lê o G1 e o G1 leu o UOL. É isso cara, eles se resumem a isso. E às vezes nem isso leem, porque às vezes você vê um absurdo que o cara escreve, você fala “cara, você não leu o jornal que você escreve”. Em uma semana antes estava

falando ao contrário. Mas assim, a premissa é que a gente tem que ter é: essas pessoas não querem o nosso bem. A pandemia deixou isso bem evidente.

01:54:40 /AM/: Essa foi a *Redpill* desse programa, certo?

01:54:45 /LB/: Queridos muito obrigada. Obrigada por se disporem a virem até aqui, pela coragem de falar tudo isso, de organizar o pensamento e eu tenho certeza, de colocar em palavras aquilo que as pessoas só pressentiam e tateavam, ou pelo menos muitas pessoas sem dúvidas. Obrigada pela presença, viu?

01:55:03 /RF/: Obrigado.

01:55:04 /AC/: Obrigado pelo convite, foi uma honra.

01:55:04 /LB/: As portas estão sempre abertas.

01:55:06 /AC/: E é só chamar que a gente volta.

01:55:08 /AR/: Muito obrigado.

01:55:08 /LB/: Até a próxima.